

# Esperanto

*O Novo Latim da Igreja  
e do Ecumenismo*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matthias, Ulrich

Esperanto : o novo latim da Igreja e do ecumenismo / Ulrich Matthias ; tradução Ismael Mattos Andrade Ávila. -- Campinas, SP : Pontes ; Sorocaba, SP : BKMD, 2003.

Título original: Esperanto : the new latin for the church

Bibliografia.

ISBN 85-7113-177-5 (Pontes)

1. Ecumenismo 2. Esperanto 3. Latim - Latim da Igreja I. Título.

03-2016

CDD-499.992

Índices para catálogo sistemático:

1. Esperanto : Linguística 499.992

# Esperanto

*O Novo Latim da Igreja  
e do Ecumenismo*

Ulrich Matthias



Pontes



Copyright © do Autor cedido para a Pontes Editores

*Coordenação editorial:* Ernesto Guimarães

*Editoração eletrônica:* Eckel Wayne

*Capa:* Eckel Wayne sobre a igreja São Francisco de Assis em Minas Gerais

*Revisão:* Equipe de revisores da Pontes Editores

*Tradução e Organização:* Ismael Mattos Andrade Ávila  
voxvita@yahoo.com.br

*Agradecimentos especiais a:*

Bernhard Eichkorn (Fundação Metzger)

Leysester José Flores Miró (BEKO)

Lício de Almeida Castro e José Carlos Dorini Ramos (BEL)

Francisco de Oliveira Mattos (BEL)

*A edição desta obra em língua portuguesa é dedicada à memória  
do Padre Pedro H. Urbaitis (1911-1994),  
fundador da Brazila Esperantista Katolika Organizo - BEKO*

PONTES EDITORES

Av. Dr. Arlindo Joaquim de Lemos, 1333

Jardim Proença

13095-001 Campinas SP Brasil

Fone (019) 3252.6011

Fax (019) 3253.0769

E-mail: ponteseditor@lexxa.com.br



[www.ponteseditores.com.br](http://www.ponteseditores.com.br)

2003

Impresso no Brasil

## SUMÁRIO

<i>PREFÁCIO</i> .....	7
<i>A IDÉIA DE UMA LÍNGUA UNIVERSAL</i> .....	13
<i>LUDWIG ZAMENHOF</i> .....	17
<i>A IGREJA E O ESPERANTO</i> .....	25
<i>A UTILIZAÇÃO DO ESPERANTO ENTRE CRISTÃOS</i> .....	47
<i>ARGUMENTOS A FAVOR E CONTRA O ESPERANTO</i> .....	61
<i>PERSPECTIVAS</i> .....	89
<i>POSFÁCIO</i> .....	93
<i>ANEXO O ESPERANTO E A IGREJA ORTODOXA</i> .....	95
<i>APÊNDICE</i> .....	99



## PREFÁCIO

*Dr. György Jakubinyi*  
Arcebispo de Alba Iulia, Romênia

Quando se trata de latim, eu sinto sempre uma nostalgia. Em minha infância em um país comunista, a despeito das dificuldades eu consegui ser coroinha durante dez anos. Nós aprendíamos as belas orações em latim – as respostas dos coroinhas – de cor, e as recitávamos sem compreender a língua, mas nossos tutores cuidavam para que nós ao menos tivéssemos uma idéia aproximada do significado de cada uma daquelas preces em latim. Esse problema foi resolvido com a inclusão das línguas nacionais no rito latino.

Mas persiste o problema da compreensão internacional. Houve uma época, antes do Concílio Vaticano II, em que nos diziam que um católico em qualquer lugar do mundo sentia-se em casa, pois a liturgia era celebrada na mesma língua, sendo assim em geral compreendida. Vá à China, nos diziam, e também lá poderá compreender a liturgia, porque ela é em latim. Daí vem aquela anedota dos húngaros da Transilvânia: eles estavam no estrangeiro e no domingo foram a uma igreja católica. Quando eles ouviram a Santa Missa em latim, um cochichou para o outro: “Veja só, também aqui se fala húngaro!” Mas anedotas como essa não podem esconder a dificuldade do problema. Quantos católicos conseguiam desfrutar da unidade da liturgia por meio do tradicional latim litúrgico? Quantos católicos deixam seu país seja como turistas seja como trabalhadores emigrantes? Por isso, o Concílio Vaticano II decidiu introduzir para aqueles que permanecem em sua terra natal – e esses são a grande maioria – o uso da língua materna.

Em princípio, o Concílio somente permitiu o uso da língua materna na liturgia para favorecer a comunicação em geral:

E que o latim fosse conservado no rito, a não ser que houvesse alguma restrição legal. Visto que na Missa, na concessão dos sacramentos e em outras partes da liturgia o uso da língua materna não raro pode ser muito útil para o povo, permita-se dar mais espaço à língua materna, sobretudo nos sermões e leituras, em algumas falas e cantos regulamentares, os quais são individualmente abordados nos próximos capítulos.<sup>1</sup>

---

1. Constituição da Santa Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (1965) 36, 1-2

Na prática, o que ocorre é bem diferente: A língua materna substituiu por completo o latim. Eu próprio sou um latinista entusiasta. Não somente por conta de minha educação de padre católico romano, isso é, que segue o rito latino, mas também como pessoa de formação humanista, que em certa época chegou a lecionar a língua em um pequeno seminário. Seria maravilhoso se o mundo todo compreendesse o latim! Por vezes surgem guias de viagem ou livros de conversação em latim com belíssimas expressões: *Apud tonsorem*, no cabeleireiro, etc.<sup>2</sup> Onde e em que país um cabeleireiro entenderia latim?

Quando consultamos o anuário alemão “Fischer Weltalmanach 2000”, constatamos que no mundo existe somente um país em que o latim é língua oficial: *Status Civitatis Vaticanae* (*Stato Città del Vaticano*, ou Estado da Cidade do Vaticano). Segundo outras informações, também a *Repubblica di San Marino* (*Res Publica Sancti Marini*, ou República de San Marino) tem o latim como segunda língua oficial. A diferença nesses dois Estados é que no Vaticano ele é a primeira língua oficial e o italiano é a segunda, enquanto que na República de San Marino ocorre o inverso. Na prática, contudo, não é assim, pois tentaríamos em vão falar latim com o açougueiro no Vaticano. Em toda parte é o italiano que se fala. O latim tem uma posição de honra, mas não na vida cotidiana.

Devemos dizer o mesmo em relação à Igreja. O latim foi a língua oficial até o Concílio Vaticano II e continuou a ser oficial depois desse. Mas com a introdução da língua materna na liturgia, o latim perdeu seu espaço. Por que razão ainda estudá-lo, se ele regrediu dentro da realidade da Igreja? A liturgia é o principal campo para exercitar o latim. No ano de 1970, as Pontifícias Universidades, em Roma, adotaram amplamente o italiano. É claro, foi mantido um lugar honorário para o latim, mas o que ocorria com mais frequência era que os estudantes manifestavam-se em favor do italiano. Eu mesmo cheguei a Roma em 1970, para participar de altos estudos bíblicos. Foi justo naquele ano que os professores perguntaram aos estudantes se estes queriam continuar a usar o latim. Houve uma recusa geral. Entretanto, alguns professores – sobretudo os não-italianos – continuaram a usá-lo como língua de ensino sem nada perderem em termos de audiência, visto que eram professores de elevada reputação.

As Pontifícias Universidades devem aceitar os trabalhos dos estudantes em seis línguas: latim, italiano, inglês, francês, espanhol e alemão. Nos exames orais, o professor é obrigado a aceitar o latim e o italiano, além daquelas línguas que ele próprio indicar. Assim, eu certa vez pude fazer um exame oral em minha língua materna, o húngaro.

A Igreja Católica encerrou a época do latim ao incluir a língua materna na liturgia. O bom Papa João XXIII por um lado apoiou o uso da língua materna, e por outro lado desejou conservar também o latim. Isso, é claro, não funcionou. Para promover o latim o Papa Paulo VI criou, quando ainda era subsecretário, a fundação *Opus fundatum “Latinitas”*, a qual ele quando papa elevou a instituição papal por meio da carta *Romani sermonis* de 30-06-1976. Segundo informa o *Annuario Pontificio 2000* (p. 2029), a fundação tem a tarefa de favorecer o estudo do latim clássico, do eclesiástico e do medieval, além de estimular seu uso na

---

2. Ver p.ex. Angela Wilkes, *Latin for Beginners*, Londres 1999.



literatura, sobretudo a eclesiástica. O próprio Papa concede anualmente um prêmio – *Certamen Vaticanum* – para a melhor obra em latim de qualquer categoria (literária, científica, etc.). Para buscar alcançar seu objetivo, a fundação edita a revista “*Latinitas*”.

O latinista do Papa é o abade agostiniano do sul do Tirol, Carlo Egger CRSA\*, cujos livros de ensino introduziram um novo método: Ele se propõe a ensinar o latim como uma língua viva e não morta. Eu cito de seu livro didático a descrição de uma situação cotidiana: “*Cum die XIII mensis Decembris anno MDCCCCLXXVIII in placida sede domestica mea, poculum cervisiae asorbilans et fistulam nicotianam sugens, televisificum instrumentum aspicerem, rem, quam alii forsitan flocci faciant, me nonnihil commovi*” (Quando eu, em 13 de dezembro de 1978, em minha tranqüila casa, bebendo um copo de cerveja e fumando um charuto, estava sentado em frente à televisão, algo, que outros talvez considerem irrelevante, perturbou-me). Frei Egger cria novos nomes e expressões em latim para a Santa Sé e suas publicações oficiais (ex. *Acta Apostolicae Sedis*) e chegou até a editar um dicionário<sup>3</sup> para esse fim.

Todavia isso não funciona. Em toda parte, no Vaticano, fala-se o italiano. Os 21 dicastérios (i.e. “ministérios”) do Vaticano aceitam todos os documentos nas seis línguas supracitadas. Se, porém, se deseja que eles sejam tratados com maior rapidez, esses devem ser apresentados em italiano, pois todos os funcionários do Vaticano falam italiano, mas nem sempre falam outras línguas.

Dessa forma se deu que, já como bispo, eu em dois Sínodos em Roma propus que o esperanto tomasse o lugar do latim. Foi nos dois Sínodos Extraordinários sobre a Europa, em 29 de novembro de 1991 e 4 de outubro de 1999, na presença do Santo Padre. Eu via que os participantes do Sínodo já não mais falavam o latim, embora no primeiro Sínodo em 1967 aquele ainda fosse quase a língua geral. Quando eu pela primeira vez falei sobre o esperanto como o novo latim da Igreja, deparei-me com sorrisos e resistência. E o mesmo se deu novamente oito anos mais tarde. Eles simplesmente não conheciam o esperanto. Mencionei em vão que talvez houvesse nisso uma ponta de anti-semitismo, visto que o criador do esperanto era judeu-polonês. Essa frase em geral era omitida quando imprimiam meu discurso. No intervalo, alguns irmãos bispos perguntaram-me se acaso não se tratava tão somente de uma piada. Ao ver que a intenção deles não era sincera, eu respondia que havia percebido que no sínodo só conseguimos atenção se dizemos algo sensacional e por isso eu mencionara o esperanto.

Com os dois discursos sobre o esperanto eu na verdade queria lutar contra um imperialismo lingüístico. Um teólogo indiano escreveu: Se escrevermos em nossa língua materna, somos lidos por alguns eruditos. Não conseguimos atenção no exterior. Mas se um teólogo igualmente eminente escreve em inglês, todos o lêem, o citam e o aceitam na literatura especializada. As grandes línguas mundiais batam por hegemonia ou ao menos por um domínio compartilhado do mundo no âmbito lingüístico. Essa é também a tragédia lingüística das Nações Unidas, com suas várias línguas oficiais.

---

\* N.T.: CRSA – Canonici Regolari Sant’Agostino

3. *Lexicon recentis Latinitatis*, LEVaticana vol. I 1992, vol. II 1997.

Mas se uma língua nacional torna-se língua mundial, transmite-se também, queira ou não, o modo de pensar e a cultura daquele povo. Se o inglês é hoje uma língua de comunicação mundial, isso não se deve à cultura inglesa, mas ao dólar americano.

Por isso eu pensei que, se hoje em dia não mais se usa o latim na Igreja, por que não se poderia introduzir a língua internacional neutra esperanto? De repente tudo ficaria mais simples, mais barato, etc., na compreensão internacional da Igreja. É claro, eu concordo que o esperanto seja usado como língua auxiliar, e assim em casa teríamos a língua materna e, para a comunicação internacional, o esperanto. Se a Igreja aceitasse essa solução já há muito proposta, estaríamos subitamente livres do problema lingüístico na esfera internacional da Igreja Católica.

Já existem sinais de que a Igreja está pronta a aceitar o esperanto. Eu quero mencionar somente alguns: Emissões em esperanto da Rádio do Vaticano, aprovação dos textos litúrgicos nessa língua, saudações do Santo Padre em esperanto, reconhecimento da União Internacional Católica Esperantista por parte do Pontifício Conselho para os Leigos, entre outros.

As vantagens do esperanto e os serviços que essa língua poderia prestar à Igreja são agora apresentados neste livro de Ulrich Matthias. Eu espero que suas traduções em diversas línguas nacionais ajudem a que mais e mais pessoas reconheçam o valor e a utilidade do esperanto para o entendimento em todo o mundo.

## 1. INTRODUÇÃO

Sebranice é uma cidadezinha na República Tcheca, cerca de 150 km a leste de Praga. No vale abaixo de sua igreja há um local para acampamento. Todo ano, no verão, lá se reúnem jovens de cinco a dez países. Eles rezam, debatem e cantam juntos. Uma pessoa que passasse próximo ao acampamento pensaria que o que ali se fala é espanhol, italiano ou latim. Mas nada disso é correto. Os jovens falam esperanto.

“*Patro nia, kiu estas en la ĉielo, sanktigata estu via nomo...*”, assim se reza o pai nosso. Ele se parece com o latim: “*Pater noster, qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum*”. Ambas as línguas são neutras. E ambas possuem ainda outras vantagens adicionais. O latim é o antigo esperanto da Igreja. Ele remete a uma história de mais de dois mil anos. Ele foi a língua dos professores da Igreja e conservou até o início da idade moderna o papel de instrumento de comunicação dos intelectuais europeus. Por conta da abundância de textos originais, o latim terá para sempre um importante papel na teologia. O teólogo alemão Karl Rahner em 1962, em seu tratado “Sobre o latim como língua eclesiástica”, foi enfático em afirmar que “Sem conhecimento do latim a educação teológica, tal qual necessária para um padre, é pura e simplesmente inimaginável”.<sup>4</sup>

Não é tarefa deste livro contradizer essa tese. Nós queremos aqui voltar nossa atenção ao problema lingüístico dos dias de hoje. Por isso as vantagens do esperanto merecem atenção. O latim perdeu o significativo papel que outrora teve na comu-

---

4. *Zeitschrift für Katholische Theologie* 84 (1962), p. 259-299.

nicação internacional. Isso pode ser em grande parte atribuído ao enorme esforço que seu aprendizado exige. Mesmo após quatro ou cinco anos de estudo muitos alunos de latim têm ainda dificuldades em ler as obras de César ou Cícero no original. Decorar uma enormidade de declinações e conjugações é algo penoso e, do ponto de vista pedagógico, não necessariamente útil; com frequência é difícil compreender a função de uma palavra na frase, e por fim o amplo e rico léxico do latim torna o seu domínio algo quase impossível.

Em todos esses aspectos o esperanto é essencialmente superior ao latim. Em esperanto não existe nenhum verbo irregular; pelas desinências *-o* e *-a* reconhecem-se imediatamente os substantivos e adjetivos, respectivamente; plurais e acusativos são formados pelo acréscimo de *-j* ou *-n*. Por meio de um sistema de afixos, são derivadas famílias completas de palavras, de modo que em esperanto bastam mil ou duas mil raízes para que se atinja uma considerável capacidade de expressão.

Mas voltemos ao acampamento na República Tcheca. Se 80 jovens cristãos da República Tcheca, da Eslováquia, da Polônia, da Hungria, da Alemanha e da Lituânia passam juntos um fim de semana, eles têm muito a dizer uns aos outros – contanto que possam se entender. Eles trazem experiências de diferentes meios culturais e podem discutir sobre seu futuro comum em um mundo que passa por um processo de unificação.

Alguns participantes vêm de famílias profundamente religiosas e que por esse motivo vivenciaram muitas dificuldades durante o período socialista. Outros vêm de um ambiente ateu. Mas cada um deles, em algum momento de sua vida, sentiu um certo interesse por questões religiosas, pela personalidade de Jesus, pelo modo de vida cristão. O acampamento os enriquece com a experiência de um mundo novo de crença e fé.

A maioria dos jovens da Europa central e do leste estudou alemão ou inglês na escola durante cerca de cinco anos, com resultados às vezes satisfatórios, mas por vezes bem modestos. Foram despertados para o esperanto por amigos, parentes ou pelo padre; outros leram em uma revista cristã um artigo sobre a língua e se inscreveram em um curso por correspondência. Para alguns bastou meio ano para que o esperanto se tornasse sua língua estrangeira mais fluente. A pergunta é inevitável: não seria desejável ensinar o esperanto nas escolas?

Miloslav Šváček, que durante muito tempo foi presidente da seção tcheca da União Internacional Católica Esperantista, é categórico em dizer que sempre vale a pena organizar o acampamento: “Jovens de países diversos passam ali uma semana numa atmosfera cristã; eles rezam juntos e criam laços de amizade. Isso já é motivo para contentamento”.

Mas isso evoca uma visão fascinante: A de que um dia todos aqueles que crêem poderão, no mundo inteiro, compreenderem-se sem barreiras e sentirem-se verdadeiramente como uma comunidade de Jesus Cristo. Se a Igreja se posicionasse decididamente em favor do esperanto, a popularidade da língua internacional cresceria consideravelmente. Graças a essa popularidade uma comunicação internacional mais fácil e em bases neutras poderia finalmente se tornar algo evidente para toda a humanidade.

Que este livro permita a religiosos e leigos julgar por si mesmos se esse passo seria desejável.



## A IDÉIA DE UMA LÍNGUA UNIVERSAL

Existiram desde a Idade Média mais de mil tentativas de conscientemente construir uma língua. Os motivos e métodos foram os mais diversos. A gama estende-se da *Lingua Ignota*, idioma secreto de Santa Hildegard de Bingen (1098-1179), até a Língua Klingon, inventada nos Estados Unidos pelo lingüista Marc Okrand para o seriado de televisão “Jornada nas Estrelas”. Nosso interesse aqui está principalmente naqueles projetos de língua cujo objetivo é facilitar a comunicação internacional.

### O COMEÇO

Quando, no século XVII, as línguas nacionais gradualmente suplantaram o latim como língua dos europeus instruídos, a teoria das línguas universais atravessou seu período áureo. Muitos filósofos, matemáticos e filólogos notórios ocuparam-se da construção da *Lingua Universalis*. Essa língua visava a, por um lado, ser “fácil de aprender” e “servir de modo admirável à comunicação entre muitos povos”<sup>5</sup>, enquanto, por outro lado, deveria também facilitar o raciocínio e o pensamento humanos. Komenský, Descartes, Newton e Leibniz empenharam-se na construção de tal língua.

O vocabulário eles não tiraram das línguas étnicas; ele se formou com base na classificação das idéias. Newton optou por usar uma letra específica para nomear cada categoria, por exemplo, instrumentos com a letra “s”, animais com “t” e estados de espírito com “b”<sup>6</sup>, enquanto Leibniz escreveu a noção de homem como o produto a\*r, onde a significa “animal” e r “rationalis”<sup>7</sup>. Mas fazer com que esses projetos filosóficos “*a priori*” evoluíssem para uma língua que funcionasse ensinaria muitas dificuldades, como já compreendiam seus autores, e assim não é de se admirar que o sonho de facilitar o pensamento por meio de uma língua tivesse permanecido uma utopia.

Mais promissora parece ter sido a idéia de inventar uma língua planejada *a posteriori*, isto é, uma língua cujo vocabulário se baseasse em uma ou várias línguas étnicas. O primeiro projeto desse tipo parece ter sido o latim simplificado, publicado por Phillippe Labbé (1607-1667) com o título de “*Grammatica linguae universalis missionum et commerciorum*”<sup>8</sup>. Nos sé-

5. Isaj Dratwer, *Pri internacia lingvo dum jarcentoj*, Tel Aviv 21977, p. 9.

6. *Ibid.*, p. 8.

7. Umberto Eco: *A busca pela língua perfeita*, São Paulo 2001, p. 281; ver também: Wolfgang Lenzen, *Guilielmi Pacidii Non plus ultra - oder Eine Rekonstruktion des Leibnizschen Plus-Minus-Kalküls*, [Osnabrück] [2000], <http://www.philosophie.uni-osnabrueck.de/Plus-Minus.htm>.

8. Georg F. Strasser, *Lingua Universalis*, Wiesbaden 1988.

culos posteriores surgiram mais de 30 outros projetos de latim modificado, dentre os quais o “*Latino sine flexione*” (1903) do matemático italiano Giuseppe Peano (1858-1932) tornou-se o mais conhecido, além de um número equivalente de tentativas de simplificar o inglês, o francês ou alguma língua eslava. Como primeira língua planejada internacional considera-se o projeto de A. Gerber de 1832<sup>9</sup>.

Já com um aspecto bastante agradável e natural se apresentava o projeto “universalglot” publicado em 1868 por Jean Pirro (1831-1886), professor de Saint-Dizier, no oeste da França. “*Ma senior! I sende evos un gramatik e un verb-bibel de un nuov glot nomed universal glot. In futur I scripiterai evos semper in dit glot.*”<sup>10</sup> Mas nem mesmo esse projeto relativamente bem construído conseguiu atingir uma utilização prática. Isso ocorreu pela primeira vez com uma língua, que em comparação à universalglot significava em certa medida um retrocesso: o volapük, inventado pelo padre Johann Martin Schleyer (1831-1912), no sul da Alemanha.

Graças à intensa divulgação por parte de seu autor o volapük conquistou, já pouco depois de sua publicação, mais de cem mil adeptos em todo o mundo. Algumas dezenas de revistas surgiram na nova língua, e em 1889 já eram registradas 283 associações volapükistas.<sup>11</sup> Mas apesar de sua regularidade não era fácil aprender o volapük; as palavras tinham um aspecto estranho, e por volta de 1900 o movimento volapükista desapareceu quase com a mesma velocidade com que se formou.

## Esperanto

Em 1887 o oftalmologista Dr. Ludwig Lejser Zamenhof (1859-1917) publicou em Varsóvia sob o pseudônimo “Doutor Esperanto” o primeiro livro didático de sua “Internacia Lingvo”. Seu desejo era contribuir para a paz e a compreensão entre os povos. O pseudônimo “Esperanto” logo se tornou o nome da língua.

O esperanto transformou-se na mais bem sucedida língua planejada. Nos capítulos seguintes nós nos ocuparemos dela mais profundamente.

## Projetos mais recentes

No começo do século XX, algumas tentativas de reformar o volapük ou o esperanto resultaram em novos projetos de língua. No ano de 1905, os franceses Louis de Beaufront (1855-1935) e Louis Couturat (1868-1914) publicaram o Projeto ido, um esperanto reformado ao qual aderiram, no período anterior à primeira guerra mundial, cerca de 20% dos líderes e pelo menos de 3 a 4% dos partidários do movimento esperantista<sup>12</sup>. Em 1951, a “International Auxiliary Language Association” (IALA) publicou em Nova Iorque o Projeto interlíngua, elaborado por Alexander Gode, que partia de uma abordagem ex-

9. Alfonso Pechan (ed.), *Gvidlibro por supera ekzameno*, Budapest 1979, p. 22.

10. Pierre Janton, *L'Espéranto*, Paris 21977, p. 15; ver também Gaston Waringhien, *Lingvo kaj vivo*, Roterdã 21989, p. 449.

11. Umberto Eco: *A busca pela língua perfeita*, São Paulo 2001, p. 324.

12. Edmond Privat, *Historio de la lingvo Esperanto*, segunda parte, Leipzig 1927, p. 62.

tremamente naturalista, a qual abria mão da regularidade da língua em favor de um léxico mais natural. É interessante observar que cada novo projeto atraía aquelas pessoas que haviam aderido ao ido, e dessa forma elas passavam de uma novidade para outra.

Ainda hoje, vários projetos de língua são publicados a cada ano. As máquinas de busca da Internet fornecem abundantes informações sobre, por exemplo, a língua *franca nova* (1995) de C. George Boeree, EUA, o *europanto* (1996) de Diego Marani, Bélgica, para quem aquele era só uma piada, o *ekspresso* (1996) de Jay Bowks, EUA, a *latina nova* (1999) de Henricus de Stalo e a *ludlange* (2000) de Cyril Brosch, ambos da Alemanha, e a *toki pona* (2001), de Christian Richard, Canadá. Não raro essas línguas são inventadas só como diversão para seus autores, mas aqueles que esperam que seus projetos recebam aceitação geral logo descobrem como é difícil atrair um único falante que seja para a nova língua.

Ao final, só um pequeníssimo número de línguas planejadas sobreviveu à morte de seus autores. Hoje, o esperanto é falado por entre um e três milhões de pessoas em 120 países, a interlingua por cerca de mil em 25 países e o ido por cerca de 200 em dez países.

Para comparação, segue o início do Pai-Nosso em várias línguas planejadas.

#### **Volapük, Schleyer 1879:**

O fat obas kel binol in süls, paisaludomöz nem ola, kômomoed monargän ola, jenomöz vil olik, äs in sül i su tal.

#### **Esperanto, Zamenhof 1887:**

Patro nia, kiu estas en la æielo, sanktigata estu via nomo, venu via regno, fariøu via volo, kiel en la æielo, tiel ankaý sur la tero.

#### **Latino sine flexione, Peano 1903:**

Patre nostro qui es in celos, que tuo nomine fi sanctificato, que tuo regno adveni, que tua voluntate es facta sicut in celo et in terra.

#### **Ido, de Beaufront e Couturat 1905:**

Patro nia, qua esas en la cielo, tua nomo santigesez, tua regno advenez, tua volo facesez quale en la cielo, tale anke en la tero.

#### **Interlingua, Gode 1951:**

Nostre Patre, qui es in le celos, que tu nomine sia sanctificate; que tu regno veni; que tu voluntate sia facite super le terra como etiam in le celo.

#### **Klingon, Okrand 1985:**

vavma' QI'tu'Daq, quvjaj ponglIj: ghoSjaj wo'llj, qaSjaj Dochmey DaneHbogh, tera'Daq QI'tu'Daq je.





# LUDWIG ZAMENHOF

## O SURGIMENTO DO ESPERANTO

“A idéia, para cuja realização eu dediquei toda minha vida, apareceu em mim (...) na mais precoce infância e desde então nunca mais me abandonou”<sup>13</sup>, escreveu Ludwig Zamenhof em 1895 ao russo Nicolaj Borokvo. Zamenhof nasceu em 1859, no império do czar russo, na cidade de Bialystok, que hoje se situa no nordeste da Polônia, próximo à fronteira com Belarus. Sobre a importância dessa cidade no surgimento do esperanto, Zamenhof escreveu:

Este meu local de nascimento e dos anos de infância deu direção a meus futuros objetivos. Em Bialystok a população consistia de quatro diferentes elementos: russos, poloneses, alemães e judeus; cada um desses elementos falava uma língua própria e relacionava-se com os demais elementos num clima de inimizade. Naquela cidade, mais do que em qualquer lugar, uma natureza sensível experimenta o enorme fardo da infelicidade pela diversidade lingüística e convence-se, a cada momento, de que essa diversidade é a única, ou ao menos a principal, causa da separação da família humana e de sua divisão em grupos inimigos. Educaram-me como idealista, ensinaram-me que todos os homens são irmãos, mas enquanto isso, nas ruas e praças, tudo, a cada passo, fazia-me sentir que não existem homens: existem somente russos, poloneses, alemães, judeus, etc. Isso sempre foi um forte tormento para minha alma de criança, muito embora muitos talvez riam dessa “dor do mundo” em uma criança. Como naquela época parecia-me que os adultos possuíssem um tipo de força invencível, eu repetia para mim mesmo que quando fosse adulto eu teria que eliminar esse mal.<sup>14</sup>

Quando estudante, Ludwig Zamenhof começou a desenvolver idéias concretas sobre uma língua que unisse os povos. Ele era filho de um professor de línguas. Ele considerava o russo sua língua materna, mas também falava fluentemente o polonês e o alemão quando criança. Ele aprendeu francês, latim, grego, hebraico e inglês, mas dedicou-se também ao ídiche, ao italiano, ao espanhol e ao lituano<sup>15</sup>.

Sua nova língua objetivava ser facilmente aprendida e dar direitos iguais a todos. Já na idade de 18 anos, Zamenhof terminou o primeiro esboço da língua

13. L. L. Zamenhof, *Originala Verkaro*, ed. por J. Dietterle, Leipzig 1929, p. 417.

14. *Ibid.*, p. 418.

15. Adolf Holzhaus, *Doktoro kaj lingvo esperanto*, Helsinque 1969.

internacional: Em dezembro de 1878 ele festejou com alguns colegas de classe o nascimento da nova língua. Eles cantaram o hino da “Lingwe Uniwersala”, cujos versos iniciais eram os seguintes:

Malamikece de las nacjes  
Kadó, kadó, jam temp’ está!  
La tot’ homoze in familje  
Konunigare so debá.<sup>16</sup>

Inimizade das nações  
já é tempo de cair, cair!  
Toda a humanidade deve  
em uma família se unir.

Mas Zamenhof não parou de aperfeiçoar sua obra e no ano de 1881 completou outro rascunho de sua língua<sup>17</sup>. Zamenhof esforçava-se para pensar diretamente no novo idioma e dessa maneira percebeu que esse – como ele mesmo anotou – “já deixou de ser uma sombra sem fundamento desta ou daquela outra língua, com a qual eu me ocupava neste ou naquele instante; ele já recebeu sua aura individual, espírito e vida próprios, uma fisionomia definida e bem formada, sua feição independente de quaisquer influências. A fala já flui por si mesma, de um jeito flexível, gracioso e completamente livre, tal como a língua materna viva.”<sup>18</sup>

Assim, no ano de 1885, a “Lingvo Internacia” assumiu sua forma definitiva. Zamenhof concebeu um pequeno livro didático da nova língua. Mas nenhum editor estava disposto a publicá-lo. Deixemos o próprio Zamenhof contar-nos de que maneira solucionou esse problema:

Em 1886, iniciei a prática da oftalmologia em Varsóvia. Então conheci minha esposa, Klara Zilbernik, de Kaunas (...). Em 9 de agosto de 1887, nós nos casamos. Eu havia explicado à minha noiva toda a essência de minhas idéias e meus planos para o futuro. Perguntei a ela se queria partilhar esse destino comigo. Ela não só concordou plenamente como pôs à minha disposição toda a soma de dinheiro que possuía, o que possibilitou que eu, depois de uma longa e vã busca por editor, finalmente editasse por conta própria (a propósito em julho de 1887) minhas primeiras quatro brochuras (método de esperanto em russo, polonês, alemão e francês).<sup>19</sup>

A brochura tinha o título de “Internacia lingvo. Prefácio e método completo”. No prefácio Zamenhof esclarecia que grande vantagem “uma língua internacional aceita por consenso” teria para a aproximação dos povos, para a ciência e para o comércio. Já ali Zamenhof enfatizava que a língua não objetivava impor-se na vida doméstica dos povos. Não é então por culpa de Zamenhof que ainda

16. *Originala Verkaro*, p. 420.

17. Gaston Waringhien, *Lingvo kaj vivo*, Roterdã 21989, p. 41-48.

18. *Originala Verkaro*, p. 421.

19. *Enciklopedio de Esperanto*, Budapeste 1933, p. 580-581.

hoje o esperanto tenha que enfrentar o preconceito de que enfraquecerá as línguas nacionais.

De resto, encontram-se no livro as 16 regras gramaticais básicas da “Internacia Lingvo” e alguns textos ilustrativos: o Pai-Nosso, os primeiros versos do livro do Gênese, uma tradução de um poema de Heinrich Heine e dois poemas originais. Um encarte adicional continha uma lista de vocábulos com 917 raízes. Na segunda página da brochura, encontra-se uma nota que chama a atenção:



*Zamenhof aos 16 anos*

“Uma língua internacional, como todos os idiomas nacionais, é um bem comum; o autor abre mão em definitivo de todos seus direitos em relação a ela”. Diferentemente do inventor do Volapük, Johann Martin Schleyer, Zamenhof deixou para os usuários da nova língua a tarefa de fazê-la evoluir: “Eu sei muito bem que a obra de um homem não pode ser perfeita [...]. Tudo o que for passível de melhora será melhorado pelos conselhos do mundo. Eu não quis ser o criador da língua, somente quero ser seu iniciador.”<sup>20</sup>

## OS PRIMEIROS ANOS DA NOVA LÍNGUA

Zamenhof distribuiu seu “Primeiro Livro” para pessoas famosas, redações de jornal e instituições em todo o mundo. Logo vieram as primeiras respostas – com questões, críticas e conselhos, mas muitas também com elogios e aprovação. Algumas foram escritas já na nova língua. Zamenhof decidiu responder às muitas perguntas e sugestões por meio de um novo livro, que ele editou no começo de 1888, sob o título de “Segundo Livro da Língua Internacional”. Esse já foi totalmente escrito em esperanto, e nele Zamenhof contou que sua profunda crença na humanidade não o havia enganado, “pois de toda parte para cada posto de trabalho vêm multidões (...); jovens e velhos, homens e mulheres – apressam-se em trazer sua pedra para a grande, importante e imprescindível construção”<sup>21</sup>. Poucos meses após o aparecimento do “Segundo Livro” Zamenhof pôde editar a primeira obra literária em esperanto, o conto “O sopro de neve” de Puchkin, em

---

20. L. L. Zamenhof, *Dua Libro de l' lingvo Internacia*, Varsóvia 1888, ver *Originala Verkaro*, p. 26.

21. *Originala Verkaro*, p. 21.

tradução não do próprio Zamenhof, mas do químico polonês Antoni Grabowski (1857-1921).

Em dezembro de 1888 o clube volapukista de Nuremberg aderiu ao esperanto. Assim surgiu o primeiro grupo esperantista. E esse passou a editar desde setembro de 1889 a revista mensal “La Esperantisto”. Aproximadamente ao mesmo tempo apareceu uma lista de endereços com mil pessoas que já haviam aprendido o esperanto até então. “Depois de quatro anos nossa literatura já conta com mais de 50 obras diversas! (...) Existem hoje 33 métodos didáticos e dicionários de nossa língua em diversos idiomas nacionais<sup>22</sup>”, constatava Zamenhof em janeiro de 1892.

Mas nos anos subsequentes o esperanto deveria ainda se debater contra muitas dificuldades. Zamenhof vivia na pobreza, pois nem em Varsóvia nem em Grodno (onde viveu de 1893 a 1897) sua renda de oftalmologista era suficiente para mantê-lo e à sua família com dignidade. Suas dívidas cresciam, e naquela situação até mesmo sua esposa desaprovava a paixão de seu marido. Vasilij Nikolaevich Devjatnin, um dos primeiros esperantistas russos, visitou Zamenhof em dezembro de 1893 em Grodno e relatou:

Ele me apresentou à sua esposa, e depois me confessou que ela não era favorável ao esperanto, pois por causa desse ele perdera grande parte de sua clientela. “Talvez eles tenham medo”, explicou-me Zamenhof com um sorriso, “de dirigir-se a mim por pensarem que sou meio louco em ocupar-me com ‘essa coisa sem sentido’ ”.<sup>23</sup>

Alguns esperantistas pressionaram muito para que Zamenhof reformasse a língua; as discussões sobre esse tema drenaram muita energia do movimento, mas por fim resultaram ineficazes: “Devido às discussões sobre reformas o presente ano está sendo na verdade perdido para a nossa causa<sup>24</sup>”, escreveu Zamenhof em 1894, ao mesmo tempo em que exprimia sua convicção de que tudo acabaria bem. E realmente, em votações entre julho e dezembro de 1894, a expressiva maioria dos leitores da revista “La Esperantisto” manifestou-se contra quaisquer reformas.

Mal havia vencido esse problema, a jovem língua sofre um novo baque: Em fevereiro de 1895 a revista “La Esperantisto” publicou um artigo de Leon Tolstói traduzido em esperanto. Intitulado “Prudência ou Crença?”, ele levou a censura russa a proibir a entrada da revista na Rússia. A revista “La Esperantisto” perdeu assim três quartos de seus assinantes e pouco tempo depois deixou de ser editada.

Mas o esperanto sobreviveu também a isso: A partir de dezembro de 1895 o clube esperantista de Uppsala passou a editar a revista “Lingvo Internacia”, que veio a tornar-se a sucessora da “La Esperantisto”.

Aproximadamente do ano 1900 em diante, o esperanto começou a progredir consideravelmente. A situação econômica de Zamenhof melhorou. Na França muitos intelectuais aprenderam esperanto e desde 1903, em Berlim, o editor Jean Borel passou a publicar material de propaganda do esperanto em tiragens de dezenas de milhares de exemplares.

---

22. *Originala Verkaro*, p. 145-146.

23. V. N. Devjatnin, *Vizito æe d-ro Zamenhof*, LEA/G Magazino 1/1993, p. 3.

24. *Originala Verkaro*, p. 496.

Em agosto de 1905, em Boulogne-sur-Mer, no norte da França, ocorreu finalmente o primeiro Congresso Universal de Esperanto. De 20 países vieram 688 esperantistas<sup>25</sup> e esses logo se entusiasmaram com o bom funcionamento da nova língua. Lá “se reuniram não franceses com ingleses, nem russos com poloneses, mas seres humanos com seres humanos”, destacou Zamenhof em seu discurso de abertura. E Theodor Fuchs, professor universitário de Viena, descreveu de forma ainda mais solene: “A humanidade recebeu uma graça, o milagre de Pentecostes renovou-se. Todos se sentem irmãos, unidos sob o estandarte verde da esperança. Lágrimas vieram aos olhos de homens maduros e sérios, um padre católico abraçou um pastor protestante, e o criador da nova língua, Zamenhof, vagava como se estivesse em um sonho, profundamente comovido, e mal conseguia manter a compostura e a calma.”<sup>26</sup>

## A VISÃO DE MUNDO DE ZAMENHOF

Para Zamenhof a idéia de uma língua internacional era parte de um ideal mais amplo. Ele imaginava um mundo em que todas as barreiras entre os povos desaparecessem – independentemente de serem essas lingüísticas, religiosas, étnicas ou sociais. Mas, quando Zamenhof explicou seus pensamentos a esse respeito, isso não agradou a todos os usuários do esperanto. Foi justamente um teólogo, o francês Louis de Beaufront, que nos idos de 1900 opôs-se firmemente em ligar o esperanto a visões idealistas. Em vez disso, ele insistia no valor prático da língua, ao ver nela um instrumento de comunicação adequado aos contactos internacionais e ao chamar a atenção para sua utilidade no comércio, na ciência e no turismo. Beaufront não tomou parte no primeiro Congresso Universal. As feições idealistas, quase religiosas, do recente movimento esperantista o desagradavam; ele as via como um grande perigo para o êxito do esperanto<sup>27</sup>.



*Zamenhof*

---

25. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 59.

26. Marei Drassdo-Walcher, *Die Kunstsprache als Hoffnungsbanner*; Stuttgarter Nachrichten 07.03.1987.

27. Edmond Privat, *Vivo de Zamenhof*, East Perth 51977, p. 80.

Zamenhof esforçou-se em encontrar um ponto de equilíbrio entre suas convicções pessoais pacifistas, as quais ele dividia com muitos esperantistas russos pioneiros, e as posturas mais sóbrias e realistas de outros esperantistas, sobretudo franceses. Ao Primeiro Congresso Universal ele propôs uma declaração, que veio a ser unanimemente aceita. Nela ele definiu o “esperantismo” como o “esforço em difundir em todo o mundo o uso de uma língua humana neutra, que ‘sem se impor à vida interna dos povos e sem visar a substituir as línguas nacionais existentes’ desse aos homens de nações distintas a possibilidade de comunicar entre si, e que pudesse servir como língua apaziguadora das instituições públicas nos países em que diversas nacionalidades lutam entre si por questões de língua, e na qual poderiam ser publicadas aquelas obras que tivessem igual interesse para todos os povos. Qualquer outra idéia ou esperança que esse ou aquele esperantista associe ao esperantismo serão assuntos essencialmente privados, pelos quais o esperantismo não responde.”<sup>28</sup>

Mas voltemos nossa atenção para a visão religiosa de mundo de Zamenhof. Como se pode concluir da declaração mencionada há pouco, o esperanto é uma língua religiosa e ideologicamente neutra; o apreço para com a língua ou a participação em sua comunidade de usuários não pressupõem qualquer tipo de aprovação da concepção de mundo de Zamenhof.

Zamenhof não era cristão, mas simpatizava com a crença cristã e com todas as religiões que fossem abertas ao diálogo e à colaboração. Sua mãe era judia fervorosa, seu pai ateu. O próprio Zamenhof narra a evolução de sua religiosidade:

Em minha infância eu acreditava em Deus e na imortalidade da alma, naquela forma que é ensinada por minha religião de berço. Não me recordo com precisão em que ano de minha vida perdi a crença religiosa, mas me lembro de que minha incredulidade atingiu o máximo por volta dos 16 anos. Esse foi também o período mais atormentado de minha vida. A vida como um todo perdera aos meus olhos todo seu sentido e valor.<sup>29</sup>

Mas aos 17 anos ele passou a sentir algo novo: “Eu comecei a sentir que talvez a morte não fosse o fim”<sup>30</sup>, escrevia, e formava-se nele a crença em um “mistério forte e imaterial”, que é ao mesmo tempo “grande fonte de amor e verdade”, como escreveu ele em 1905 em seu poema “Prece sob o estandarte verde”. Ele tinha consciência dos efeitos positivos que a crença religiosa pode ter no homem:

O filho de uma pessoa declaradamente sem religião nunca poderá ter no coração aquela felicidade, aquele calor, que são dados a outras crianças por seu local de oração, seus costumes e tradições, pela presença de ‘Deus’ no coração. Com que cruel frequência sofre o filho de uma pessoa sem religião, quando vê outra criança, talvez bem pobre, mas com um coração feliz, indo

---

28. *Originala Verkaro*, p. 237.

29. *Vivo de Zamenhof*, p. 130.

30. *Ibid.*, p. 131.

ao seu local de oração, enquanto ela própria não tem qualquer regra que a guie, qualquer festa, qualquer costume!<sup>31</sup>

E diante de jovens cristãos ele contou: “Eu sou somente um ser humano hebreu com uma postura de crença livre; mas... o que há de mais belo no mundo do que a plena observância do ensinamento de Jesus?”<sup>32</sup>

Um tipo de convicção religiosa fez Zamenhof desejar um mundo em que reinem o amor, a verdade e a paz. Isso talvez tenha sido expressado da forma mais clara na já mencionada “Prece sob o estandarte verde”. Experiências durante sua infância, mas também progridos perpetrados por soldados russos em sua cidade natal, Bialystok, reforçaram em Zamenhof a decisão de contribuir para a convivência pacífica dos povos. Em seu discurso no Segundo Congresso Universal em Genebra, em 1906, Zamenhof relatou:

Nas ruas de minha infeliz cidade natal, homens bárbaros munidos de machados e lanças de ferro atiravam-se como bestas cruéis contra moradores pacatos, cuja única culpa era a de falarem uma língua distinta e terem uma religião étnica diferente das daqueles selvagens. Por esse motivo, fraturavam-se os crânios e furavam-se os olhos de homens, mulheres, anciãos e crianças indefesas! Não quero lhes descrever os terríveis detalhes da bestial carnificina em Bialystok; a vocês como aos esperantistas quero somente dizer que são ainda terrivelmente altos e grossos os muros contra os quais batalhamos.<sup>33</sup>

Com base nessa experiência ele ressalta que “com um esperanto tal, que deva servir exclusivamente aos objetivos de comércio e utilidade prática, nada queremos ter!”<sup>34</sup> Para ele o que importa é a “fraternidade e justiça entre todos os povos”.

Com igual afinco, mas não tão abertamente quanto o fez para derrubar as barreiras lingüísticas, Zamenhof engajou-se em um esforço pela aproximação recíproca das religiões. A sexta e última estrofe de seu poema “Prece sob o estandarte verde” traz os versos “cristãos, hebreus e muçulmanos / todos nós de Deus somos filhos”. Mas no Primeiro Congresso Universal, no qual ele apresentou esse poema ao final de seu discurso de encerramento, e na “Crestomatia Fundamental”, na qual ele o incluiu, faltou a sexta estrofe. Marjorie Boulton, autora da biografia de Zamenhof em língua inglesa, escreveu a esse respeito:

Por muitos anos amigos conseguiram que Zamenhof enfraquecesse a mensagem do poema, eliminando a sexta estrofe, segundo a qual cristãos, hebreus e muçulmanos são filhos de Deus; os amigos cristãos de Zamenhof na França temiam, durante a época do caso Dreyfus, que esse conceito compromettesse o esperanto aos olhos de muitos.<sup>35</sup>

---

31. *Vivo de Zamenhof*, p. 116.

32. *Ibid.*, p. 131.

33. *Originala Verkaro*, p. 370.

34. *Ibid.*, p. 372.

35. Marjorie Boulton, *L. L. Zamenhof - Pionira Poeto*, en: Rüdiger Eichholz (red.), *Esperanto en la moderna mondo*, Bailieboro 21982, p. 74

Com igual cuidado Zamenhof portou-se em relação às suas obras sobre “hilelismo” ou “homaranismo”. Esses tratavam de ensinamentos para a convivência fraternal dos homens. O termo “hilelismo” veio de Hillel, um erudito judeu que viveu em Jerusalém entre os anos 30 a.C. e 10 d.C. Zamenhof posteriormente preferiu o nome “homaranismo”, visto que seus ensinamentos voltavam-se contra a discriminação não apenas de judeus. Já em 1901, Zamenhof concluiu um tratado intitulado “Hilelismo” e o enviou a alguns amigos. Mas foi somente em 1906 que o publicou, lançando-o na forma de brochura e em um artigo na revista “O Esperantista Russo”. Em ambos os casos ele o fez de forma anônima, e sempre na nota de rodapé ressaltava que se podia discordar do hilelismo ou do homaranismo e ainda assim ser um excelente esperantista.<sup>36</sup>

No Congresso Universal de 1912, em Cracóvia, Zamenhof pediu para ser dispensado de todas as atribuições no movimento do esperanto a fim de que então pudesse, como uma pessoa comum, engajar-se por seus ideais<sup>37</sup>. Daí em diante ele se sentia livre para editar com seu próprio nome uma brochura com o título “homaranismo”, cujo conteúdo principal era idêntico àquele de 1906. Ela foi publicada em 1913 em Madri. Uma impressão acerca de seus pensamentos pode ser dada pelas seguintes citações:

Eu vejo em cada pessoa somente um ser humano, e julgo cada uma somente por seu valor pessoal e por aquilo que faz. Eu encaro como bárbara toda ofensa ou opressão a uma pessoa por pertencer a uma etnia, uma língua, uma religião ou uma classe social diferentes.

Eu tenho consciência de que nenhum país pertence a esse ou àquele povo, mas a todos os seus habitantes de forma totalmente igualitária, quaisquer que sejam suas supostas origem, língua ou função social [...].<sup>38</sup>

Esses excertos mostram que Zamenhof estava à frente de seu tempo. Seu engajamento pelo respeito recíproco, pela compreensão, pela igualdade de direitos e pela coexistência pacífica das religiões e dos povos ainda hoje nada perdeu de seu vanguardismo.

---

36. *Originala Verkaro*, p. 312-313, 315, 325.

37. *Ibid.*, p. 408-409.

38. *Ibid.*, p. 340.



## A IGREJA E O ESPERANTO

### O COMEÇO

A história do movimento esperantista cristão é quase tão antiga quanto a própria língua. Já poucos meses depois do surgimento do primeiro livro para ensino do esperanto alguns sacerdotes católicos interessaram-se pela nova língua, entre outros o bispo Zerr em Saratov.<sup>39</sup>



*Louis de Beaufront*



*Aleksandras Dambrauskas*

Os primeiros esperantistas católicos muito diligentes foram o lituano Aleksandras Dambrauskas (1860-1938) e o francês Louis de Beaufront (1855-1935), que citamos no capítulo precedente. Dambrauskas soube do aparecimento do esperanto ainda em 1887, quando era estudante na academia pastoral de São Petersburgo. Ele encomendou de Zamenhof o “Primeiro Livro” e com entusiasmo começou a aprender a nova língua. Uma semana depois ele escreveu a Zamenhof seu primeiro cartão postal em um esperanto irretocável<sup>40</sup>. Dambrauskas foi o autor do primeiro livro de ensino do esperanto para lituanos. Ele foi lançado em 1890 em Tilsit (Alemanha), de onde foi contrabandeado para a Lituânia, pois até 1904 o regime czarista proibia os lituanos de editar livros em sua língua materna. Mesmo Zamenhof, que naquela época vivia em Varsóvia (e entre 1893 e 1897 em Grodno), então parte do império russo, só ousava vender o livro às escondidas. “Pelas razões que o senhor provavelmente já conhece (nossas leis não permitem livros lituanos com letras latinas) o livro deve figurar no ‘Index de obras’ como ‘inacessível’”, escreveu ele a Dambrauskas em 1896.<sup>41</sup>

39. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 281.

40. *Ibid.*, p. 100.

41. *Originala Verkaro*, p. 491; ver também *Enciklopedio de Esperanto*, p.351, e Ulrich Lins, *La danøera lingvo*, Gerlingen, 1988, p. 29.

Já em 1893, Dambrauskas começou a escrever poemas originais em esperanto. Ele é chamado de “o poeta do movimento católico esperantista”. Sua “Versa<sup>1</sup>/<sub>4</sub>areto” (1905) é talvez a primeira coletânea de poemas em esperanto de um único poeta.<sup>42</sup> Ele também escreveu dois opúsculos sobre matemática e um livro de filosofia intitulado “Malgrandaj pensoj pri grandaj demandoj”<sup>43</sup> (Pequenos pensamentos sobre grandes questões). Por meio século, até sua morte em 1938, ele permaneceu fiel ao esperanto.

Louis de Beaufront foi o primeiro esperantista francês. Ele aprendeu a língua em 1888 e logo começou a divulgá-la com afinco. Em 1892 ele editou um livro de ensino do esperanto para franceses; seguiram-se diversos exercícios, dicionários, gramáticas e brochuras informativas. De Beaufront, cujo verdadeiro nome era Louis Chevreux<sup>44</sup>, estudou lingüística, filosofia e teologia; era doutor em teologia e ganhava a vida como professor particular, entre outras ocupações. Em 1893 ele escreveu um opúsculo com o título de “Preøareto por katolikoj” (Pequena coletânea de preces para católicos). Desde 1898, editou a revista em língua francesa “L’Espèrantiste”, que no ano seguinte apareceu com um suplemento em esperanto. Nessa revista Beaufront sempre disponibilizou de bom grado espaço para artigos de esperantistas católicos<sup>45</sup>. Em 1908, Beaufront deixou o movimento pelo esperanto e dedicou sua energia ao ido, que ele inventara em parceria com Couturat.

Tanto Dambrauskas quanto Beaufront posicionavam-se de forma crítica à visão de mundo religiosa de Zamenhof. Foi principalmente na revista “Ruslanda Esperantisto” que ambos discutiram bastante com Zamenhof<sup>46</sup> a respeito do “Homaranismo”. Dambrauskas era um padre católico que por sua convicção íntima mantinha uma certa distância de outros credos e religiões. De 1889 até 1895 ele esteve exilado pelo governo czarista no norte da Rússia por haver proibido os alunos católicos de obedecerem à ordem de freqüentar uma escola russo-ortodoxa.<sup>47</sup> Dambrauskas considerava o homaranismo “anti-religioso”, pois este colocaria outros princípios acima do ensinamento de Jesus Cristo.<sup>48</sup> Zamenhof respondeu a ele que o homaranismo de maneira alguma podia afastar alguém da religião, mas pelo contrário, ele podia reconduzir a Deus pessoas livre-pensadoras. Sua carta aberta a Dambrauskas na revista “Ruslanda Esperantisto”, em maio de 1906, Zamenhof concluiu com as seguintes palavras:

A Vós, Sr. D., que sei tratar-se de pessoa sincera e profundamente religiosa, um padre de Deus real e cordialmente dedicado – pergunto eu: se pudesse dirigir-se àquela grande força moral que chama de “Deus” e perguntar-Lhe se Ele prefere que os homens tenham muitas religiões e que

---

42. William Auld, *La fenomeno Esperanto*, p.80

43. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 80.

44. *La danøera lingvo*, p. 30.

45. Lorenzo Rosati, Pastro Emile Peltier (1870-1909), *Espero Katolika 1-5/1994*, p. 38.

46. Que divulgava suas opiniões, seja sob o pseudônimo de “Homarano”, seja subscrevendo-se Dr. Aleksandro Naumann; ver *Originala Verkaro*, p. 329-338

47. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 100; *La danøera lingvo*, p. 29.

48. *Originala Verkaro*, p. 329, 334.

por isso se odeiem reciprocamente e cada um diga que só sua religião é verdadeira, ou que os homens consintam entre si em ter uma ponte pela qual todas as religiões possam pouco a pouco convergir para uma religião, e que eles construam templos comuns, em que poderão fraternalmente elaborar para si ideais e costumes comuns, – o que Deus responderia? Caso esteja certo de que Ele preferiria a primeira, então lute contra o homaranismo; mas se acredita que Ele escolheria a segunda, então... não batalhe por nós (pois eu compreendo, que como padre não pode fazê-lo, ao menos agora), mas ao menos não batalhe contra nós, pois batalhando contra nós batalhará contra a vontade Daquele a Quem sempre serviu com sinceridade e honestidade.<sup>49</sup>

Beaufront, por sua vez, criticava por considerar que Zamenhof “ingenuamente esperava que o homaranismo desse à humanidade paz e felicidade plenas”.<sup>50</sup> Zamenhof respondeu a ele:

Sabemos perfeitamente bem que o homaranismo não fará dos homens anjos, da mesma forma como os esperantistas sempre souberam disso com relação ao esperanto. Não esperamos em absoluto mudar os corações daqueles homens que não querem a paz, somente queremos: a) proporcionar justiça e fraternidade interétnica a todas aquelas pessoas que o desejam e para as quais a inexistência de uma língua neutra e de um fundamento moral e religioso impossibilitou até hoje qualquer irmanação recíproca; b) fixar (e por meio de uma comunicação comum aperfeiçoar constantemente) princípios precisamente formulados, por meio dos quais se poderiam guiar aquelas pessoas que no coração sentissem a necessidade de igualdade e fraternidade interétnica, mas que contra ela constantemente pecam, simplesmente por não haverem refletido o bastante e por não disporem de um programa definido.<sup>51</sup>

Com argumentos sóbrios Louis de Beaufront conseguiu criar em muitos franceses o interesse pelo esperanto. Um deles foi Emile Peltier, padre da paróquia de Sainte-Radegonde, na região de Tours. Em 1901, Peltier começou a aprender esperanto, e já no ano seguinte outro esperantista francês, Henri Auroux, propôs a ele fundar uma organização esperantista católica. Peltier aceitou a proposta. Juntamente com Auroux ele elaborou um estatuto e começou a recrutar membros. O arcebispo de Tours, René François, deu sua permissão para que se fundasse a associação:

Recebi sua solicitação para avaliar essa iniciativa que objetiva unir os católicos de todas as nações por meio da língua internacional auxiliar chamada esperanto. Eu aprovo o projeto com muita satisfação, pois ele me parece favorecer a difusão do Evangelho e fortalecer a união dos povos.<sup>52</sup>

---

49. Ibid., p. 335-336.

50. Ibid., p. 336.

51. Ibid., p. 336-337.

52. Carta de 06-12-1902; ver Lorenzo Rosati, Padre Emile Peltier (1870-1909), *Espero Katolika* 1-5/1994, p. 39.

Assim, em dezembro de 1902, foi fundada a sociedade “Espero Katolika” (Esperança Católica). Peltier e Auroux conseguiram angariar cerca de 80 membros, mas à exceção deles próprios ninguém se dispôs a assumir qualquer tarefa. Por conta disso fracassou a tentativa de registrar a associação conforme a lei francesa. Em 1903 Peltier e Auroux decidiram provisoriamente desistir da Sociedade para fundar uma revista que servisse como “um elo internacional entre os católicos”. Sua primeira edição apareceu em outubro de 1903, igualmente sob o nome de “Espero Katolika”. Auroux assumiu a redação da revista, enquanto Peltier passou a dirigir a organização, ocupando-se da administração e da divulgação. Mas quatro meses mais tarde, em fevereiro de 1904, Auroux abandonou a redação, talvez porque sua inclinação a “práticas lingüísticas não totalmente corretas” tivesse provocado muitas críticas.

Dali em diante todas as tarefas recaíram nos ombros de Peltier – a redação da revista assim como a administração das assinaturas e a divulgação. E ao mesmo tempo Peltier tinha que cumprir também suas obrigações de padre. Somaram-se a isso problemas financeiros, pois a arrecadação das 300 assinaturas em 1904 não era suficiente para cobrir os custos de composição, impressão e postagem. E, além disso, problemas de saúde o acometiam.



*Emile Peltier*

Mas de maneira otimista Peltier persistiu no trabalho por seus ideais. Novo ânimo foi dado a ele pelo primeiro Congresso Universal em 1905. Ele foi tomado pelo pensamento de fraternidade não somente entre pessoas de diferentes nações, mas também entre pessoas de diferentes religiões e assim reuniu a coragem para iniciar um trabalho ecumênico. Em janeiro de 1906 surgiu sua “Carta aberta a todos os ministros cristãos”:

[...] Parece-me que o primeiro passo que deve ser dado é a união das religiões cristãs. Muitas crenças, preces e esperanças são comuns a todos os cristãos. Só alguns poucos pontos foram, no passado já muito distante, causa de divergência entre eles.

Não lhes parece que é chegado o tempo em que se pode pacífica, conciliatória e fraternalmente, com a alma despida das paixões de outrora, examinar essas antigas discordâncias? Não é algo de se admirar e se lamentar, e que precisa

ter fim, que discípulos daquele que ordenou: “Amem uns aos outros”, continuam a odiar-se reciprocamente por querelas ocorridas há vários séculos?!

Peltier propôs fundar uma união de ministros cristãos esperantistas para discutir em conjunto o caminho à “fraternidade universal”. Ele recebeu várias reações, algumas positivas, mas mais freqüentemente de ceticismo. Não é difícil atingir um diálogo amistoso entre ministros de diversas religiões, opinava o padre francês Requin; permanece, porém, o problema de “aplainar as arestas dogmáticas”. O pastor anglicano John Cyprian Rust em princípio concordou com as opiniões de Peltier, mas expressou também o receio de que a colaboração entre esperantistas católicos e protestantes pudesse manchar a reputação da língua em algumas Igrejas. Pode ser que Peltier tenha realmente subestimado as diferenças entre as diversas confissões, mas suas idéias para vencê-las permanecem atuais ainda hoje.

O ano de 1906 tornou-se também o ano da primeira bênção papal para o movimento católico esperantista. Em uma audiência privada em 2 de junho daquele ano, Luigi Giambene, padre esperantista de Roma, entregou ao Papa Pio X as primeiras coleções anuais da revista “*Espero Katolika*” e o livro “*Preøareto por katolikoj*” de Louis de Beaufront. Pouco depois ele recebeu do Vaticano a seguinte carta em língua italiana de 27 de junho, assinada por Monsenhor Giovanni Bressan:

Recebi a honrosa incumbência de informar que o Santo Padre favoravelmente e com especial satisfação aceitou atenciosamente as edições da revista *Espero Katolika*, com as quais humildemente o presenteastes em nome do padre Emile Peltier. Peço a Vossa Reverendíssima informar ao referido padre da satisfação do Papa e comunicar a Bênção Apostólica que Sua Santidade deu a ele e aos redatores da revista.<sup>53</sup>

De 28 de agosto a 2 de setembro de 1906, ocorreu em Genebra o Segundo Congresso Universal de Esperanto. O padre espanhol Antonio Guinard lá celebrou a Santa Missa em esperanto, durante a qual Peltier visivelmente emocionado subiu ao altar para rezar – com a permissão do vigário geral de Genebra – em esperanto.

Mas aquele foi o último Congresso Universal de que Peltier pôde participar. Sua enfermidade<sup>54</sup> cada vez mais o atormentava, e a revista “*Espero Katolika*” não raro era publicada com grande atraso. Mas ela não deixou circular. “As forças morais e espirituais – infelizmente não as físicas – eram simplesmente enormes”, escreveu Nico Hoen em sua “*História da União Católica Esperantista Internacional*”<sup>55</sup>, “e foram somente essas forças, oriundas da mais profunda fé em Deus, que sustentaram a incomensurável e admirável resistência e coragem de Peltier.”

---

53. O artigo supracitado de Lorenzo Rosati (p. 42) contém também o texto do original em italiano. Todas as informações sobre Emile Peltier e os primeiros anos da IKUE foram extraídas de artigo e de Nico Hoen, *Historio de Internacia Katolika Unuiĝo Esperantista (1903-1983)*, *Espero Katolika* 7-12-1992, p. 114-163.

54. Tratava-se de uma “doença no estômago”, ver *Espero Katolika* 7-8-2000, p. 146.

55. *Espero Katolika* 7-12-1992, p. 125.

Foi somente a partir de agosto de 1908, quando a revista deixou de circular, que se encontraram pessoas prontas a assumir o trabalho de Peltier. Claudius Colas, então com 24 anos, tornou-se o novo redator-chefe, e o abade inglês Austin Richardson encarregou-se da administração. No começo de 1909 a “Espero Katolika” reapareceu, com um artigo de Peltier, que assim desobedecia às ordens de repouso absoluto dadas por seu médico. Pouco depois Peltier peregrinou a Lourdes e pediu para Maria “curá-lo ou dar-lhe a graça de morrer no santuário”. Foi essa última graça a que lhe foi concedida. Peltier morreu aos 38 anos em 17 de fevereiro de 1909 em Lourdes. “Ele colocou-nos entre as mãos sua querida revista como uma mãe moribunda que confia a mãos amigas sua criança amada”, escreveu Claudius Colas em “Espero Katolika” de março de 1909.

Pouco mais de um ano após a morte de Peltier, em abril de 1910, realizou-se em Paris o primeiro Congresso Católico de Esperanto. No âmbito desse congresso foi fundada a União Esperantista Católica Internacional (IKUE). Nos anos seguintes a nova associação evoluiu notavelmente. A cada ano ocorriam novos congressos da IKUE, como o de 1911 em Haia, o de 1912 em Budapeste e o de 1913 em Roma. A revista “Espero Katolika” circulou mensalmente de forma regular.

Em agosto de 1914 deveria acontecer em Lourdes o 5º Congresso da IKUE. Os preparativos evoluíam conforme planejado; na “Espero Katolika” de julho/agosto de 1914 o presidente da IKUE, o padre irlandês Patrick Parker, “com grande satisfação” anunciou a bênção Papal para o congresso. Mas subitamente explodiu a primeira guerra mundial. O congresso não ocorreu; o principal organizador, Claudius Colas, foi chamado ao serviço militar e morreu poucas semanas depois, em 11 de setembro, aos 29 anos, na batalha do rio Marne.<sup>56</sup>

A revista “Espero Katolika” não mais circulou durante a primeira guerra mundial, assim como foram interrompidas as demais atividades dos esperantistas católicos.

## O MOVIMENTO ESPERANTISTA DOS PROTESTANTES

Já no começo do século XX, também os cristãos protestantes que haviam aprendido e que praticavam o esperanto fundaram uma liga internacional. O surgimento dessa liga está fortemente ligado à ACM, a Associação Cristã de Moços. Em 1906, o secretário do Comitê Central da ACM em Genebra, Barão W. von Starck, visitou o Segundo Congresso Universal de Esperanto em sua cidade. Ele logo se convenceu do valor que o esperanto poderia ter para sua associação, e em janeiro de 1907 publicou um artigo muito favorável ao esperanto em algumas revistas da ACM. Não demorou muito para que um bom número de sócios se interessasse pela língua. Alguns aprenderam-na com seriedade e logo buscaram correspondentes entre pessoas da mesma religião. Em fevereiro de 1908, o engenheiro alemão Paul Hübner (1881-1970) de Mülheim (às margens do Reno e hoje parte da cidade de Colônia) começou a editar uma pequena revista com o título “O esperanto a serviço do Reino de Deus”. Ela visava, como enfatizou Hübner, a ser “um elo

---

56. Carlo Sarandrea, Claudius Colas (1884-1914), *Espero Katolika* 9-10/2000, p. 177.

entre todos os esperantistas cristãos”, “um informativo comum sobre a vida cristã em todas as partes da Terra”, e “um guia para Jesus Cristo como nosso único Salvador”.<sup>57</sup>

A exemplo do católico, também no movimento esperantista protestante foi fundada uma revista antes de haver sido fundada uma associação. E também nessa função de redator e administrador durante muito tempo pesou nos ombros de uma só pessoa, que se prontificou a assumir tanto o trabalho quanto os prejuízos. Até o fim de 1908, Hübner conseguiu mais de 80 assinantes em 12 países, e desde janeiro de 1909 ele editou a revista sob o nome resumido de “Dia Regno” (Reino de Deus), nome com o qual ela circula, apesar de ocasionais interrupções, até os dias de hoje.

No Sétimo Congresso Universal de Esperanto, em Antuérpia, ocorreu em 25 de agosto de 1911 um encontro de esperantistas protestantes. Naquela oportunidade foi aceita por unanimidade a idéia de fundar uma associação cristã internacional. Nos meses seguintes aconteceram por carta animadas discussões sobre o estatuto e o nome da organização; por fim chegou-se a um consenso em torno do nome “Kristana Esperantista Ligo” (Liga Esperantista Cristã), ou abreviadamente KEL. (Em 1923 esse nome foi alterado para “Kristana Esperantista Ligo Internacia”, com a sigla KELI). A fundação oficial da KEL ocorreu somente dois anos depois do encontro de Antuérpia, a 24 de agosto de 1913 no Congresso Universal em Berna; Paul Hübner foi então eleito presidente. Tradicionalmente, todavia, a KELI considera o dia 25 de agosto de 1911 como sua data de fundação.<sup>58</sup>

Um evento importante para os esperantistas cristãos de todas as confissões foi a edição do Novo Testamento em esperanto em 1912. Em 1909, um comitê inglês sob coordenação do padre John Cyprian Rust (aprox. 1850-1927) iniciou a tradução, e pouco mais de três anos depois surgiu “La Nova Testamento de nia Sinjoro kaj Savanto Jesuo Kristo” (O Novo Testamento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo). A primeira edição de cinco mil exemplares esgotou-se dentro de poucos meses.<sup>59</sup>

Também para a KEL isso significou um progresso. A colaboração com a ACM na organização de cursos de esperanto funcionava muito bem; no começo de 1914 o comitê central da ACM chegou mesmo a recomendar oficialmente “a divulgação do esperanto em todas as unidades da ACM”.<sup>60</sup> No âmbito do Décimo Congresso Universal de Esperanto, em Paris, para o qual se inscreveram 3739 pessoas, deveria ocorrer mais uma reunião da KEL além de um encontro com os representantes parisienses da ACM. Mas assim como o Congresso da IKUE em Lourdes, também esse Congresso Universal não pôde ser realizado. E a exemplo do que ocorreu com a revista “Espero Katolika”, também na “Dia Regno” o número de julho/agosto de 1914 tornou-se provisoriamente o último. A primeira guerra mundial interrompeu a atividade dos esperantistas cristãos.

---

57. Henk A. de Hoog, *Nia Historio, K.E.L.I. de 1911-1961*, Hardinxfeld 1964, p. 7.

58. *Nia Historio*, p. 27.

59. *Ibid.*, p. 29.

60. *Ibid.*, p. 31.

## O PERÍODO ENTRE GUERRAS

Durante a primeira guerra mundial a utilização do esperanto enfrentou muitos obstáculos. Em alguns lugares foi proibida a correspondência em esperanto por falta de censores para essa língua<sup>61</sup>, em outros se proibiu a entrada de revistas em esperanto devido à “influência desfavorável sobre os combatentes no front”.<sup>62</sup> Quase em toda parte o número de cursos e encontros de esperanto decresceu consideravelmente. Somente 163 pessoas, a maioria dos Estados Unidos e do Canadá, participaram em 1915 do 11º Congresso Universal de Esperanto em San Francisco.<sup>63</sup> Na Suíça, um país neutro, o escritório da Associação Universal de Esperanto em Genebra organizou um serviço de intermediação de correspondências familiares entre países inimigos. O “iniciador” do esperanto, Ludwig Zamenhof, morreu em 17 de abril de 1917 em Varsóvia devido a uma doença cardíaca.

Não é tarefa fácil encontrar informações sobre a atuação dos cristãos esperantistas durante a primeira guerra mundial. Mas digna de nota é a declaração de Edmond Privat no livro “História do Esperanto”, segundo a qual “O Comitê Mundial da ACM distribuiu milhares de folhetos de ensino de esperanto aos prisioneiros de guerra em diversos países”.<sup>64</sup>

Em 1917 pacifistas católicos fundaram a “Liga Pacifista Mundial Cruz Branca”, que desde 1918 utilizou o esperanto em seus contactos.<sup>65</sup>

Desde 1920 as revistas “Espero Katolika” e “Dia Regno” voltaram a circular.<sup>66</sup> Os anos passaram, e foram fundadas novas revistas e associações cristãs de esperantistas. Uma menção especial merece a “Internacio Katolika” (IKA), cuja fundação foi iniciativa do padre e mártir Max Josef Metzger (1887-1944), que posteriormente viria a se tornar famoso como pacifista e “pioneiro do ecumenismo”.<sup>67</sup> Embora fundada em 1920, durante o Congresso Universal de Esperanto em Haia<sup>68</sup>, a IKA intencionalmente evitou a palavra “esperanto” em seu nome. A associação voltou-se também para os católicos que não falavam esperanto, mesmo aqueles que não desejavam aprendê-lo. De 1921 a 1924 Metzger redigiu em Graz (Áustria) a revista em esperanto “Katolika Mondo”.

---

61. *Ibid.*, p. 32; um bom exemplo é a carta em francês de Zamenhof sobre o manuscrito do Velho Testamento (ver acima).

62. Ulrich Lins, *La danøera lingvo*, Gerlingen 1988, p. 60; trata-se da revista “Esperanto” editada pela Associação Universal de Esperanto na Suíça.

63. *Nia Historio*, p. 33: “compareceram somente 163 esperantistas, mas de 16 países”; por outro lado, Edmond Privat, em *Historio de Esperanto*, parte II, p. 95: “Da Europa não participou nenhum delegado além de um viajante russo, mas algumas centenas de esperantistas do Canadá e dos Estados Unidos reuniram-se ali durante a Exposição do Pacífico.” A informação da “Nia Historio” é mais verossímil.

64. *Historio de Esperanto*, parte II, p. 95-96.

65. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 239; ver também Ulrich Lins: Max Josef Metzger und Esperanto, <http://home.germany.net/101-121591/metzger1de.html> (original em Esperanto em *Kontakto*, junho de 1971).

66. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 133; *Nia historio*, p. 40-42. Na verdade em 1920 não foi logo relançada a “Dia Regno”, mas surgiu na Finlândia a “Kristana Espero”, a qual todavia assumiu o papel e desde 1921 também o nome da “Dia Regno”.

67. Ou “profeta do ecumenismo”, como escreveu o jornal católico italiano “Avvenire”, 23.04.1994 - ver *Espero Katolika* 8-10/1994, p. 141.

68. Mais precisamente durante o Congresso da IKUE que ocorreu dentro do Congresso Universal em Haia. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 206, 281.



No outono de 1926, pouco mais de 12 anos depois do Novo Testamento, surgiu em Londres a Bíblia completa (embora ainda sem os livros deuterocanônicos) em tradução para o esperanto. O Antigo Testamento havia sido traduzido do hebraico pelo próprio Zamenhof. Ele concluía o trabalho em março de 1915. Todavia, em vez de enviar logo o manuscrito para publicação pelo “Comitê Bíblico” no Reino Unido, ele só pôde informar seu presidente, o padre esperantista John Cyprian Rust, a respeito de uma grave dificuldade. Zamenhof escreveu a ele em francês: “Infelizmente eu não posso no momento atual enviar-lhe a tradução, pois nosso correio não remete nada (durante a guerra) que esteja escrito em esperanto. Conseqüentemente eu devo aguardar até o fim da guerra.”<sup>69</sup>

Por isso, somente após a primeira guerra mundial – e dois anos depois da morte de Zamenhof – a tradução chegou ao Reino Unido, onde de 1919 até 1926 o Comitê Bíblico ocupou-se da leitura, da correção, da harmonização lingüística do Novo Testamento ao Antigo, da composição e da revisão. Duas religiosas Quaker, as irmãs Priscilla (1833-1931) e Algerina Peckover (1841-1927) prontificaram-se a dar a sustentação financeira necessária. No espaço de cinco anos mais de cinco mil exemplares da Bíblia em esperanto foram vendidos<sup>70</sup>, e cristãos de todas as confissões elogiaram a tradução por sua clareza e precisão.<sup>71</sup>

A “Bíblia de Londres” tem sido reimpressa muitas vezes desde então – vez por outra com pequenas correções. Em 1992 foi editada no Brasil uma tradução moderna dos quatro evangelhos feita pelo pastor holandês Gerrit Berveling.<sup>72</sup> Em 1997, a Bíblia completa em esperanto, incluindo os livros deuterocanônicos, foi lançada em CD-ROM.<sup>73</sup>

Enquanto nos anos vinte do século XX os êxitos e as decepções ainda se alternavam, a década de trinta foi um período de fracassos e catástrofes. Em 1931 o padre catalão Juan Font Giralt, da cidade de Collell, na região de Gerona, foi eleito presidente da IKUE; a partir do ano seguinte ele assumiu também a redação da revista “*Espero Katolika*”. No final de 1934, Font Giralt adoeceu e a *Espero Katolika* acabou sendo redigida por ativistas holandeses da IKUE. Em 1936, Font Giralt estava recuperado de sua doença – mas então teve início a guerra civil espanhola, na qual dez mil cristãos morreram por sua religião. Também Font Giralt foi terrivelmente martirizado; em 17 de agosto suas mãos foram amputadas e seu corpo queimado.<sup>74</sup>

Mas voltemos agora novamente ao movimento esperantista protestante. Em 1932, após uma pausa de vários anos, ressurgiu a revista “*Dia Regno*”, novamente sob a redação de Paul Hübner, que durante os anos 20, por razões pessoais, profis-

---

69. *Originala Verkaro*, p. 472.

70. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 49.

71. Eis a opinião de Richard Schulz, *Mein geliebtes Esperanto*, Gerlingen 31984, p. 32: “Lázaro Ludwig Zamenhof chegou até mesmo a traduzir todo o Velho Testamento. Seus excepcionais conhecimentos do hebraico e sua genialidade lingüística permitiram-lhe traduzir essa imensa coletânea de textos de forma tão magistral que essa tradução nada deve àquelas em línguas nacionais em termos de clareza, precisão e beleza, pelo contrário, chega mesmo a superá-las.”

72. *La bona mesaĝo de Jesuo: laŭ Mateo (kaj same laŭ Marko, Luko kaj Johano)*, trad. Gerrit Berveling, 4 kajeroj, Chapecó 1992.

73. *EspeRom*, ed. Germana Esperanto-Asocio, Freiburg 1997.

74. Lorenzo Rosati, Juan Font Giralt, La unua esperantista martiro, *Espero Katolika* 1-5/1994, p. 46-49.

sionais e financeiras teve de limitar sua atuação na KELI. O esperanto prosperou durante os anos 30, sobretudo na Holanda, e disso em certa medida beneficiaram-se tanto a KELI quanto a IKUE.<sup>75</sup>

Mais difícil era a situação na Alemanha, onde no começo de 1933 Adolf Hitler assumiu o poder. É sabido que, infelizmente, muitos cristãos alemães tiveram de início uma opinião favorável sobre o nazismo, e conseqüentemente não é de se admirar que também Paul Hübner na “Dia Regno” 4/1933 chamava a atenção dos membros estrangeiros da KELI comentando: “a onda de ateísmo” está contida e “o cristianismo está salvo”.<sup>76</sup>

Ainda em 1936 Hübner exprimiu a esperança de que “certamente ao cabo de algum tempo também nossas organizações oficiais na Alemanha reconhecerão o valor do esperanto e novamente apoiarão o movimento”.<sup>77</sup>

Mas não havia qualquer justificativa para tal otimismo. Em fevereiro de 1936, Martin Bormann, o chefe de gabinete do vice de Hitler, assinou o seguinte decreto:

Visto que a criação de uma língua-mista internacional contraria os conceitos básicos do nacional socialismo e por fim só pode responder ao interesse das potências supranacionais, o vice-chanceler do Führer proíbe todos os membros do partido e das organizações filiadas ao partido de pertencerem a qualquer tipo de união ou associação que se ocupem de uma língua artificial.<sup>78</sup>

Alguns meses mais tarde, em 20 de junho de 1936, um decreto de Heinrich Himmler, o chefe da polícia secreta nacional “Gestapo”, ordenou às associações de esperanto na Alemanha que encerrassem suas atividades e fechassem suas portas, a fim de evitar uma dissolução à força.<sup>79</sup> A partir daquele momento toda atividade da KELI e da IKUE estava proibida na Alemanha; a atividade internacional da KELI foi então assumida por holandeses e suecos.<sup>80</sup> Enquanto a maioria dos esperantistas alemães acovardou-se e aceitou a interdição das atividades pelo esperanto, Paul Hübner continuou a escrever artigos para a “Dia Regno”, os quais, entretanto, desde janeiro de 1938 só apareciam com a assinatura “N.N.”<sup>81</sup>

No final dos anos 30 tanto a revista “Espero Katolika” quanto a “Dia Regno” eram redigidas na Holanda.<sup>82</sup> Mas uma vez iniciada a segunda guerra mundial, ambas as revistas já não mais conseguiam atingir grande parte de seus assinantes. A “Espero Katolika” de janeiro/fevereiro de 1940 foi o último número até o final da guerra.<sup>83</sup> Em 10 de maio de 1940 tropas alemãs ocuparam a Holanda, e em fevereiro de 1941 foi ali editado o último número da “Dia Regno”,

---

75. *Nia historio*, p. 92-95; *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 139.

76. *Ibid.*, p. 75.

77. *Ibid.*, p. 78.

78. *La danøera lingvo*, p. 119.

79. *Ibid.*, p. 120.

80. *Nia historio*, p. 78.

81. *Ibid.*, p. 78.

82. *Ibid.*, p. 102; *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 140.

83. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 142.

pois em março “todo o movimento pelo esperanto na Holanda tornou-se proibido por ser ‘coisa de judeu’ ”.<sup>84</sup> Todavia a atuação dos cristãos esperantistas não cessou por completo durante a segunda guerra mundial: De 1941 até 1945 a seção sueca da KELI despachou ao todo sete números da “Provizora Dia Regno”, os quais, contudo, só atingiram uma pequena parte dos destinatários.<sup>85</sup>

Nos países comandados por Hitler e Stalin também os esperantistas tornaram-se vítimas desses ditadores. Na Alemanha, alguns esperantistas foram presos e enviados para campos de concentração só por causa de sua atividade pelo esperanto<sup>86</sup>; outros foram presos seja por sua origem judia seja pelo engajamento pacifista, muito comum entre esperantistas. Entre as vítimas do nazismo estavam também todos os três filhos de Zamenhof. Eles foram presos em janeiro de 1940. O único filho homem de Zamenhof, Adam, foi fuzilado pouco depois; as filhas Zofia e Lidja foram enviadas em 1942 ao campo de concentração de Treblinka, onde foram mortas respectivamente em agosto e outubro daquele mesmo ano.<sup>87</sup> O esperantista e fundador do movimento Una-Sancta, Max Josef Metzger, foi preso em 1943 e condenado à morte por “derrotismo”; em 17 de abril de 1944 ele foi decapitado.<sup>88</sup>

O ditador soviético Stalin via como suspeitas todas as pessoas que mantinham contactos internacionais, e entre essas pessoas estavam também os esperantistas. Durante o “Grande Expurgo”, lançado em larga escala em março de 1937, pereceram ao todo, segundo estimativas diversas, entre 2 mil e 30 mil esperantistas.<sup>89</sup> Entre as vítimas de Stalin estavam também escritores esperantistas ou esperantólogos famosos como Vladimir Varankin (1902-1938) e Ernest Drezen (1892-1937).

## O PERÍODO DO PÓS-GUERRA

Após o fim da guerra as associações cristãs de esperanto IKUE e KELI puderam com bastante rapidez restabelecer-se nos países ocidentais. Desde 1946 as revistas “Espero Katolika” e “Dia Regno” novamente circularam<sup>90</sup>, e pouco tempo depois os esperantistas protestantes realizaram um antigo plano: No verão de 1948, ocorreu em Tostarp, Suécia, o primeiro congresso da KELI. Anteriormente, as primeiras reuniões e encontros da KELI haviam ocorrido durante os Congressos Universais. Assim, o primeiro congresso independente foi bem sucedido em todos os aspectos. “Em uma Europa ainda sofrendo com milhares de feridas abertas, aquela simples convivência de cristãos de sete países, de irmãos que

---

84. *Nia historio*, p. 102.

85. *Ibid.*, p. 104-105.

86. Encontra-se exemplo em *La danøera lingvo*, p. 131.

87. *La danøera lingvo*, p. 128; ver também Henk Thien, *La vivo de d-ro L. L. Zamenhof en bildoj*, Holanda 1984, p. 110-119.

88. *Ibid.*, p. 131; ele foi preso por ter escrito um tratado sobre a formação do novo governo depois do fim do regime nazista (vd. <http://www.verlagdrkovac.de/3-86064-842-X.htm>).

89. *Ibid.*, p. 394-397.

90. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 142; *Nia historio*, p. 110 (“Dia Regno” em 1946 trazia ainda o epíteto “provisória”).

falavam uma língua [...] deixou uma impressão inesquecível”, relatou Henk de Hoog em sua história da KELI.<sup>91</sup> E visto que daí em diante tentou-se não perder a oportunidade de realizar esse tipo de arranjo, desde 1948 quase anualmente ocorre o congresso da KELI.

E após uma interrupção de 11 anos, em 1950 também os católicos esperantistas novamente organizaram um congresso. Foi o 22º Congresso da IKUE e também o terceiro a ocorrer em Roma (depois dos de 1913 e 1935).

Mas na Europa oriental a situação permaneceu muito difícil, pois lá, sob a influência de Stalin, surgiram regimes comunistas que desprezavam tanto o esperanto quanto o cristianismo, e que assim tinham um duplo motivo para dificultar a atuação da IKUE e da KELI. Durante o período da “guerra fria” contactos com países ocidentais, onde estavam as sedes da IKUE e da KELI, não eram desejados, e os governos dos estados satélites da União Soviética desejavam direcionar o interesse dos cidadãos para a “verdadeira língua mundial”, isto é, o russo. Como exemplo, na República Democrática da Alemanha os esperantistas não tinham nem o direito de se organizar nem de fazer propaganda da língua de 1949 até 1965<sup>92</sup>, e depois desse período a atividade pelo esperanto só era possível dentro de determinadas estruturas que não previam colaboração com a IKUE ou com a KELI.

Um pouco mais favorável era a situação na Polônia, onde o governo em 1957 permitiu ao menos a entrada da “*Espero Katolika*” (embora permanecessem obstáculos em relação ao pagamento das assinaturas).<sup>93</sup> Mas uma colaboração mais próxima entre cristãos esperantistas da Europa oriental e ocidental não foi possível durante um longo período, e então não é de se admirar que nos anos 50 e 60 todos os congressos da IKUE e da KELI tenham ocorrido nos países ocidentais.

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) quando a Igreja Católica deixou clara a sua disposição para uma colaboração ecumênica, a IKUE aceitou em julho de 1966 o convite da KELI para organizar o primeiro congresso conjunto das duas associações. Ele teve lugar em 1968 em Limburg (Alemanha) e foi ao mesmo tempo o 32º Congresso da IKUE e o 21º Congresso da KELI.<sup>94</sup>

Naquele mesmo ano a “Primavera de Praga” encorajou os membros tchecos da IKUE e os da Igreja Hussita a convidar ao seu país o Congresso Ecumênico de Esperanto. Ele deveria realizar-se no verão de 1970 em Brno. Mas logo depois da invasão do exército soviético teve início o “processo de normalização”, e os ministérios da cultura e do interior proibiram a realização do congresso seis semanas antes de seu início previsto. O congresso foi transferido para Klagenfurt, mas apenas alguns poucos dos inscritos da Europa oriental conseguiram obter a tempo o visto necessário para ir à Áustria.<sup>95</sup>

---

91. *Nia historio*, p. 113.

92. *La danøera lingvo*, p. 439, 490.

93. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 147.

94. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 155.

95. Miloslav Šváček, *Kiel ni arangis katolikajn Esperanto-Tendarojn dum totalisma sistemo*, *Dio Benu* 1/1999 (33), p. 26; Adolf Burkhardt: *Wenn die Ökumene Esperanto spricht: Die zwölf Kongresse von IKUE und KELI (1968-1996)*, *Ökumenisches Esperanto-Forum*, junho 1998 (30), p. 1.

Restava ainda outro arranjo dos membros tchecos da IKUE, os Acampamentos Esperantistas dos Católicos, fundados em 1969. Eles oficialmente chamavam-se “Acampamentos de Esperanto nas Férias”, para esconder um pouco seu caráter religioso. Ainda durante algum tempo, a cada verão, jovens católicos da Tchecoslováquia e de alguns outros países como Polônia, Hungria, Holanda e Itália ali se reuniam fraternalmente – até julho de 1977, quando a polícia invadiu o acampamento e prendeu os organizadores Miloslav Šváček e o padre Vojtech Srna. Pouco depois a seção tcheca da IKUE foi liquidada.<sup>96</sup>

Mais alentadora era uma vez mais a situação na Polônia, onde naquele mesmo verão ocorreu o 37º Congresso da IKUE. Era o primeiro desse tipo em um país socialista, e ao mesmo tempo, com mais de 700 participantes, o maior congresso da IKUE até então.<sup>97</sup> Ainda por duas vezes, em 1978 em Varna e em 1987 em Czestochowa, reuniram-se, em Congresso da IKUE em um país socialista, católicos da Europa ocidental e oriental, antes da queda da cortina de ferro.

O colapso dos sistemas totalitários deu aos esperantistas cristãos na Europa oriental a liberdade com a qual sempre sonharam. Em 19 de maio de 1990, quase 13 anos depois da interdição, a seção tcheca da IKUE foi reaberta<sup>98</sup> e logo se tornou – ainda sob a coordenação de Miloslav Šváček – uma das seções nacionais mais ativas da IKUE. Também na Romênia e na Lituânia foram novamente fundadas atuantes seções da IKUE.

Atualmente, tanto a IKUE quanto a KELI são caracterizadas pela continuidade e pela estabilidade. De 1961 a 2000 o pastor Adolf Burkhardt (Alemanha) presidiu a KELI (com exceção dos anos de 1975-1981), até que no verão de 2000 assumiu seu posto Jacques Tuinder (Holanda). Na IKUE o cargo de presidente foi ocupado de 1979 até 1995 pelo padre italiano Diulio Magnani, de Rimini, até passar seu posto a Antonio de Salvo. Em 1995 pela primeira vez ocorreram dois congressos da IKUE em um mesmo ano – o 48º Congresso em Olomouc (República Tcheca) e o 49º dentro do 11º Congresso Ecumênico de Esperanto em Kaunas (Lituânia). E naquele mesmo ano de 1995 a IKUE conseguiu adquirir uma sede própria em Roma, a qual agora funciona como escritório da associação e como redação da “Espero Katolika”.

Em 10 de agosto de 1996 jovens católicos da Bélgica, Alemanha, Eslováquia, República Tcheca e Hungria fundaram, durante o 15º Acampamento Esperantista Católico em Sebranice, uma organização da IKUE para a juventude, sob o nome de “IKUE-Junularo”, abreviadamente “IKUE-J”. Seus objetivos são, conforme seu estatuto:

Ajudar jovens esperantistas a encontrar o caminho para Deus e um estilo de vida cristão;

Acelerar a compreensão internacional e a colaboração entre jovens católicos em todo o mundo;

---

96. Ver a série “Kiel ni aranĝis katolikajn Esperanto-tendarojn dum totalisma sistemo”, *Dio Benu* 2/1998-4/1999.

97. Georg Korytkowski, *Internacia lingva komunikado en la Eklezio kaj nuntempa mondo*, Varsóvia 1986, p. 36.

98. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 120-126.

Fortalecer os jovens católicos em sua crença;  
Divulgar o esperanto entre católicos.<sup>99</sup>

Os membros da associação não só se reúnem durante os Acampamentos Esperantistas de Católicos, os Congressos da IKUE e outros eventos cristãos, mas também mantêm intensos contactos por carta ou correio eletrônico com membros na África e na República Popular da China.

## A POSTURA DE PAPAS E DE BISPOS EM RELAÇÃO AO ESPERANTO

Enquanto o capítulo anterior tratou principalmente do engajamento de padres e leigos em favor do esperanto, vamos agora voltar nossa atenção para a postura das autoridades eclesiais em relação ao movimento pelo esperanto.

Já em 1931 o “Léxico de Teologia e Igreja” alemão terminava seu artigo sobre o esperanto com as seguintes palavras: “Os papas desde Pio X (e inúmeros cardeais e bispos) receberam positivamente e apoiaram o movimento pelo esperanto.”<sup>100</sup> E realmente no século XX todos os papas manifestaram aprovação em relação à atividade dos católicos esperantistas.<sup>101</sup> No começo dos anos 30 do século XX nas páginas de título da “Espero Katolika” aparecia a nota: “Honorificada pela bênção apostólica do Papa Pio X, em 27 de junho de 1906, e do Papa Benedito XV, em 20 de agosto de 1920, e do Papa Pio XI, em 11 de outubro de 1924.”<sup>102</sup> Essas e outras bênçãos estão também documentadas nos números da *Espero Katolika*<sup>103</sup> daquelas datas.

O Papa Pio X enviava sua bênção à “Espero Katolika” e aos esperantistas católicos a cada ano, de 1906 até sua morte em 1914.<sup>104</sup> Além disso, em algumas audiências ele falou a respeito do esperanto. Em 4 de abril de 1909 ele disse a Isidoro Clé, esperantista dirigente de um instituto eclesial em Bruxelas: “O esperanto tem diante de si um grande futuro”.<sup>105</sup>

Existem também outras citações a respeito das quais só encontramos algumas fontes posteriores à morte do referido papa, e que nada dizem a respeito do momento e das circunstâncias da declaração, o que talvez fosse motivo para duvidar de sua autenticidade. Essas citações, em diversas variações recorrentemente impressas em informativos de católicos e mesmo mais freqüentemente de esperantistas não-católicos, são, por exemplo, as palavras seguintes, atribuídas a Pio X: “Eu vejo na língua esperanto um valoroso meio para manter os laços entre católicos de

---

99. *Dio Benu* 3/1996, p. 70-73.

100. *Lexikon für Theologie und Kirche*, Freiburg 1931, vol. III, p. 800.

101. Estudo detalhado sobre a posição dos papas em relação ao Esperanto até o momento só está disponível em italiano na Internet: Carlo Sarandrea, *Discernimento dei papi da San Pio X a oggi sul carisma dei cattolici esperantisti*, <http://www.museosanpiox.it/piox/espsarandrea.htm>.

102. ver também *Espero Katolika* 1-5/1994, p. 48.

103. *Espero Katolika*, agosto-setembro de 1920, p. 191, fevereiro de 1921, p. 27, dezembro de 1924, p. 50, outubro de 1926, p. 1 etc.

104. *Espero Katolika*, julho de 1922, p. 288.

105. *Espero Katolika*, número especial 1909 (agosto), p. 197.

todo o mundo.”<sup>106</sup> Enquanto que a postura muito afável de São Pio X para com os esperantistas faz supor que essa frase espelhe plenamente sua opinião, não podemos ter tanta certeza sobre uma citação, que dizem vir de Pio XII: “Eu prevejo para o esperanto no futuro da civilização um lugar semelhante ao do latim na idade média”.<sup>107</sup>

Em 19 de maio de 1964, o Papa Paulo VI recebeu em audiência parte da direção da IKUE. Segundo relata o então presidente da IKUE, o padre belga Alfons Beckers, o papa “mostrou um grande interesse pelo movimento esperantista católico. Ele reconheceu a necessidade e utilidade do esperanto e ressaltou que quer apoiar uma língua que possibilita a compreensão entre os povos, apressando a harmonia e a paz.”<sup>108</sup>

Vem também de Paulo VI a primeira declaração de um papa sobre o esperanto a ser documentada pela revista do Vaticano “L’ Osservatore Romano”. No Ano Santo de 1975, ocorreu em Roma o 36º Congresso da IKUE. Durante uma audiência geral na Praça de São Pedro a 13 de agosto de 1975, Paulo VI apresentou os grupos presentes: “Um outro grupo internacional, que apresentarei em breve com uma menção específica, é aquele dos participantes do congresso internacional dos católicos esperantistas. Vejam, eles carregam a bandeira verde, que é símbolo de esperança, eles são os esperantistas.”<sup>109</sup>

E ele se dirigiu aos congressistas com as seguintes palavras em italiano:

Nós não queremos finalizar esta parte da audiência sem enviar nossa saudação e nossa benquerença aos participantes do 36º Congresso Internacional dos Católicos Esperantistas. Aos seus objetivos culturais específicos vocês quiseram acrescentar uma nota delicadamente religiosa entrando no espírito do jubileu que a todos os homens de boa vontade fala de renovação, de conversão, de contacto reencontrado com Deus, que ama e perdoa. Que esse espírito guie vocês no convite à fraternidade e à compreensão entre os diversos povos em diferentes idiomas, as quais vocês se esforçam em favorecer conforme o programa que os distingue. Esse é o nosso sincero desejo, que nós enriquecemos com nossa bênção apostólica, favorecendo as dádivas do Senhor.<sup>110</sup>

Dois anos depois ocorreu o já mencionado 37º Congresso da IKUE em Czestochowa. Seu patrono foi Karol Wojtyła, que posteriormente viria a se tornar

---

106. Isai Dratwer, *Pri internacia lingvo dum jarcentoj*, Tel Aviv 21977, p. 196. No livro de Dratwer é duvidosa sobretudo a citação de João XXIII “Esperanto é a língua universal de nossa época”, e em todo caso totalmente errada é sua informação de que o Papa Paulo VI “ao final de sua mensagem de páscoa em 1967 teria dito ‘Cristo levantou-se’ em 10 línguas, entre as quais o esperanto” (p. 197).

107. *Pri internacia lingvo dum jarcentoj*, p. 196. ver também Carlo Sarandrea, “Feliæan Paskon en Kristo resurektinta”, *Espero Katolika* 1-5/1994, p. 14: “O Papa Pio XII pronunciou a famosa frase ‘O esperanto é o latim do futuro’ (todavia nós nunca constatamos isso por meio de documentos)”. Jerzy Korytkowski, *Internacia lingvo en Eklezio kaj mondo*, p. 167, cita o Papa Pio XII com “O esperanto será o latim de amanhã.”

108. *Espero Katolika* 7-12/1992, p. 152 (fonte original: *Espero Katolika* 6/1964).

109. *Espero Katolika* 9-10/1996, p. 164-165.

110. *L’ Osservatore Romano* 115 (15.08.1975), p. 2; tradução em esperanto em *Espero Katolika* 9-10/1996, p. 165.

o Papa João Paulo II. Em sua saudação ao congresso ele escreveu: “Como Jesus Cristo rezou para seus discípulos pela unidade (João 17,11), assim também eu em nome da Igreja rezo por vocês. Que uma crença e um amor os ajudem a unir o castigado mundo em um rebanho sob um Pastor. Que uma língua supranacional – o esperanto – sirva também eficazmente a esse objetivo nobre.”<sup>111</sup> Wojtyla aceitou o convite para celebrar a Missa em esperanto com uma autorização especial de Paulo VI<sup>112</sup>, mas no último momento o sepultamento do arcebispo de Poznan, Antoni Baraniak, impossibilitou sua vinda.<sup>113</sup>

Depois de sua eleição como Papa em 1978 passaram-se ainda quase 13 anos até que João Paulo II se tornasse o primeiro papa a falar esperanto publicamente. Foi durante o 6º Dia Mundial da Juventude em Czestochowa, onde em 14 de agosto de 1991 ele dirigiu suas saudações a mais de um milhão de jovens participantes:

Mi donas ankaŭ en esperanto bonvenan saluton al la junaj pilgrimantoj el la tuta mondo en ĉi tiu tago de universala frateco, kiu vidas nin unuigitajn kiel filoj de unu sama Patro en la nomo de Kristo, vero de la homo.

[Eu dou também em esperanto uma saudação de boas-vindas aos jovens peregrinos de todo o mundo neste dia de fraternidade universal, que nos encontra unidos como filhos de um mesmo Pai em nome de Cristo, a verdade do homem.]

No dia seguinte, ele novamente dirigiu suas saudações multilíngües aos jovens em Czestochowa. Em esperanto ele disse:

Karegaj junuloj! La sperto de kredo, travivita ĉe la piedoj de la “Nigra Madono”, restu neforigebla gravurita en viaj koroj. Sanktega Maria akompanu vin!

Caríssimos jovens! Que a experiência da crença, vivida aos pés da “Madona Negra”, permaneça indelevelmente gravada em vossos corações. Que Maria Santíssima vos acompanhe!<sup>114</sup>

Quase dois anos depois, no verão de 1993, João Paulo II concedeu sua bênção apostólica ao Congresso Universal de Esperanto em Valência:

Sua Santidade o Papa sinceramente saúda os organizadores e participantes do 78º Congresso Universal de Esperanto que acontece em Valência e os encoraja a prosseguir seu admirável esforço para tornar real um mundo em que reinem a compreensão e a unidade.

Ao mesmo tempo, o Santo Padre convida os participantes, que representam diversos países, culturas e crenças, mas que falam uma língua comum, a

---

111. Georgo Korytkowski, *Internacia lingva komunikado en la Eklezio kaj nuntempa mondo*, Varsóvia 1986, p. 36.

112. Isso é comprovado por um telegrama em latim reproduzido na *Espero Katolika* 8/1991, p. 133.

113. *Internacia lingva komunikado en la Eklezio kaj nuntempa mondo*, p. 36

114. Ambas as saudações foram publicadas em esperanto também em *L' Osservatore Romano* (22.08.1991); ver também *Espero Katolika* 8/1991, p. 131-133.



demonstrarem por meio desse encontro a fraternidade que, sem discriminação de qualquer tipo, deveria reinar entre todos os homens como membros da grande família dos filhos de Deus, e reforçar as consciências pessoal e coletiva de serem construtores da paz em seus meios familiar e social.

Com esses desejos e invocando a proteção de Deus aos trabalhos e aos participantes do congresso, Sua Santidade o Papa envia com satisfação a almejada Bênção Apostólica.<sup>115</sup>

Em 3 de abril de 1994, o Papa João Paulo II pela primeira vez pronunciou também em esperanto sua saudação de páscoa que antecede a bênção “Urbi et orbi”, desejando “Feliæan Paskon en Kristo resurektinta”<sup>116</sup>. Naquele mesmo ano seguiu-se a mensagem de natal “Dibenitan Kristnaskon kaj prosperan novjaron”.<sup>117</sup> Desde então, a cada ano, o Santo Padre repete essas saudações.<sup>118</sup>

De 31 de agosto a 7 de setembro de 1997 ocorreu em Roma e em Rimini o 50º Congresso da IKUE, em jubileu, com o tema “Ide e fazei de todos os povos do mundo discípulos”. E durante a audiência geral na Praça de São Pedro em 3 de setembro de 1997, João Paulo II saudou os participantes em esperanto:

Mi øojas bonvenigi la responsulojn de Internacia Katolika Unuiøo Esperantista, engaøigitaj en sia kvindeka kongreso. Karegaj, la temo de via renkonto reprenas la misian taskon konfiditan de Kristo al sia Eklezio. Akceptu øin malavare kun tiu spirito de universaleco, kiu estas æe la bazo de la lingvo, kiun vi kulturas.<sup>119</sup>

[Eu tenho a satisfação de dar as boas-vindas aos responsáveis pela União Internacional Católica Esperantista, engajados em seu quinquagésimo congresso. Caríssimos, o tema de seu encontro retoma a tarefa missionária confiada por Cristo à sua Igreja. Aceitem-na sem reservas e com aquele espírito de universalidade que está na base da língua que vocês cultivam.]

Não foi somente por meio de palavras dos próprios papas que o movimento católico esperantista recebeu o reconhecimento do Vaticano. Depois de o Concílio Vaticano II (1962-1965) decidir pela reforma da liturgia, o esperanto recebeu em abril de 1966 um reconhecimento parcial e em julho de 1968 um reconhecimento pleno como língua litúrgica.<sup>120</sup> Em 8 de novembro de 1990 a Congregação sobre o Culto a Deus a disciplina e os sacramentos do Vaticano aprovou os textos da missa em esperanto.<sup>121</sup> Os textos foram compilados por uma comissão dirigida pelo bispo auxiliar de Varsóvia, Wladyslaw Miziolek (1914-2000). Desde o verão de 1995

115. *Esperanto* 9/1993, p. 143.

116. *L' Osservatore Romano*, 05.-06.04.1994; ver também em *Espero Katolika* 1-5/1994, p. 13-15, 56.

117. *L' Osservatore Romano*, 27.-28.12.1994; ver também em *Espero Katolika* 11-12/1994, p. 1-3.

118. Também no Natal de 1995, quando ele, por motivo de doença, só pôde pronunciar suas saudações em italiano e em francês, o esperanto figurava na lista das 54 línguas que ele desejava usar; ver *Espero Katolika* 3-4/1996, p. 53-56.

119. *L' Osservatore Romano*, 04.09.1997, p. 5; ver também em *Espero Katolika* 7-8/1997, p.120.

120. Ver Jerzy Korytkowski, *Internacia lingvo en Eklezio kaj mondo*, Roma 1976, p. 133: “parta aprobo per letero de la Vatikano kun dato 26.04.1966 [...], totala aprobo per letero de la Vatikano kun dato 16.07.1968”. “aprovação parcial por meio de carta do Vaticano com data de 26.04.1966 [...], aprovação plena por meio de carta do Vaticano com data de 16.07.1968.”

121. *Espero Katolika* 5-6/1992, p. 51.

o “Livro da missa e as leituras para as festas de domingo” estão disponíveis na forma de dois volumes com encadernação de luxo e um total de 904 páginas.

Em 11 de janeiro de 1992 a IKUE foi reconhecida por um decreto do Pontifício Conselho para Leigos como uma associação de fiéis conforme à jurisdição pontifícia. Por meio desse decreto o Pontifício Conselho para Leigos manifesta apreço pelos objetivos estatutários da IKUE assim como “pelas diversas atividades desenvolvidas pela União em seus programas e serviços (formação cristã, eventos públicos e de comunicação, iniciativas beneficentes e ecumênicas)”.<sup>122</sup>

Um reconhecimento de considerável importância prática para o movimento católico esperantista é o uso do esperanto pela Rádio Vaticano. No próximo capítulo nós trataremos mais detalhadamente das emissões de rádio.

É interessante avaliar se existem também opiniões negativas do Vaticano sobre o esperanto. Com efeito, algumas indicações nesse sentido podem ser encontradas em artigos de revista. Por exemplo, a Agência de Notícias Católica em alemão (KNA) relatou em 2 de fevereiro de 1995: “Mas existiu na Igreja Católica de início uma desconfiança em relação ao esperanto. Suspeitava-se, por exemplo, que seu inventor entre outras coisas fosse maçom.”<sup>123</sup> E em um pequeno artigo na revista católica alemã “Christ in der Gegenwart” de 24 de setembro de 1995 sobre a edição do livro da Missa em esperanto podemos ler: “A Congregação do Vaticano sobre o Culto a Deus teve que primeiro vencer consideráveis obstáculos – mas por fim permitiu a tradução em esperanto do livro da Missa Romana.”

O próprio livro da Missa esclarece de que “consideráveis obstáculos” se trata. Em suas páginas introdutórias está impresso o documento “Normas para a celebração da missa em esperanto” de 20 de março de 1990, na língua italiana e em esperanto. Nele se encontra uma referência à carta circular “Decem iam annos” de 5 de junho de 1976, que significou um retrocesso para o movimento católico esperantista. Segundo aquela carta “a língua esperanto, por não ser uma língua falada por um povo, não apresenta por si mesma as qualidades para que possa ser considerada uma língua litúrgica e usada normalmente nas celebrações.”<sup>124</sup>

Em relação à “suspeita” de Zamenhof ser maçom deve-se de início mencionar que essa suposição, conforme pesquisa do historiador francês André Cherpillod do ano de 1997 “aparentemente” não é verdadeira;<sup>125</sup> em segundo lugar, que a maçonaria por certo merece respeito do ponto de vista católico, e finalmente, que o esperanto é antes de tudo uma língua desvinculada de qualquer visão de mundo específica.

Além de vários Papas, também Santo Maximiliano Kolbe por diversas vezes exprimiu posição favorável ao esperanto. Em 1937 ele encorajou estudantes do seminário franciscano de Niepokalanów com as seguintes palavras: “O Imaculado aprova a participação de vocês no movimento do esperanto.”<sup>126</sup>

---

122. *Espero Katolika* 1-2/1992, p. 19-22.

123. Timm Maximilian Hirscher, Esperanto - das neue Latein in der Kirche, *KNA Korrespondentenbericht* (55), 02.02.1995.

124. *Meslibro*, Roma 1995, p. 9.

125. Nikola Rasic, Enorme kreskas la sci-malsato, *Esperanto* 12/1997, p. 214. (Trata-se de uma resenha de André Cherpillod, *Zamenhof kaj judismo*, Cougenard 1997.)

126. Georgo Korytkowski, *Internacia lingva komunikado en la Eklezio kaj nuntempa mondo*, p. 82.

Se nos voltarmos agora à postura de bispos e cardeais em relação ao esperanto, encontraremos sem dificuldade centenas de saudações afáveis por ocasião de eventos cristãos de esperanto. Quando o congresso da IKUE acontece em um país com um movimento católico esperantista forte, como, por exemplo, na República Tcheca, na Itália ou na Polônia, é quase óbvio que um ou vários bispos visitem pessoalmente o congresso para saudar os congressistas, demonstrar apreço por sua atuação e celebrar com eles a missa.<sup>127</sup> Em alguns países, como por exemplo, na República Tcheca em 1991 e na Eslováquia em 1993<sup>128</sup>, a Conferência Episcopal reconheceu a seção nacional da IKUE como uma organização eclesialística de leigos; em outros países – por exemplo, na Alemanha – esse reconhecimento ocorreu ao menos naquelas dioceses em que membros da IKUE trabalham com afinco.<sup>129</sup>

Em alguns países vivem bispos que falam eles próprios o esperanto e que com frequência celebram a missa nessa língua. O bispo de Eisenstadt (Áustria), Dr. Paul Iby, fala a língua e é já de muitos anos membro da IKUE.<sup>130</sup>

O arcebispo de Praga, Cardeal Miloslav Vlk, quanto era ainda estudante, dedicou-se intensamente ao esperanto e, quando era um jovem padre, colaborou em acampamentos católicos de esperanto.<sup>131</sup> No Congresso da IKUE em Olomouc (República Tcheca) ele celebrou a missa em esperanto. Em sua pregação ele enfatizou:

Eu sempre senti, entre esperantistas, benefícios não somente de natureza lingüística. Eu percebi que essa língua dá algo mais do que a simples intercompreensão: que ela traz comunhão, unidade e comunicação. E isso em termos do Evangelho e em termos da Igreja tem um importante sentido, porque não se trata só de comunhão, mas também da presença do Cristo em meio aos homens. Cristo veio para trazer a presença de Deus entre os homens, pois esse era o plano de Deus. Isso é o paraíso. E o que vocês desfrutaram entre vocês é justamente um reflexo daquilo.<sup>132</sup>

Com mais assiduidade que o Cardeal Vlk, o bispo de Hradec Králové, Karel Otcenášek, visita eventos de esperanto para encorajar os participantes em seu engajamento por uma melhor compreensão.

Em suas manifestações sobre o esperanto, autoridades eclesialísticas com frequência reconhecem a contribuição dessa língua para a compreensão dos povos e para a aproximação dos fiéis. Mas em relação à pergunta sobre se seria desejável adotar mudanças concretas na política lingüística da Igreja e do mundo, elas são mais cuidadosas.

---

127. Assim ocorreu também em 1999 em Gliwice, Polônia (bispo auxiliar Gerard Kusz) e em 2000 em Rimini, Itália (arcebispo Angelo Comastri, bispo Giovanni Locatelli); ver relatos detalhados respectivamente em *Espero Katolika* 7-8/1999 e 9-10/2000.

128. *Espero Katolika* 1-10/1993, p. 29.

129. Por exemplo em Freiburg (1989) e Speyer (1993); ver *Ökumenisches Esperanto-Forum*, dezembro de 1993, p. 58.

130. *Ökumenisches Esperanto-Forum*, agosto de 1993, p. 51.

131. *Ökumenisches Esperanto-Forum*, setembro de 1991, p. 20.

132. *Espero Katolika* 5-8/1995, p. 91-92.

E é exatamente aqui que o bispo romeno György Jakubinyi foi um passo além. Jakubinyi nasceu em 1946 na cidade romena de Sighetul Marmatiei, cuja população consistia de romenos, húngaros, ucranianos e judeus. Naquele meio multilíngüe, comparável ao de Bialystok um século antes, Jakubinyi, aos 13 anos de idade, aprendeu esperanto. Mais tarde, de 1972 até 1992, quando era docente no colégio teológico de Alba Iulia, ele regularmente ensinou essa língua a seus estudantes.

Em 1991, teve lugar no Vaticano o Primeiro Sínodo Especial sobre a Europa, no qual Jakubinyi abertamente pleiteou pela aceitação do esperanto como nova língua eclesiástica. A agência de notícias alemã KNA relatou o seguinte a esse respeito:

Cidade do Vaticano. As reviravoltas políticas na Europa alteraram também a composição da equipe de interpretação simultânea no auditório do Sínodo Especial sobre a Europa, realizado na quinta-feira da semana passada no Vaticano: A “língua materna” da Igreja, o latim, deixou de ser oferecida, tendo sido substituída pelo russo. Dessa maneira a secretaria do Sínodo Episcopal responde à constatação de que entre os 200 participantes da assembléia há vários representantes da área de influência da língua russa.

Além disso, o bispo auxiliar romeno György Jakubinyi (Alba Iulia) fez uma contribuição ao tema lingüístico no Sínodo. Ele propôs substituir o latim, que atualmente já não é tão utilizado quanto era antes, pela língua internacional esperanto. O latim, argumentou o bispo auxiliar, foi além disso a língua litúrgica somente na Igreja do Ocidente. Na opinião dele, contra o “imperialismo lingüístico”, com o qual as grandes nações querem impor às pequenas sua língua e ao mesmo tempo sua cultura e visão de mundo, se faz necessária uma “língua internacional artificial”, por trás da qual não haja qualquer nação.<sup>133</sup>

Em 1994 Jakubinyi tornou-se arcebispo de uma diocese com meio milhão de católicos, dos quais 95% são húngaros. Em outubro de 1999, no Segundo Sínodo Europeu, ele fez uma palestra sobre a Conferência dos Bispos da Romênia, que “numa certa medida espelha a Europa” por conta dos diversos ritos (latino, ortodoxo grego e armênio) e línguas (romeno, húngaro e alemão). “Eu não quero idealizar a nossa colaboração, pois em toda parte existem problemas”, ele enfatizou, e uma vez mais propôs o esperanto como solução para o problema das línguas.<sup>134</sup> Diversas vezes ele repetiu sua proposta, como, por exemplo, nas Feiras Católicas Alemãs em Dresden (1994) e em Hamburgo (2000).<sup>135</sup>

---

133. Katholische Nachrichtenagentur KNA, 01.12.1991.

134. *Espero Katolika* 9-10/1999, p. 157; Bispo Jakubinyi disponibilizou para o autor também o texto original da palestra “La Conferenza dei Vescovi di Romania riflette un po’ Eruopa - ‘L’ imperialismo linguistico”.

135. Em Dresden ele mencionou o esperanto no âmbito do fórum sobre “Os caminhos para a parceria com a Europa central e oriental”, enquanto em Hamburgo ele foi convidado a fazer uma apresentação especial sobre o tema “Esperanto – o novo latim da Igreja?”.

Se algum dia sua proposta for realmente escutada e levada em consideração, as palavras seguintes, que o cardeal polonês Stefan Wysinski disse em 1974 ao então presidente da IKUE, Duilio Magnani, poderiam mostrar-se proféticas: “No Concílio Vaticano II o latim sofreu uma crise... No próximo Concílio se falará esperanto”.<sup>136</sup>

---

136. *Internacia lingvo en Eklezio kaj mondo*, p. 167. O artigo já mencionado da KNA de 02.02.1995, contudo, cita Wysinski com as palavras: “No Primeiro Concílio do Vaticano falava-se latim, no Segundo todas as línguas, mas no Terceiro – se este porventura ocorrer – se falará esperanto”, acrescentando que Wysinski disse isso baseado em informações de Magnani em 1975 (i.e. um ano mais tarde).



## *A UTILIZAÇÃO DO ESPERANTO ENTRE CRISTÃOS*

Cristãos esperantistas aplicam o esperanto de muitas maneiras. Eles participam de ofícios religiosos em esperanto, encontram-se nos congressos da IKUE e da KELI, lêem as revistas “Espero Katolika” e “Dia Regno”. Muitos cristãos esperantistas correspondem entre si, seja por correio comum, seja pela rede. Nos dias de hoje também pela rede mais e mais pessoas fazem o primeiro contacto com o movimento cristão esperantista; comecemos então a falar sobre ela.

### A INTERNET

O Papa João Paulo II encara os novos meios de comunicação tais como a Internet como uma dádiva do Espírito Santo para a evangelização do mundo. Esperantistas tanto católicos quanto protestantes logo aceitaram abertamente as novas possibilidades de comunicação. Por meio de correspondência eletrônica e em esperanto eles facilitam duplamente os contactos internacionais.

Desde 1993 as redações da “Espero Katolika” e da “Dia Regno” estão acessíveis pela rede. Em eventos cristãos de esperanto surgiram muitas amizades sem fronteiras que dali em diante se aprofundaram também por meio de correio eletrônico. Os mais numerosos são, sobretudo, os contactos entre tchecos, eslovacos, húngaros, alemães e italianos.

Em 1997 o representante nacional da IKUE na Argentina, Daniel Cotardo García, criou uma lista de discussão para católicos esperantistas. Desde então católicos do mundo inteiro trocam ali opiniões sobre questões religiosas e atualidades. Pouco a pouco se juntaram à lista também cristãos de outras confissões, e com isso ela se tornou um fórum de diálogo ecumênico. Isso ficou claro, por exemplo, no fim de 2000, quando um cristão evangélico pediu aos membros da lista que exprimissem sua opinião sobre a declaração “Dominus Iesus” do Cardeal Ratzinger, dando assim início a uma vigorosa troca de opiniões em uma atmosfera fraternal, apesar de todas as diferenças.

Nos anos de 1996 a 2000 surgiram algumas centenas de páginas da Internet em esperanto com conteúdo cristão. Muitas delas foram compiladas por cinco cristãos esperantistas de cinco países. Attila Szép (Hungria) e Carlo Sarandrea (Itália) conceberam as páginas da IKUE na Internet. E a partir do ano 2000 elas se encontram em um endereço fácil de se lembrar <http://www.ikue.org>. Um trabalho similar para a KELI foi feito por Philippe Cousson (França), enquanto que o padre Bernhard Eichkorn (Alemanha) pôs na rede informações detalhadas sobre os Con-

gressos Ecumênicos de Esperanto, diversos textos religiosos e a revista alemã “Ekumena Esperanto-Forum”.

Stefano Kalb (Stephen Kalb, Estados Unidos) é autor da “Enciklopedio Kalblanda”<sup>137</sup> – uma abrangente enciclopédia na rede, constantemente atualizada, com muitas ilustrações e *links* internos e externos. Como católico, ele introduziu em sua enciclopédia também inúmeros artigos sobre religiões, Jesus, confissões cristãs, santos, orações, festas, etc. A razão pela qual ele cria páginas na Internet principalmente em esperanto, apesar de ser falante nativo do inglês, é por ele explicada, entre outras coisas, com a Regra Áurea: “Fazei aos homens tudo o que queirais que eles vos façam” (Mat 7,12) – “Eu desejo que os outros criem páginas não em suas línguas maternas, mas numa língua que eu possa facilmente entender. O esperanto é mais fácil de ser aprendido do que qualquer língua nacional”.

Partindo da página <http://www.ikue.org> ou de algum outro endereço, encontra-se na rede abundante literatura religiosa em esperanto. Merecem menção, por exemplo, o livro “Os fundamentos do Cristianismo” de Piero Otaviano<sup>138</sup>, a brochura “Mini Catecismo Ecumênico” de Heinz Schütte<sup>139</sup> e, sobretudo, a Bíblia completa.<sup>140</sup>

## OFÍCIOS RELIGIOSOS

Pesquisas feitas em 1968 no Reino Unido<sup>141</sup> e em 1992 na Alemanha<sup>142</sup> mostraram que entre os esperantistas atuantes encontram-se nitidamente mais cristãos praticantes do que na população em geral. Segundo a pesquisa de 1992, entre os membros da Associação Alemã de Esperanto 33,5% pertencem à Igreja Luterana e 27 % à Católica. Isso está um pouco abaixo do resto da população; mas, por outro lado, entre eles 69,1% e 87,9%, respectivamente, praticam a religião de tal forma que “ao menos com relativa frequência tomam parte em reuniões religiosas (por exemplo, Missas)”. Essas últimas cifras são admiravelmente altas, pois segundo pesquisas de 1987 entre a população da Alemanha em geral (sem a antiga RDA) só 47% dos protestantes e 73% dos católicos ao menos vez por outra visitam um local de oração.

Ao todo, entre os membros da Associação Alemã de Esperanto, 49,3% denominaram-se cristãos praticantes.<sup>143</sup> Por isso, é compreensível que em eventos de esperanto normalmente muitos participantes desejem participar de um ofício religioso na Língua Internacional. Nos Congressos Universais de Esperanto, um culto ecumênico é uma parte certa da programação, mesmo que o congresso ocorra (como por exemplo, em 1986 em Pequim ou em 1990 em Havana) em um país cujo governo não é favorável ao cristianismo.

---

137. <http://www.geocities.com/kalblando/enc/>.

138. <http://www.murialdo.it/didaskaleion/Did/esper/fund00.htm>.

139. <http://home.t-online.de/home/b.eichkorn/kateki0.htm>.

140. <http://www.esperanto.nu/upsala/biblio/> ou <http://www.geocities.com/kalblando/enc/b/biblio.htm>.

141. “There is clear evidence for greater religious activity among BEA members than in the population generally.”  
- Peter G. Forster, *The Esperanto Movement*, The Hague et.al. 1982, p. 325.

142. Frank Stocker, *Wer spricht Esperanto? Kiu parolas Esperanton?* Unterschleissheim 1996, p. 27.

143. *Ibid.*, desse total, católicos são 23,7%, luteranos 23,1%, protestantes de outras igrejas 2,0%, cristãos russo-ortodoxos e quaquers 0,2%. Somam-se ainda 4,1% de adeptos da fé Baha’i.



Da mesma forma, também em muitos eventos esperantistas menores acontecem cultos ecumênicos em esperanto. Os organizadores desses eventos incluem, em geral de muito bom grado, tais cultos no programa, mas nem sempre é possível encontrar um padre que disponha do conhecimento lingüístico necessário e do tempo livre para conduzi-los. E é sobretudo em eventos de esperanto para a juventude que com frequência alguns participantes resolvem esse problema organizando, em conjunto com o padre da paróquia mais próxima, um culto bilíngüe no qual, por exemplo, se canta em esperanto e se lê em voz alta a prece nas duas línguas.

Em diversas cidades – sobretudo na Polônia, Itália, Alemanha e Reino Unido – regularmente ocorrem cultos em esperanto, sendo que em Londres isso ocorre uma vez por mês desde 1912. Na Alemanha, religiosos católicos e luteranos realizam tais cultos na Catedral de Speyer (Missa católica bimestral desde o outono de 1991), em Stuttgart (culto ecumênico quase todo mês desde 1995) e ocasionalmente também na Catedral de Freiburg (desde novembro de 1996). E a partir de 1990 também nas Feiras Eclesiásticas e Católicas da Alemanha (Katholikentag, Kirchentag) ocorrem com frequência cultos em esperanto. Nas Feiras Católicas em Dresden (1994), Mainz (1998) e Hamburgo (2000) o arcebispo Jakubinyi da Romênia celebrou a Missa em esperanto.

Os cultos em esperanto como em Speyer são habitualmente seguidos por uma visita a residências que hospedam participantes, por uma reunião de esperantistas ou por uma excursão em grupo pela cidade. Por diversas razões faz sentido realizar tais cultos: Primeiro porque eles em geral atraem também aqueles esperantistas que não praticam tão regularmente sua crença, e segundo porque cristãos de outros países, que porventura estejam visitando aquela região, apreciam muito poder participar de um culto em uma língua compreensível para eles e depois poderem partilhar de momentos com cristãos alemães. De resto, esses cultos são em si mesmos símbolos marcantes de contínua solidariedade com outros cristãos além das fronteiras dos países.

## VIAGENS

O esperanto possibilita a seus usuários ver outros países não apenas da perspectiva de um turista comum, mas também conhecer profundamente os habitantes locais. O anuário “Pasaporta Servo” contém mais de mil endereços, em 80 países, de famílias e pessoas que gostam de hospedar esperantistas e que disponibilizam suas residências, oferecendo aos visitantes pernoites gratuitas. Além disso, por correspondência ou em encontros pessoais durante eventos de esperanto, com frequência nascem contactos amistosos que instigam os esperantistas a reciprocamente se convidarem.

Dessa maneira também os cristãos esperantistas com frequência visitam-se uns aos outros em diversos países. Na primavera de 2001, o autor deste livro foi à China a convite de uma esperantista católica chinesa. Isso o permitiu conhecer a Igreja Católica oficial “patriótica” daquele país e também a Igreja “subterrânea”. Sem contactos pessoais com os chineses esperantistas não é fácil para estrangeiros saber onde se localizam as igrejas cristãs e a que horas realizam-se os cultos. Em parte pela falta de padres, e em parte devido à proibição de mais

atividades religiosas, mesmo em muitas cidades grandes da China ocorre – nas igrejas – somente um culto católico ou evangélico aos domingos.

Mais emocionante ainda do que a participação em missas “oficiais” foi a participação em uma missa que um padre católico estrangeiro celebrou às escondidas em sua casa: “Nós agora devemos fechar as cortinas e se alguém tocar a campainha, devemos rapidamente esconder tudo”, disse ele antes de vestir sua estola. Oficialmente ele trabalha na China em uma profissão bem diferente: “Se o estado souber que sou padre eu certamente terei de deixar o país”. Seja em esperanto, seja em línguas nacionais, foi possível ter conversas abertas e amistosas com cristãos chineses, os quais contaram também coisas tristes: “No ano passado minha irmã teve de abortar, pois ela já tem uma criança, e seu marido não queria perder seu posto de oficial” – “Há no momento campanhas contra o Vaticano em nossa cidade; dizem que os 119 mártires chineses que o Papa canonizou não eram santos mas criminosos”.

## PERIÓDICOS E LIVROS

Regularmente circulam em esperanto entre 10 e 20 revistas cristãs – dependendo de se também incluímos nessa conta os boletins mais modestos. A “*Espero Katolika*” é editada em Roma e informa sobre a Igreja Católica Mundial. Ela trata das atividades e mensagens do Papa, dos novos beatos e santos, mas também de história e atividades atuais do movimento católico Esperantista. Ela é a mais antiga revista em esperanto ainda em circulação e – editada a cada bimestre trazendo um rico conteúdo em suas 30-40 páginas – é também uma das de mais alto nível.<sup>144</sup>

O equivalente protestante da “*Espero Katolika*” é a “*Dia Regno*”, o órgão da KELI. Também ela circula bimestralmente. E visto que da KELI fazem parte cristãos das mais diversas confissões – a maioria de igrejas reformadas, mas também cristãos ortodoxos e católicos – suas páginas muitas vezes trazem animadas discussões ecumênicas.

Membros da IKUE e da KELI podem assinar a revista da respectiva associação co-irmã pela metade do preço. Isso pode ajudar os cristãos a verem os acontecimentos recentes em diferentes perspectivas. Quando, em 1995, o Papa João Paulo canonizou Johann Sarkander, revistas católicas em esperanto com alegria divulgaram a novidade: “Nosso Santo Johann Sarkander. Para nós modelo de fidelidade e bravura”.<sup>145</sup>

Contrariamente, na “*Dia Regno*” apareceu uma reportagem com um título que para os católicos era surpreendentemente triste: “Um espinho na caminhada ecumênica”. O artigo na revista “*Dia Regno*” citava as palavras de Pavel Smetana, presidente do Conselho Ecumênico Tcheco, segundo as quais Johann Sarkander “sem o menor sentimento e sem amor cristão, opunha-se aos adeptos de outras religiões”.<sup>146</sup>

---

144. Também fora da IKUE ela é elogiada por seu “resultado de alto nível”, ver Humphrey Tonkin em esperanto 2/2001, p. 1.

145. *Dio Benu* 1/1995, p. 1.

146. *Dia Regno* 5/1995, p. 8.

Além das revistas da IKUE e da KELI existem muitos boletins das seções nacionais dessas associações, como, por exemplo, a “Franca Katolika Esperantisto”, “La ponteto” (boletim dos membros franceses da KELI), a “Kristana Alvoko” (dos membros britânicos da KELI) e a “Frateco” (de católicos poloneses). Merecem ainda menção algumas revistas predominantemente em línguas nacionais como a “Katolika Sento” (Itália), a “Kristliga Esperantoförbundets Medlemsblad” (Suécia) e a “Ökumenisches Esperanto-Forum” (Alemanha).

A mais volumosa das revistas nacionais é a “Dio Benu”, cujo abundante conteúdo espelha o vigor da seção tcheca da IKUE. Em suas páginas podem-se ver as excelentes relações dessa associação com bispos e cardeais – além de se constatar a participação também de muitos jovens na entidade.

Ao todo existem (ao lado de muitas pequenas circulares) cerca de 200 revistas em esperanto que circulam regularmente. Cerca de 10% delas tratam principalmente de temas religiosos. É de se supor que uma proporção semelhante seja válida para os cerca de 40 mil livros e brochuras na língua esperanto surgidos até hoje. Além da Santa Bíblia também o Alcorão e o Bhagavad-Gita ganharam sua tradução em esperanto.

Em esperanto apareceram também muitas biografias de santos (Francisco, Domingo, Edith Stein), assim como algumas encíclicas dos papas João XXIII ‘Pacem in Terris’, Paulo VI ‘Ecclesiam Suam’ e ‘Populorum progressio’ e João Paulo II ‘Familiaris consortio’, ‘Laborem exercens’ e ‘Centesimus Annus’. Em 1995 a IKUE editou também um vídeo em esperanto (“O sudário – sinal de nossa época”).

Entre uma centena de livros cristãos de preces e cantos em esperanto o mais imponente e útil é o livro para culto ecumênico “ADORU”, editado no verão de 2001 na Alemanha. Em suas 1400 páginas ele traz preces e cantos traduzidos das mais diversas línguas, assim como alguns originalmente escritos. Enquanto Igrejas em diferentes países ainda publicam seus livros de hinos católicos, protestantes e ortodoxos separadamente, “ADORU” é o resultado de uma cooperação ecumênica longa e intensa entre esperantistas cristãos de diversos países. Ele se vale das ricas tradições de liturgia e louvor de todas as denominações cristãs.

## A RÁDIO DO VATICANO

Na Europa é possível escutar, em ondas médias e curtas, programas de rádio em esperanto de oito países: Polônia e China (diariamente), Estônia, Itália, Cuba, Lituânia, Áustria – e do Vaticano. Desde janeiro de 1977, a Rádio do Vaticano emite regularmente em esperanto, de início uma vez por semana, a partir de 1981 duas vezes e depois de outubro de 1998 três vezes. A cada tarde de domingo, de quarta e de quinta-feira ali se inicia o programa com as palavras em esperanto “Estu laŭdata Jesuo Kristo” (Seja louvado Jesus Cristo). A redação em esperanto informa sobre acontecimentos recentes na Igreja e no mundo, e apresenta documentos e discursos do Papa; algumas vezes relata também as atividades de esperantistas católicos.

As emissões, que podem ser também escutadas pela Internet e – fora da Europa – por satélite, encontram um considerável interesse, até mesmo em países nos quais as emissões da Rádio Vaticano na língua nacional provocam pouca repercussão.<sup>147</sup> A cada ano a redação em esperanto recebe cerca de mil cartas de ouvintes de todo o mundo, o que é um número bastante alto em vista de a duração da programação ser de apenas 30 minutos por semana.

## ATIVIDADE BENEFICENTE

Assim como quase todas as organizações cristãs, também a IKUE e a KELI engajam-se em trabalhos de caridade. Exemplos de programas de ajuda que foram iniciativas de antigos e contemporâneos dirigentes da IKUE e da KELI nas últimas décadas são o apoio do Doutor József Kondor a doentes com hanseníase, a “Ação E3”, um auxílio a portadores de deficiência visual organizado por Jacques Tuinder, a ajuda de Hansjörg Kindler a portadores de limitação física e a “Kooperativo Espero” (Cooperativa Esperança) na República Democrática do Congo (antigo Zaire).

Seguem descrições resumidas desses projetos:

Em 1993 foi publicado o livro “Kroata Milita Noktlibro” (Diário Noturno da Guerra na Croácia) de Spomenka Štimec. Nele a autora descreve como o ódio, a violência e a morte inundaram seu país. E ela dá a palavra a pessoas que perderam seus parentes mais próximos e que apesar disso clamam por paz. Hansjörg Kindler, um padre católico-tradicional alemão, empreendeu a tradução deste livro para a língua alemã. A arrecadação da venda do livro – mais de dez mil euros em poucos meses – foi usada para sustentar crianças mutiladas na Croácia.

Em uma parte do mundo muito diferente age a “Kooperativo Espero”. Ela foi fundada em 1993 em Bukavu, cidade no sudoeste da República Democrática do Congo. Com um auxílio de mais de 40 mil euros, que a IKUE disponibilizou em parte como crédito, em parte como doação, católicos africanos construíram lá uma fábrica de tijolos. Em 1994 a produção teve início, e pouco tempo depois o líder da cooperativa, Yogelolo Lutombo, pôde com satisfação relatar na *Espero Katolika*: “A ajuda de vocês criou 31 postos de trabalho, possibilitando manter 31 famílias que anteriormente passavam por enormes dificuldades!”<sup>148</sup>

Em todos os projetos mencionados o esperanto desempenha um duplo papel: Por um lado, é nas revistas em esperanto que são publicados os relatos e os pedidos de doação, enquanto que, por outro lado, ele facilita os contactos internacionais nas atividades em questão.

## ENCONTROS

O esperanto oferece a seus usuários numerosas possibilidades para conhecer e fazer amizade com pessoas de outros países e culturas. Esperantistas cristãos

---

147. Isso foi dito pelo diretor geral da Rádio do Vaticano, Padre Pasquale Borgomeo, em seu discurso no 50º Congresso da IKUE em Roma, 01-09-1997.

148. *Espero Katolika* 11-12/1995, p. 195.

sentem-se ligados de modo duplo, por uma língua comum e por uma mesma crença. Isso possibilita a eles se encontrarem com antecipada simpatia e ajuda a tornar suas amizades mais profundas.

Há muitos encontros de cristãos esperantistas – peregrinações ou exercícios espirituais na Polônia, eventos de fim de semana na República Tcheca, Eslováquia, Romênia ou Lituânia, reuniões de católicos italianos ou de protestantes suecos. Os maiores e, sobretudo, os mais internacionais são os congressos da IKUE e da KELI. Quase todo ano no verão ocorre tal congresso, na maioria das vezes organizado em conjunto pelas duas associações. Reúnem-se ali entre 100 e 300 cristãos de cerca de 20 países durante uma semana para rezar, cantar, conversar e discutir em conjunto – a despeito das diversas origens e confissões. Do programa em geral fazem parte cultos diários e palestras sobre o tema do congresso. Acontecem diversas reuniões, mas também programação com entretenimentos tais como excursões, concertos musicais, danças populares, peças de teatro ou *sketchs* de jovens.

É possível que esses Congressos Ecumênicos da IKUE e da KELI ajudem mais a idéia de ecumenismo do que tratados teóricos de teólogos ou declarações de autoridades eclesiásticas. Eis a opinião de Gerrit Berveling, um religioso da igreja remonstrante holandesa e esperantista:

Um verdadeiro ecumenismo vive e floresce na base, em encontros ao vivo de pessoas de diversas igrejas, de diferentes confissões, e até mesmo de diferentes religiões. O verdadeiro ecumenismo floresce cada vez mais em sérias conversas conjuntas (sem contendas, mas sim com discussões cheias de respeito, buscando a compreensão de um sobre o outro). O verdadeiro ecumenismo floresce e vive em cultos conjuntos, nos quais nos deixamos inspirar e nutrir do próprio Deus, a inacessível, indefinível fonte de tudo. Nos quais nos reconhecemos reciprocamente como pessoas de tradições distintas, mas por certo partilhando na mesma busca por Deus. Nosso Deus único e comum.<sup>149</sup>

Essas palavras espelham principalmente a opinião de muitos dos membros da KELI. Mas também muitos dos membros da IKUE concordam com elas. Enquanto que para alguns ativistas da IKUE bastariam os eventos ecumênicos, outros desejam reunir-se ao menos a cada dois ou três anos em um congresso específico da IKUE. Conseqüentemente, de tempos em tempos a IKUE e a KELI continuam a organizar eventos separados.

Um evento importante foi o 50º congresso da IKUE no verão de 1997 em Roma e Rimini. Dele participaram cerca de 300 fiéis de 24 países. O congresso começou com uma Missa em esperanto concelebrada por 17 padres e presidida pelo Bispo Giovanni Locatelli no altar principal da Basílica de São Pedro.<sup>150</sup> Outros destaques foram a já mencionada saudação em esperanto do Papa João Paulo II e a – igualmente no dia 3 de setembro de 1997 – audiência dos congressistas com o

---

149. *Dia Regno* 3/2000, p. 6. As palavras são uma reação ao “Malgranda Ekumena Katekismo” de Heinz Schütte, obra que Berveling “na verdade não aprecia”.

150. *Espero Katolika* 7-8/1997, p. 113.

presidente italiano Oscar Luigi Scalfaro. Tendo conhecido padres esperantistas de ritos diversos, Scalfaro constatou que “O esperanto é também útil para o diálogo ecumênico” e agradeceu aos membros da IKUE por seu trabalho para a fraternidade e “entendimento entre os povos”.<sup>151</sup>

## ACAMPAMENTOS ESPERANTISTAS ECUMÊNICOS DA JUVENTUDE

No 11º Congresso Ecumênico de Esperanto, no verão de 1996 em Szombathely (Hungria), do qual participaram também 25 jovens de sete países, decidiu-se organizar a cada ano um Acampamento Ecumênico de Esperanto para Jovens (JET). O primeiro acampamento desse tipo ocorreu de 11 a 18 de agosto de 1998 em Unterkirnach, na Floresta Negra, Alemanha. Cerca de 60 jovens de sete países da Europa do leste, da Alemanha e de Gana discutiram sobre o tema “repacificação” e sobre os caminhos para um futuro pacífico para a humanidade; eles cantaram e rezaram em esperanto e se conheceram em caminhadas e excursões ciclísticas em uma das mais belas regiões da Alemanha.

Devido aos trabalhos de organização relativamente exigentes, mas também pelo desejo de vivenciar um entendimento que funciona bem num local onde a barreira da língua entre jovens cristãos de todo o mundo é sentida com bastante intensidade, foi decidido não organizar no ano seguinte um acampamento à parte. Ao contrário, o 2º JET ocorreu em Taizé, no sudoeste da França, onde a comunidade fundada pelo Irmão Roger recebe a cada verão dezenas de milhares de jovens de todos os continentes para conduzi-los à fonte da crença.

Assim, de 9 a 16 de agosto de 1998, reuniram-se além de cerca de seis mil jovens do mundo inteiro também cerca de 50 jovens esperantistas no vilarejo que ficou famoso entre os cristãos como lugar de encontro e meditação. Os organizadores dos encontros de jovens em Taizé de bom grado permitiram o uso do esperanto nas conversas em pequenas rodas; contudo eles criaram dificuldades iniciais ao exigirem também dos esperantistas uma estrita divisão entre jovens de até 29 anos, adultos e famílias. Além disso, já na recepção foi preciso dividir por países o grupo de esperanto. Assim se deu que alguns esperantistas tiveram a oportunidade de morar com outros jovens que durante toda a semana só conseguiram dizer-lhes a palavra “Romênia” ou “Português”.

Tanto mais porque se reconheceu o valor do uso bem sucedido do esperanto nas conversas dos grupos. Com base na carta “Alegria Inesperada” do Irmão Roger em tradução para o esperanto, na Bíblia e na folha de tarefas cotidianas da comunidade, jovens de oito países conversaram sobre questões religiosas e problemas de sua vida pessoal. Essas discussões, mas também a atmosfera mágica daquele local de orações e os famosos cantos de Taizé tornaram aquele JET uma experiência inesquecível e enriquecedora para todos os participantes. Muitos retornaram dois anos depois, quando em agosto de 2000 novamente reuniram-se em Taizé por ocasião do 4º JET.

---

151.Ibid., p. 122.

No verão de 1999 ocorreu o 3º JET dentro do Congresso Ecumênico de Esperanto em Gliwice (Polônia), mas com uma programação independente. Com mais de 80 participantes ele foi até hoje o maior JET.

À exceção desses Acampamentos Ecumênicos de Esperanto para Jovens, os que mais impressionaram o autor deste livro foram os Acampamentos Católicos de Esperanto. A eles será dedicado o sexto capítulo.

## ACAMPAMENTOS CATÓLICOS DE ESPERANTO

“Vekiøu, ho dormantoj, jam vokas la kukol’...” (Acordem, dorminhocos, o cuco já está chamando...). Com uma canção e um violão começa a cada manhã às 7 horas um novo dia no Acampamento Católico de Esperanto em Sebranice. Meia hora depois é realizada a Santa Missa em esperanto; só depois começa o desjejum. Às 8h30 a gente se agrupa para a “ordem unida matinal”, durante a qual não só se anuncia o programa do dia, mas também se hasteia a bandeira da IKUE. Também esse procedimento é acompanhado por uma canção:

Supren flugu niaj flagoj, kolektiøu la fratar’.  
Dio benu Esperanton, sonas kanto en tendar’.

[Confraternize a irmandade, no acampamento soa o canto.  
E hasteiem-se os estandartes, Deus abençoe o esperanto.]

Na seqüência ocorrem cursos de esperanto em pelo menos quatro diferentes níveis. Nos cursos de conversação, discute-se em esperanto sobre temas religiosos e profanos. Os participantes apresentam a si próprios descrevendo seus percursos em direção à crença religiosa; fala-se, por exemplo, sobre o santo com cujo nome se foi batizado, ou sobre a difusão do cristianismo nos diversos países. Participantes tchecos contam a respeito do ensino religioso durante a época comunista; comparam-se as festas cristãs nos diversos países. Também temas como ecologia permitem comparar os diversos países, como, por exemplo, a importância da reciclagem.



*Acampamento Católico de Esperanto em Sebranice (1994)*

À tarde, vários grupos ensaiam cantos religiosos em esperanto; outros jogam voleibol ou vão nadar em um local para banho próximo do acampamento. Algumas vezes há palestras, por exemplo, de um padre sobre orações ou vida conjugal; sobretudo este último tema evoca nos jovens grande quantidade de perguntas.

Ao entardecer a bandeira é recolhida e enquanto isso os jovens cantam:

Sun' subiras horizonton, anøeluso vokas jam.  
Turnu penson al æielo, zorgas pri ni Dia am'.

[O sol se põe no horizonte, chama-nos o anøelus.  
Volte ao céu o pensamento, zela-nos amor de Deus.]

Depois disso, conversas, jogos e cantoria têm lugar em torno da fogueira. Às 22h00 inicia-se o silêncio noturno. Ao final do anoitecer forma-se um grande círculo, todos se dão as mãos com os braços em cruz e canta-se “Steletoj” (estrelinhas) traduzida de uma canção folclórica tcheca:

Steloj, adiaý nun, dormas mi jam.  
Kore mi petas vin, tre mi petegas vin,  
zorgu pri la patrin', pri mia am'.

[Adeus agora estrela, que já é hora.  
De coração peço-lhe, peço-lhe de coração,  
cuide de minha mãe, que em meu peito mora.]

Por fim é a hora de despedir-se com um sorriso, desejar uns aos outros uma “Boa noite” e recolher-se para um merecido repouso. Ainda uns poucos jovens conversam baixo sob a luz de uma vela. Mas logo também eles silenciam.

Um europeu ocidental que visita esse acampamento certamente se surpreende ou mesmo se decepciona com a estricteza da ordem do dia ou com as modestas condições externas – a não ser que ele já esteja um pouco acostumado com algo similar em eventos de escoteiros. Contudo acostuma-se a isso e começa-se a apreciar a vantagem ao menos de se acordar cedo: É uma boa idéia começar o dia bem cedo até porque não há luz elétrica. Além disso, em geral não há qualquer luxo no acampamento. Não há água quente encanada. Os banheiros, sem descarga, encontram-se na floresta. É comovente ver que em circunstâncias externas tão simplórias, quase primitivas, jovens de diversos países sentem-se bem e passam uma semana dentro de uma atmosfera muito amistosa e calorosa.

Poucos meses depois do fim do regime comunista a Seção tcheca da IKUE foi reaberta. Em 1991 ela organizou novamente um Acampamento Católico de Esperanto, o 10º KET, após 14 anos de interrupção forçada. No início não foram muitos os jovens que participaram do evento; eles na maioria eram iniciantes e no acampamento falavam principalmente em tcheco. Nos anos seguintes, alguns não somente melhoraram consideravelmente sua proficiência, mas também trouxeram amigos de sua escola ou de sua paróquia; outros leram a respeito do acampamento em revistas católicas ou receberam informações dele quando participavam de um



curso por correspondência especial para católicos. A partir do 13° KET em 1994 o cerne do evento consistia de um círculo de amizade de jovens católicos fluentes em esperanto. Os guias espirituais são o padre tcheco Savio Ricíca e o padre húngaro Lajos Kóbor. Mas também o bispo de Hradec Králové, Karel Otcenášek, muitas vezes visitou o evento para exprimir sua simpatia pelo trabalho dos católicos esperantistas. No ano 2000 o bispo auxiliar Josef Hrdlicka, de Olomouc, celebrou a missa em esperanto no acampamento.



*Bispo Otcenášek no acampamento católico de esperanto (1995)*

O acampamento tem o poder de influir positivamente na visão de mundo dos jovens. Foi em um KET que Beata, uma polonesa de 19 anos, conheceu pela primeira vez de mais perto um alemão. Ela conta que isso mudou sua opinião sobre os vizinhos ocidentais. Até então ela havia conhecido alemães basicamente em filmes de guerra, nos quais eles se mostravam sempre frios e cruéis.

A estrada de Sebranice a Litomyšl passa próximo a um campo em que há um conjunto de torres de antena. Como é do conhecimento dos participantes do acampamento, elas foram construídas pelo regime comunista para causar interferência em emissões de rádio ocidentais. “Em minha família nós sempre ouvimos a ‘Rádio Europa Livre’”, conta Anika da Eslováquia, “mesmo que muitas vezes fosse difícil captá-la”. Nós sempre tivemos a esperança de que tudo mudasse. Ela foi educada em uma família cristã. “Meus pais faziam questão de que eu participasse de aulas de religião. Visto que meu pai era professor e minha mãe trabalhava em um jardim de infância, eles tiveram que mudar de profissão por causa disso. Nos meus boletins era anotado que eu participava das aulas de religião. Todos nós sabíamos que isso reduziria muito minhas chances de ser aceita na universidade.” Para Anika o esperanto é agora “um meio para a concretização do lema Divino do amor”.<sup>152</sup>

152. *Dio Benu* 4/1992, p. 61. En 1996 Anika (Anna Nemcová) tornou-se presidente da IKUEJ, a organização para jovens da IKUE. Um ano depois, contudo, ela abandonou o movimento católico esperantista ao recolher-se a um convento.

Totalmente diferente foi a situação para Marcela, 18 anos, de Bratislava: “Meus pais eram ateus. Só há dois anos eu comecei a interessar-me por religiões. Isso porque a visão de mundo materialista, na qual fui educada, não me satisfazia. Agora aqui estou eu para conhecer a Igreja Católica. Meus pais chatearam-se muito por eu me inscrever nesse acampamento”. Seis meses depois de sua estada em Sebranice, Marcela foi batizada.

Um campista não tão jovem, Ladislav Mlejnek, conta que também ele vem de uma família ateuista. Para ele o encontro com a idéia de Ludwig Zamenhof foi “o primeiro degrau em direção à Igreja”. Quando tinha 22 anos ele recebeu, numa reunião em um clube de esperanto, o convite de um jovem para participar da Missa dominical. “Eu aceitei ir e, com olhos e ouvidos atentos, experimentei algo totalmente novo para mim. Aquelas pessoas amavam-se e admiravam-se reciprocamente, reinava ali um ambiente fraternal, muitos oravam alto, louvavam Deus com palavras e canções”.

Com um pouco de dom para línguas e de esforço é possível, depois de poucos meses, entender-se fluentemente em esperanto. Contudo, um iniciante deve primeiro vencer dificuldades. Jindra, 17 anos, só adquiriu seus primeiros conhecimentos de esperanto poucos meses antes do acampamento, por meio de um curso por correspondência. Ela se recorda:

Até o início do acampamento eu acreditava que o esperanto fosse uma língua morta. Eu não conseguia imaginá-lo como um instrumento de comunicação. A primeira vez que eu ouvi esperanto foi na estação ferroviária principal de Praga, durante uma viagem a Sebranice, da boca dos irmãos Kalný e Mlejnek. As primeiras frases eu não entendi, mas depois eu consegui captar palavras soltas e por fim eu cheguei mesmo a entender. Bom, pensei eu, agora eu entendo esperanto. Mas surgiu uma dificuldade adicional: como responder às perguntas em esperanto? Uma função do cérebro agiu e resolveu por completo o problema: mentalmente traduzir rápido do tcheco para o esperanto e do esperanto para o tcheco. Isso no final sempre dava resultado e, depois, as aulas de esperanto no acampamento ajudaram no aperfeiçoamento do uso da língua, sobretudo pela conversação. Felizmente eu posso constatar que graças às horas de aula e a toda a atmosfera de esperanto eu já consigo até mesmo pensar nessa língua.<sup>153</sup>

Na escola, Pavel, 28 anos, só havia estudado russo, e não demorou a esquecer o que aprendera. Ele tentou aprender inglês por conta própria, mas não teve êxito. Seu padre o estimulou a aprender esperanto. Isso também exigiu um certo tempo, mas por fim, em seu terceiro KET, ele já era capaz de falá-lo fluentemente. Para Andrea, 18 anos, foi mais rápido: Depois de uma aprendizagem que durou seis meses ela já fala melhor o esperanto do que o alemão, que estudou durante quatro anos na escola.

Por meio de uma segunda língua comum e de fácil aprendizado as pessoas se aproximam pelo caminho mais curto. Em Sebranice nascem amizades, das quais

---

153. *Dio Benu* 4/1994, p. 122.

muitas se tornam duradouras. Jovens tchecos e eslovacos não raro já voltarão a se rever algumas semanas depois do KET, em alguns eventos de fim de semana. Participantes de outros países em geral devem esperar até o verão seguinte, a não ser que se encontrem nesse período em eventos do movimento esperantista em geral.

E é precisamente por constituírem uma minoria relativamente pequena que os cristãos esperantistas formam uma comunidade mundial, na qual todos têm muitos amigos e conhecidos. O entendimento em geral funciona muito bem. Encontra-se no movimento cristão esperantista um tipo de lar. Todo aquele que permanece fiel a essa comunidade reencontrará também em futuros acampamentos e congressos muitos velhos amigos. É provável que só essa utilidade prática já garanta que o movimento cristão esperantista viverá ainda por muito tempo. Somente algum tipo de vitória do esperanto poderia alterar profundamente essa situação. Ela enfraqueceria os laços atuais entre os membros de uma minoria, mas ao mesmo tempo abriria para incontáveis pessoas um mundo novo de contactos internacionais. Discutamos então os argumentos favoráveis e contrários a esse passo.



# ARGUMENTOS A FAVOR E CONTRA O ESPERANTO

## A SITUAÇÃO LINGÜÍSTICA NA IGREJA

No Concílio Vaticano II (1962-1965) ocorreu uma inflamada discussão sobre o latim. Vozes favoráveis também se ouviram. O Cardeal J. McIntyre de Los Angeles manifestou a opinião de que:

O latim mostrou-se um meio lingüístico muito adequado para a universalidade da Igreja [...] ele demonstrou ser um instrumento de comunicação eficaz acima de qualquer nacionalismo ou de qualquer pressão política. Ainda hoje ele é uma língua útil e universal.<sup>154</sup>

Mas outros padres, bispos e cardeais avaliaram de modo crítico as perspectivas do latim. Monsenhor F. Simons, de Indore, Índia, declarou:

Não é verdade que o clero domina perfeitamente o latim. Muitas vezes ocorre, mesmo durante as audiências papais, que aquele que não fala italiano ou francês deve valer-se de um intérprete, e muitos bispos agora presentes no Concílio estão usando o latim pela primeira vez. O Concílio poderia, de forma análoga aos grandes congressos internacionais, ter assegurado interpretações simultâneas nas línguas modernas mais difundidas. Já há muitos anos a correspondência com a Cúria Romana vem sendo feita também nas línguas modernas, o que prova que o latim não é absolutamente necessário. Os mais importantes documentos eclesiásticos e as obras selecionadas dos Pais da Igreja a maior parte do clero lê somente em sua língua própria. Muitas obras teológicas são publicadas somente nas línguas modernas.<sup>155</sup>

Monsenhor J. Maalouf, de Baalbek, no Líbano, queixou-se de que muitos dos participantes dos debates não dominavam suficientemente o latim, e por isso nenhum texto importante deveria ter sido aprovado assim tão rápido. Ele próprio falou em francês, desculpando-se por conhecer mal o latim, e acrescentando que se falasse árabe, a absoluta maioria certamente não o compreenderia em absoluto.

---

154. Jerzy Korytkowski, *Internacia lingva komunikado en la Eklezio kaj nuntempa mondo*, Varsóvia 1986, p. 41.

155. *Ibid.*, p. 47.

Também o Cardeal R. Cushing, de Boston, Estados Unidos, exprimiu pesar pelas barreiras lingüísticas:

Eu nunca me esquecerei do Concílio! Eu nada compreendi do que se falava, pois nunca antes havia escutado discursos em latim. Para mim era tudo grego! Eu não tenho idéia de quantos dos demais participantes encontravam-se na mesma situação. Sentei-me entre dois idosos e certamente eméritos cardeais italianos. Eles não falavam inglês nem eu italiano.<sup>156</sup>

O Concílio permitiu o uso das línguas maternas na liturgia católica em lugar do latim. Embora essa permissão não visasse a abolir o uso do latim na Igreja, esse foi, contudo, o resultado.

Alguns teólogos relembram que o latim nem sempre foi a língua oficial da Igreja Católica:

Emoções profundas e apaixonadas estiveram – e algumas ainda estão – ligadas ao uso do latim na Missa, a maioria delas refere-se mais à estética. Alguns insistem no latim citando a tradição, mas essa pretensão não tem muito fundamento. Como repetia incansavelmente o famoso Padre H. A. Reinhold, o latim não foi a língua da primeira Missa nem da Última Ceia, e sim o aramaico e o hebraico. Da mesma forma, o latim não era a língua das Missas de São Paulo, mas sim o grego. O latim nem mesmo era a língua usada no início da Igreja Romana; por dois séculos usou-se o grego. O latim foi na verdade uma inovação da Missa no terceiro século (...).<sup>157</sup>

Por certo a decisão do Concílio não foi algo óbvio e indiscutível; temos o exemplo da Igreja Ortodoxa Russa, que continua a usar o eslavônico. A propósito, há ainda hoje alguns bispos e cardeais que demonstram desapontamento com as conseqüências daquela decisão.

No final de 1999 o Cardeal Ratzinger conclamou os bispos a “redescobrirem a missa em latim”. Em sua opinião “uma inventividade desenfreada” posterior ao Concílio Vaticano II “destruiu o mistério da Santidade”. Em contrapartida, a antiga liturgia em latim “não é um tradicionalismo terrível, mas sim o desejo de participar na Divindade”.<sup>158</sup>

Com afincos ainda maior que o de Ratzinger, os adeptos do bispo “dissidente” Marcel Lefebvre<sup>159</sup> insistem que a língua falada nas ruas não convém aos mistérios evocados na Missa. Segundo eles, o uso das línguas maternas faz a liturgia e a eucaristia parecerem mais compreensíveis do que elas realmente são.<sup>160</sup>

---

156. Ibid.

157. John Deedy, *Retrospect*, Chicago 1990, p. 31, ver <http://www.sxws.com/charis/odds20.htm>.

158. Die Messfeier in lateinischer Sprache wiederentdecken, *Die Welt* (segundo a agência de notícias alemã DPA), 22.12.1999.

159. Lefebvre (1905-1991) foi excomungado pelo Papa João Paulo II em 1988.

160. Gernot Facius, Ratzinger, die Liebe zum Latein und das verlorene Geheimnis, *Die Welt*, 24.12.1999, <http://www.welt.de/daten/1998/12/24/1224de83758.htx>.

A *Irmandade de Pedro*, uma união de padres católicos tradicionalistas, esforça-se em mostrar a utilidade de uma unidade lingüística e litúrgica na Igreja, nas palavras do cardeal alemão Frings (1887-1978) do ano de 1957. Eis uma citação da página da união na Internet:

Quando pouco tempo atrás eu retornei de minha viagem ao Japão e à Coréia, perguntaram-me o que mais profundamente me havia impressionado. Eu pude e tive de responder: A vastidão da catolicidade de nossa Santa Igreja. Pois em toda parte eu encontrei a mesma crença e a mesma fidelidade ao representante de Cristo, o Papa em Roma. E quando em Hiroshima, e em Seul eu solenizei a Pontifícia Missa, quando eu celebrei a Santa Missa na capela do núncio em Tóquio ou consagrei ali teólogos e diáconos japoneses, americanos e europeus, em toda parte eu fiz o mesmo e da mesma forma como em casa, em Colônia. (Joseph Kardinal Frings, 05-07-1957)<sup>161</sup>

A situação atual é outra. O cardeal alemão ao menos não mais usaria em Seul a mesma língua que em Colônia. O latim mostrou-se excessivamente difícil para que pudesse realmente servir à unidade da Igreja. Segundo um artigo do jornal “The Guardian” de 16-10-1999, o latinista-chefe do Vaticano, Abade Carlo Egger, declarou:

O latim tem hoje reduzidas chances de sobreviver na Igreja Católica. A verdade pura e simples é que muitos, muitíssimos bispos já não são capazes de falá-lo.<sup>162</sup>

Atualmente a Igreja Católica é multilíngüe. Ela usa principalmente as seis línguas maternas mais difundidas entre os católicos – o espanhol, o português, o francês, o inglês, o italiano e o alemão. É nessas línguas que se pode ler a página internet <http://www.vatican.va>. Também o jornal do Vaticano, *L’ Osservatore Romano*, circula semanalmente nessas seis línguas; além disso, há uma edição mensal em polonês.



161. <http://www.petrusbruderschaft.de>.

162. James Meek, Latin is all Greek to us, Catholic bishops admit, *The Guardian*, 16.10.1999, p. 5.

A Rádio do Vaticano emite seus programas em 47 línguas, incluindo o esperanto, mas não em latim. Em um número ainda maior de línguas, cerca de 60, o Papa João Paulo II pronuncia suas saudações de páscoa e de natal.

Bispos e cardeais do mundo inteiro compreendem-se seja com a ajuda de intérpretes, seja usando seus conhecimentos de línguas nacionais. Todavia isso nem sempre funciona perfeitamente. Eis uma citação do ano de 1999 sobre problemas do bispo alemão Hermann Josef Spital:

O bispo de Trier não é necessariamente um mestre das línguas italiana, francesa, inglesa, polonesa e espanhola. Mas essas são línguas faladas no Vaticano. Spital vai regularmente às reuniões do *Pontificium Consilium de Communicationibus Socialibus*. Isto é, o Conselho Papal sobre Meios de Comunicação. Como bispo alemão que se ocupa dos meios de comunicação de massa, Spital é membro com direito a voto nesse conselho do Vaticano. Mas no Vaticano Spital depende de pessoas de língua materna alemã, e da gentileza dos especialistas papais sobre comunicação que falam em alemão com o visitante de Trier. Em reuniões há intérpretes. Mas quando as discussões informais se tornam mais intensas, o Bispo Spital se vê impedido de tomar parte. Essa certamente não é uma experiência agradável.<sup>163</sup>

Também os fiéis comuns continuam separados pelas barreiras lingüísticas, como mostra uma citação da gazeta diocesana “Tag des Herrn” 14/1997. Esse periódico entrevistou Alfred Hoffmann, o responsável pelo escritório sacerdotal na diocese de Görlitz, cidade alemã próxima à fronteira polonesa.

**Pergunta:** Desde a fundação da diocese vislumbra-se a função, que deveria ser desempenhada por Görlitz, de ponte entre católicos alemães e poloneses. Mas até hoje quase nenhuma de suas paróquias tem contactos próximos com a Polônia. O senhor vê alguma chance de se mudar isso?

**Hoffmann:** O principal problema que eu vejo está nas barreiras lingüísticas, e não na desconfiança recíproca. Eu tenho nossos vizinhos poloneses em meu coração, mas sempre vejo também esse problema, que dificulta um intercâmbio verdadeiro.<sup>164</sup>

Por vezes os cristãos menosprezam a barreira das línguas, o que pode ser percebido, por exemplo, na página da internet dos missionários de Steyl:

Contudo os missionários de Steyl em 62 países, que devem lutar contra todas as dificuldades imagináveis, exceto uma: dificuldade de compreensão, nem lingüística, nem étnica, nem cultural. A língua materna deles é – como o nome de sua ordem – a “Palavra de Deus”. Assim eles se articulam

---

163. *Publik-Forum* 21/1999, p. 35, cit. do *Ökumenisches Esperanto-Forum* n-ro 36, dezembro de 1992.

164. <http://www.kath.org/benno/tdh/1997/goerl/tdhg9714.htm>.



em todas as regiões lingüísticas, pensam, agem, sonham, compreendem-se e celebram entre si a paz.<sup>165</sup>

Nos eventos para a juventude da comunidade de Taizé a compreensão internacional funciona às vezes bem, às vezes mal, e às vezes simplesmente não funciona. Uma parte importante dos encontros de verão são os estudos bíblicos diários realizados em grandes rodas. Os estudos para adultos (isto é, para pessoas com mais de 29 anos) ocorrem em geral – dependendo dos conhecimentos lingüísticos por parte do irmão palestrista – em francês com tradução em inglês ou o contrário. Mas somente cerca de 10% dos presentes têm uma dessas línguas como materna, e é provável que outros 10% sejam capazes de compreender sem problemas uma palestra teológica em uma dessas línguas. Conseqüentemente procuram-se, entre os presentes, tradutores voluntários para outras 8 a 10 línguas. Os demais participantes sentam-se diante deles e assim ouvem cada frase primeiro em francês e inglês, e depois em sua língua materna.

As pequenas rodas de conversação em Taizé de praxe devem ser internacionais, conforme desejo dos organizadores; as pessoas devem entender-se com ajuda do inglês ou de outras línguas, enquanto que todo aquele que tiver essa capacidade, deve ajudar traduzindo. No verão de 2000, no âmbito do Acampamento Ecumênico de Esperanto da Juventude, três esperantistas da Alemanha e da Polônia encontravam-se em um desses grupos com alguns não-esperantistas da Rússia, Alemanha, Itália e Espanha. Com ajuda do inglês todos foram capazes de apresentar-se brevemente, mas para conversas mais profundas sobre o tema dado – o livro de Jó – ou sobre questões teológicas como “O que é Deus?”, esses conhecimentos não foram de modo algum suficientes para a maioria deles.

Como solução foram usadas as capacidades de tradução de alguns dos membros do grupo. Ficou claro que o único caminho para que uma espanhola compreendesse as palavras de uma russa era o seguinte: Natacha, da Rússia, falava em sua língua materna, Stanislaw, da Polônia, traduzia as palavras dela para o esperanto, Reinhard, da Alemanha, traduzia do esperanto para o inglês, e por fim, José, da Espanha, traduzia para o espanhol, para que também sua compatriota Carmen compreendesse. Essa comunicação intermediada tem graves desvantagens. Ela exige mais tempo, introduz o risco de distorção ou modificação dos enunciados e, talvez o mais grave, cria uma certa distância. Por outro lado é preciso sempre lembrar que todos só conseguem dizer em uma língua estrangeira aquilo que seus conhecimentos permitem, o que na maioria das vezes não basta para tornar uma conversação interessante.

Do mesmo modo, em outras apresentações e grupos de trabalho em Taizé demonstrou-se ora a utilidade, ora a limitação da língua inglesa. Quando se apresentaram, por exemplo, filipinos ou sul-africanos, com certeza todos apreciaram poder conhecer um pouco daqueles povos, mesmo que nem todos tivessem entendido todas as palavras. Mas certamente menos úteis foram, para alguns, certos grupos de trabalho nos quais os conhecimentos lingüísticos eram de suma importância. Por exemplo, foi exibido para os interessados o filme “O Cristo

---

165. <http://steyler.de/nachrichten-99-051.html>.

Ressuscitado”, que consistia basicamente de uma entrevista com o teólogo Padre Gustave Martelet S. J., nas línguas inglesa e francesa. Depois, reuniram-se dois grupos para uma roda de discussão bilíngüe. Quem supôs que logo se ensinaria um animado debate em inglês enganou-se. Foi uma roda de conversa bastante tranqüila, na qual se usou principalmente o francês, pois aparentemente na roda havia mais falantes nativos dessa língua do que do inglês. Aqueles que tinham outra língua materna preferiram permanecer em silêncio. Não são muitos os que conseguem e se animam a discutir sobre a ressurreição de Cristo em uma língua estrangeira.

A comunidade de Taizé organiza também a cada final de ano um encontro internacional da juventude com mais de 50 mil participantes. Na virada do ano 1999 para o ano 2000 esse encontro ocorreu em Varsóvia. A comunidade editou posteriormente uma brochura em alemão com as impressões dos participantes alemães. De 50 pequenos relatos, 10 mencionam também as barreiras lingüísticas – em primeiro lugar porque com freqüência nem mesmo as conversas mais básicas eram possíveis.

Alguns participantes como “Stefanie, de Regensburg”, contudo, viram a situação com um certo idealismo: “A família que nos hospedou não falava nem alemão nem inglês, e apesar disso, nós nos pudemos entender muito bem, e eles sempre encontravam uma maneira de nos agradar”.<sup>166</sup>

Outros se desiludiram. Eis um trecho do relato de “Gregor, de Frankfurt”:

Era principalmente o intercâmbio com pessoas e povos da Europa central e oriental que eu muito ansiava. No encontro, constatei que ainda existem barreiras lingüísticas. Assim, os povos de língua eslava devem, em geral, permanecer entre si. Quase nenhum europeu ocidental fala línguas eslavas. As poucas palavras em polonês ou em russo não bastam para um verdadeiro diálogo com os outros ou com as famílias hospedeiras. Eu lamento isso.<sup>167</sup>

Certamente hoje quase todas as pessoas concordam que seria desejável desmontar essas barreiras. Mas só uns poucos têm consciência de que uma maneira prática, e já testada com êxito, consiste no uso de uma língua internacional neutra.

## O PROBLEMA LINGÜÍSTICO NA UNIÃO EUROPÉIA

O Conselho da União Européia aprovou em 8 de dezembro de 2000 a “Carta dos Direitos Fundamentais”<sup>168</sup>, segundo a qual a União Européia “baseia-se nos valores indivisíveis e universais de dignidade humana, liberdade, igualdade e solidariedade”. A União “respeita a multiplicidade das culturas, religiões e línguas” (Artigo 22). Além disso, “toda pessoa pode dirigir-se em uma das línguas do tratado aos órgãos da União Européia e deve receber a resposta na mesma língua” (Artigo 41 n° 4).

---

166. In Warschau daheim. Eindrücke von Teilnehmern, Taizé [2000], p. 10.

167. Ibid., p. 7.

168. Ver em <http://www.europarl.eu.int/charter/>.

Essa carta confirma princípios que a União Européia (ou suas antecessoras) esforçou-se em seguir desde seu surgimento. A partir da fundação da Comunidade Econômica Européia em 1957, seu conselho de ministros decidiu por decreto em 15-04-1958: “As línguas oficiais e as línguas de trabalho da Comunidade são o francês, o alemão, o italiano e o holandês”.<sup>169</sup> Esse decreto é sempre atualizado após cada adesão de um novo país, assim, depois da adesão da Finlândia e da Suécia à União Européia em 1995, o número de línguas oficiais e de línguas de trabalho da União elevou-se a 11. (Com o tratado de Amsterdã de 02-10-1997 o finlandês e o sueco somaram-se, com efeito, às “línguas do tratado”, mencionadas na Carta dos Direitos Fundamentais).

Atualmente não restam dúvidas de que a União Européia prosseguirá sua expansão. O livro “A Europa fala em 100 línguas”<sup>170</sup> lista 87 línguas européias. Algumas delas são pequenas, algumas pequeníssimas como, por exemplo, a língua vótica com cerca de dez falantes, os idiomas livês e íngrico com cem usuários cada um, de forma que esses já poderiam contentar-se se a União Européia de algum modo apoiasse seu uso regional para – se é que ainda resta alguma chance – impedir seu total desaparecimento. Mas há também muitas línguas no centro e leste da Europa cujos falantes poderiam exigir com determinação, após a adesão à UE, o reconhecimento, para seus idiomas, dos mesmos direitos já concedidos ao dinamarquês, ao grego, etc.

E realmente a União Européia já antevê a multiplicação das línguas de trabalho. Em um artigo da revista alemã “Die Welt” de 15-03-2001, o vice-presidente do Parlamento Europeu, Ingo Friedrich, escreveu:

A língua é a expressão imediata da própria identidade e não se submete a considerações econômicas. Por isso não parece realista abandonar, na dimensão escrita, o sistema atual, segundo o qual todo documento da UE é traduzido em todas as línguas. Isso continuará dessa forma também em uma UE com 27 membros.<sup>171</sup>

Ele, porém, acrescenta que na interpretação durante as reuniões imaginam-se reformas.

A mesma opinião é manifestada pelo Comissário Europeu Michel Barnier, que respondeu em 5 de junho de 2000, pela Internet, a perguntas de cidadãos sobre a ampliação da UE. Oito das perguntas tratavam do problema lingüístico.

**Pergunta:** Como você pensa que a questão lingüística deveria ser organizada em uma União de até 30 membros? Seria possível reduzir o número de línguas de trabalho? Qual é a sua visão?

**Barnier:** O princípio da igualdade lingüística na União é muito importante, mesmo depois da ampliação. Trata-se da diversidade cultural da Europa.

169. [http://web.br-online.de/bildung/deutsch2000/08\\_sprachenpolitik.htm](http://web.br-online.de/bildung/deutsch2000/08_sprachenpolitik.htm).

170. Uwe Joachim Moritz: *Europa spricht mit 100 Zungen / A Europa fala em 100 línguas*, Osnaabrück 1997.

171. Ingo Friedrich: Babylonische Sprachverwirrung, *Die Welt*, 15.03.2001.

No que diz respeito à organização prática, nós encontraremos uma maneira de resolvê-la.<sup>172</sup>

Contudo, na realidade, já atualmente o princípio da igualdade lingüística é com freqüência deixado de lado, em geral simplesmente por razões práticas. Eis alguns exemplos:

- Navegando pelas páginas da União Européia na rede, <http://europa.eu.int/>, observa-se que nem todos os documentos estão disponíveis nas 11 línguas oficiais. Muitos deles só são oferecidos em inglês, ou em inglês e francês, ou eventualmente também em algumas outras línguas. E – embora isso pareça paradoxal – até mesmo a citação de Michel Barnier mencionada acima, “the principle of language equality in the Union is very important”, aparentemente só existe em inglês na rede.

- No passado, empresas alemãs diversas vezes queixaram-se de que a UE em geral publicava com grande atraso na língua alemã as suas chamadas para licitação, o que prejudicava essas empresas.

- Em reuniões informais dos órgãos da União Européia é organizada a interpretação de e para todas as línguas oficiais. (Isso levou a um escândalo, quando em julho de 1999, sob a presidência da Finlândia, só foram permitidas, na reunião de ministros, as línguas finlandesa, francesa e inglesa. Para protestar contra isso os representantes da Alemanha e da Áustria boicotaram a reunião.)

- No Concurso Europeu para jovens cientistas os participantes em princípio podem escrever seus trabalhos em qualquer língua oficial da UE. Entretanto, uma página de resumo deve estar em inglês, e os participantes são informados de que também a língua de trabalho do júri é o inglês.<sup>173</sup>

- Quando empresas pedem subvenções da União Européia, por exemplo, para um projeto de pesquisa, elas devem escrever em inglês ao menos parte do pedido (por exemplo, um resumo técnico).<sup>174</sup>

- Em uma reunião informativa sobre bolsas de estudo da União Européia em outubro de 1995 em Wiesbaden (Alemanha), foi explicado aos presentes: “Teoricamente vocês podem escrever seu pedido em qualquer língua oficial da UE. Mas nós solicitamos que vocês não deixem de fazê-lo em inglês, pois do contrário teremos que traduzir tudo, e nós, de forma alguma, temos recursos para isso”. Três semanas antes do primeiro prazo final, o centro de informações alemão da UE distribuiu os formulários em inglês com a indicação: “Ainda não se vislumbra quando os formulários estarão disponíveis em alemão”.

172. [http://europa.eu.int/comm/igc2000/dialogue/events/meetings/transcriptchatbarnier5-6\\_en.pdf](http://europa.eu.int/comm/igc2000/dialogue/events/meetings/transcriptchatbarnier5-6_en.pdf).

173. <http://www.europa.eu.int/comm/research/youngscientists/index2.htm>.

174. Nicola Minnaja, La lingva problemoj kaj la navigado, en Reinhard Selten (red.), La kostoj de la Eŭropa Lingva (ne-)komunikado, Roma 1997, p. 44.

Segundo esses formulários, deve-se escrever um resumo do projeto de pesquisa “preferably in English”.

- O Escritório Europeu de Patentes, em Munique, tem três línguas de trabalho – inglês, francês e alemão; contudo, no passado, os documentos de patentes eram traduzidos em todas as línguas oficiais da UE. E era principalmente devido à tradução que os custos de uma patente na União Européia eram muito mais altos do que nos Estados Unidos. Foi calculado que traduzir um texto de patente para 10 outras línguas custa 17 mil euros, enquanto que a tradução para somente uma língua (incluindo a tradução do pedido de patente nas duas outras línguas de trabalho) não custa mais do que 2.200 euros. Conseqüentemente, no final do ano 2000 a Comissão Européia propôs que os textos das patentes européias só tivessem tradução obrigatória nas três línguas de trabalho do Escritório de Patentes, subentendendo que mesmo isso só seria necessário quando esses não fossem originalmente escritos em inglês. Ela se esforçou em justificar a decisão com as seguintes palavras: “O sistema proposto é considerado apropriado, acima de tudo porque a língua universal no campo das patentes é, na realidade, o inglês”.<sup>175</sup>

É, sobretudo, esse último exemplo que mostra que – contrariamente ao pretendido por Ingo Friedrich – a União Européia tende por vezes a pôr os princípios econômicos e de redução de custos acima dos ideais de igualdade de direitos e diversidade cultural. Note-se que a tradução obrigatória de documentação de patentes em outras línguas é justamente o que pode ajudar para que a terminologia científica evolua não somente na língua inglesa.

O caminho proposto pelo Escritório Europeu de Patentes poderia ser também uma solução realista para o problema lingüístico na Europa em geral. Entretanto resta saber se tal caminho é também desejável.

Uma outra solução que respeitaria a igualdade de direitos das línguas nacionais seria o uso do esperanto na comunicação internacional. E é justamente com a ampliação da União Européia que de tempos em tempos alguns cidadãos – não só os falantes do esperanto – propõem essa solução a funcionários da UE. Isso ocorreu também na já mencionada discussão pela rede com Michel Barnier:

**Pergunta (Josette Ducloyer):** Como vocês planejam resolver o problema lingüístico à medida que a União Européia cresce? Já não seria hora de criar uma Europa para pessoas comuns e começar a ensinar em todas as escolas de ensino fundamental uma língua internacional para comunicação que seja neutra, fácil e acessível a todos, tal como o esperanto?

**Barnier:** Como eu disse antes, nosso propósito é aproximar a Europa do cidadão e eu duvido que o uso de uma língua morta seria um passo positivo nessa direção.<sup>176</sup>

---

175. [http://europa.eu.int/eur-lex/en/com/dat/2000/en\\_500PC0412.html](http://europa.eu.int/eur-lex/en/com/dat/2000/en_500PC0412.html).

176. [http://europa.eu.int/comm/igc2000/dialogue/events/meetings/transcriptchatbarnier5-6\\_en.pdf](http://europa.eu.int/comm/igc2000/dialogue/events/meetings/transcriptchatbarnier5-6_en.pdf).

É triste que um Comissário Europeu não saiba – ou não queira saber – que o esperanto há muito se tornou uma língua viva que ajuda alguns cidadãos da Europa a aproximarem-se e compreenderem-se.

Alguns políticos temem que o esperanto vise a eliminar as línguas nacionais. Em 1987, o então parlamentar pela Alemanha, Philipp Jenninger, opôs-se ao esperanto com as seguintes palavras: “Eu prefiro um campo de flores a um verde único”.<sup>177</sup> Mais conhecida – embora ela mencione o esperanto só metaforicamente – tornou-se uma citação de Helmut Kohl (que em dezembro de 1998 foi nomeado cidadão honorário da Europa) do ano de 1995: “Nós não queremos uma Europa-Esperanto, mas uma Europa em que todos conservem sua identidade”.<sup>178</sup>

Ainda no Parlamento Europeu, existem também pessoas que consideram o esperanto útil. Germain Pirlot, esperantista belga, contacta com frequência parlamentares e sonda as opiniões deles. Em 1999, ele relatou que mais de 20% dos 626 membros do Parlamento Europeu “em variadas medidas já consideram que o esperanto poderia de algum modo ajudar a resolver os problemas lingüísticos na União Européia”.<sup>179</sup>

Em 1995, três parlamentares de tendências diversas – Marianne Thyssen (democrata cristã), Eryl McNally (social democrata) e Marie-Paule Kestelijn-Sierens (liberal) fizeram questionamentos escritos à Comissão Européia a respeito de sua opinião sobre o esperanto. A cada pergunta seguiu-se uma resposta semelhante da comissária Edith Cresson.<sup>180</sup> Eis a pergunta de Marie-Paule Kestelijn-Sierens de 12-04-1995.

## TEMA: PROJETOS EXPERIMENTAIS SOBRE O ESPERANTO

Os defensores do esperanto como língua universal e como principal segunda língua vêem cada vez mais uma chance de que a União venha a usar essa língua como idioma de trabalho. Diante da perspectiva de uma União ampliada de 15 para, talvez, 30 países, torna-se por fim cada vez mais grave o problema das línguas oficiais e línguas de trabalho.

O esperanto é uma língua que pode ser aprendida com relativa rapidez.

A experiência mostra, além disso, que crianças que aprendem o esperanto são mais adiantadas que as outras crianças da mesma idade no desenvolvimento geral e, sobretudo, no aprendizado de línguas estrangeiras.

Será que a Comissão consideraria adequado desenvolver projetos experimentais sobre o esperanto (por exemplo, o projeto Funda-Pax realizado em colaboração com a UNESCO) nos Estados-Membros da União, para ao final fazer uma avaliação profunda e detalhada?

**E eis a resposta da Senhora Cresson em nome da Comissão (23 de março de 1995)** publicada em *Official Journal C 145*, 12-06-1995 (p. 54).

---

177. “Eine Blumenwiese ist mir lieber als ein Einheitsgrün”, em *Esperanto in Baden-Württemberg*, 1987.

178. Agência de Notícias Alemã DPA, 23-05-1995.

179. *Esperanto*, 4/1999, p. 78.

180. *Amtsblatt der Europäischen Union* 95/C 270/39, 95/C 145/103, 95/C 257/36; ver também *Esperanto aktuell* 5/1995, p. 2, 7/1995, p. 11.

A responsabilidade da comunidade no campo da educação está fixada no Artigo 126 do Contrato da Comunidade Européia. Segundo ele, os Estados-Membros são responsáveis pelo conteúdo do ensino e pela organização do sistema educacional, incluindo a questão das línguas.

É então dos Estados-Membros a principal atribuição de decidir quais línguas devem ser ensinadas dentro de seus respectivos sistemas educacionais. A atribuição da Comunidade nesse campo limita-se a desenvolver o ensino e a difusão das “línguas dos Estados-Membros”.

A Comunidade considera muito importantes a riqueza e a diversidade da herança cultural; essas heranças espelham suas línguas. A campanha educacional Sócrates, aprovada em 14 de março de 1994 (decisão 819/95/EG do Parlamento e do Conselho Europeus), prevê explicitamente a subvenção de iniciativas que contribuam para o conhecimento das línguas da Comunidade.

A Comissão é de opinião de que o uso de uma língua neutra poderia levar a uma perda de tradição e de identidade. Uma língua neutra não poderia possuir toda a riqueza cultural e histórica das línguas naturais. A Comissão não tem a intenção de empreender qualquer promoção do ensino do esperanto.

Deixando de lado a riqueza e o heroísmo de um século de história própria, não só em campos europeus de prisioneiros, mas também em outros continentes, a tese de que o esperanto tornou a si mesmo uma língua de cultura é atestada não apenas por dezenas de milhares de livros e brochuras, vídeos, cassetes e CDs, mas principalmente por sua utilização cotidiana em todo o mundo. A partir do momento em que, em março de 1999, encerrou-se o mandato de toda a Comissão, inclusive da Senhora Cresson, o cargo desta foi ocupado por Viviane Reding, que em relação ao esperanto tem uma postura mais amistosa. Em primeiro de dezembro de 1996 a Senhora Reding escrevia a Germain Pirlot: “Parabéns por seu importante trabalho em favor do esperanto! O plurilingüismo é uma absoluta necessidade na Europa. Incluir o esperanto nesse aprendizado de várias línguas pode tornar-se proveitoso a longo prazo”.

## O ESPERANTO E A DIVERSIDADE CULTURAL

Mahatma Gandhi via a língua inglesa como um instrumento de imperialismo e escravização dos povos.<sup>181</sup> No Congresso de Heidelberg “Educação na Europa”, em 1992, o filólogo Professor Otto Back advertiu que “a língua inglesa é o cavalo de tróia dos Estados Unidos na Europa”. Ela facilita à “Cultura da Coca Cola” ou ao “American way of life” penetrar na vida dos outros povos. Muitas pessoas mal conseguem perceber isso conscientemente. Os jovens, que ainda são bastante aber-

---

181. Gert Raeithel, Wir wollen viel Wow, *Der Spiegel*, 30.10.2000, <http://www.spiegel.de/spiegel/21jh/0,1518,100378,00.html>.

tos a tudo que é novo, na maioria das vezes não vêm nisso algo negativo. Mas outras pessoas salientam que a língua inglesa pode pôr em risco a diversidade cultural. Elas desejam que a globalização não se limite a ser uma americanização<sup>182</sup> do mundo inteiro.

Pesquisadores culturais ressaltam que a “americanização” não é simplesmente um imperialismo cultural. Um artigo na revista “Die Zeit” procura tratar o tema com mais profundidade:

Nenhum país recebe os produtos importados dos Estados Unidos sem adaptá-los às próprias condições culturais. A suposição de que a “americanização” signifique simplesmente o nivelamento das diferenças culturais é incorreta. Na verdade, trata-se de um processo de infinita diferenciação de dados culturais – na realidade sobre uma base de padronização universal.<sup>183</sup>

Contudo esse artigo intitula-se “Objetivo final consumo” e conclui que os Estados Unidos já “transplantaram para a Europa (ocidental) um novo ideal supranacional de existência – a democracia igualizadora do consumo”, que ajuda também no entendimento entre os povos:

O objetivo final consumo além do mais refreia o racismo e o ódio religioso-cultural. Pois todo indivíduo, independentemente da cor da pele, da religião e da origem cultural, serve como consumidor e assim por princípio não deve ser excluído da democracia do consumo.<sup>184</sup>

A língua inglesa não somente traz uma influência cultural, ela pode também pôr em risco as línguas nacionais: “Com o advento da globalização muitas línguas estão ameaçadas de extinção como se fossem espécies animais [...] A onda de anglo-americanização fecha-se sobre nós e ameaça naufragar o barco da língua alemã”, escreveu a revista alemã “Der Spiegel” em outubro de 2000. Ela prossegue esclarecendo que o inglês já penetra profundamente na estrutura da língua alemã:

A gramática inglesa enraizou-se na alemã, o corpo da língua está sendo submetido a alterações morfológicas, e expressões estrangeiras tocam a alma da língua. Há uma diferença dependendo de se “fazemos dinheiro” (to make money) ou se o ganhamos. Inimigos da anglicização apresentam ainda um argumento adicional: a falta de uma estética da língua. Ela começa na pronúncia e passa pela ortografia.<sup>185</sup>

---

182. Na Alemanha a expressão “Amerikanisierung” é cada vez mais usada, em geral de forma pejorativa.

183. Richard Herzinger, Endziel Konsum, *Die Zeit* 45/2000, [http://www.zeit.de/2000/45/ltur/200045\\_amerika.html](http://www.zeit.de/2000/45/ltur/200045_amerika.html)

184. Ibid.

185. Gert Raeithel, *op. cit.*



Em muitos países já se formaram movimentos pela conservação da língua nacional. A alemã “Verein Deutsche Sprache - Bürger für die Erhaltung der kulturellen Vielfalt in Europa” (“Associação Língua Alemã – Cidadãos pela conservação da diversidade cultural na Europa”) arregimentou em poucos anos mais de dez mil pessoas, e uma entidade semelhante foi fundada, por exemplo, na Holanda: “Taalverdediging - bond tegen onnodig Engels” (“Defesa da Língua - Associação contra o inglês supérfluo”).<sup>186</sup>

É interessante agora examinar a questão sobre se a introdução do esperanto pode ajudar a proteger a diversidade cultural. Tempos atrás, os esperantistas nem sempre consideravam importante proteger as línguas nacionais. Sobretudo nos anos 20 o esperanto foi usado também por pessoas que, ainda sob o impacto da primeira guerra mundial, buscavam lutar contra tudo que fosse relativo a nações, inclusive as línguas.<sup>187</sup>

Hoje, quase todos os esperantistas desejam conservar a diversidade cultural, e muitos têm a opinião de que o esperanto é um instrumento apropriado para protegê-las. Dafydd ap Fergus, um falante de esperanto do país de Gales, chega a dizer que aprendeu a língua, entre outras razões, porque “o esperanto é a única e última chance para a língua de Gales”.<sup>188</sup>

Também no “Manifesto de Praga”, do Congresso Universal de 1996, o movimento pelo esperanto declarou: “Nós somos um movimento pela diversidade lingüística”.<sup>189</sup>

De onde vem a opinião de esperantistas de que a língua deles pode ajudar a proteger as outras línguas e culturas? Alguns dizem simplesmente que o esperanto, por certo, não objetiva tornar-se língua materna. Outros tratam com mais profundidade essa questão.

Quando, na primavera de 2001, foi aberto um fórum oficial na rede sobre o “Ano europeu das línguas de 2001”, o esperanto logo se tornou o tema mais intensamente debatido. Em uma mensagem em inglês um certo Jette Milberg Petersen opôs-se à introdução do esperanto com as seguintes palavras: “Eu rezearia que as outras línguas pouco a pouco desaparecessem”.

Eis a resposta de Claude Piron, tradutor e psicólogo da Suíça:

Sim, isso seria uma enorme perda para a humanidade. Mas eu penso que o risco é muito maior com o atual sistema de comunicação internacional. Por falta de uma língua comumente usada entre pessoas de diferentes meios lingüísticos, todos aprendem ou tentam usar o inglês. O inglês em muito contribui para o desaparecimento de línguas. Por exemplo, em Cingapura, muitas famílias passam para o inglês e desistem de sua própria língua, mandarim, haca, fukienesa, malaio, tâmil... – de maneira que os jovens são desconectados de suas raízes culturais. Isso ocorre porque o falante nativo do inglês tem inúmeras vantagens.

---

186. Ver Lanti (Eugène Adam), fundador da Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT): “Um verdadeiro não-nacionalista é aquele que usa e aplica a língua internacional como um instrumento para substituir e destruir os idiomas nacionais.” (Lanti, *Sennaciulo* 1929, cit. de um registro do encontro da juventude da SAT em Rastatt, 1988). Os membros SAT todavia hoje afirmam que Lanti não desejava eliminar a diversidade lingüística.

188. Mensagem de Dafydd ap Fergus na lista de discussões “Jaro-de-lingvoj”, 17-11-2000.

189. <http://www.esperanto.se/dok/manifesto.html> (em esperanto e 21 línguas nacionais).

Em jornais de Israel, recentemente, há muitas ofertas de emprego com a condição: “falante nativo do inglês”. Essa vantagem está ligada à dificuldade de se conseguir usar corretamente o inglês, de forma que só se pode confiar em falantes nativos. Visto que o esperanto é muito mais fácil, e é, e provavelmente continuará a ser, língua estrangeira para todos os seus usuários, não é necessário tê-lo escutado durante a infância na família para ser capaz de usá-lo em um nível profissional.

Em muitos países da Europa, é possível perceber a tendência de se ensinar inglês cada vez em uma idade mais precoce. Já se deseja que criancinhas o aprendam quase como língua materna, pois, do contrário, poucas poderão dominá-lo bem. Eventualmente essa tendência conduzirá finalmente à substituição gradativa das línguas nacionais pelo inglês.

Os esperantistas por sua vez salientam que a língua deles não tem como ameaçar as línguas nacionais. Eles afirmam que as línguas são desfiguradas quando elementos lingüísticos de uma etnia substituem elementos na língua materna de outra etnia. Visto que o esperanto não é uma língua étnica, ele não pode causar tais danos.<sup>190</sup>

Nós aqui não queremos contribuir com essa, por vezes emotiva, discussão sobre em que medida é importante proteger uma língua contra a influência de outra. Mas nos limitemos a analisar a questão sobre se uma língua verdadeiramente nacional como o inglês pode causar os estragos há pouco mencionados.

Para responder a essa pergunta não é necessário imaginar um futuro hipotético em que toda a humanidade usaria o esperanto em contactos internacionais. Já nos dias de hoje existem pessoas que utilizam o esperanto quase diariamente, pensam nessa língua e sentem-se em casa quando estão nessa vigorosa comunidade lingüística. Isso vale, por exemplo, para muitos membros europeus da Organização Mundial da Juventude Esperantista – TEJO, que empregam a língua tanto pela Internet e pelo telefone quanto em inúmeros seminários e congressos internacionais, e durante viagens por meio do “Serviço de Passaporte”, etc. A seção alemã da TEJO edita um periódico bilíngüe em alemão e esperanto. No final de 1992 apareceu nele um artigo com o título: “Kotizo für memzorgantoj gesenkt”, isto é, “Kotizo (tarifa, em esperanto) für (para, em alemão) memzorgantoj (pessoas que fazem seus próprios arranjos, em esperanto) gesenkt (barateada, em alemão)”.<sup>191</sup>

Essa frase mostra algo que se observa ainda com mais freqüência no uso oral: Que ao menos entre os jovens europeus que usam o esperanto regularmente, elementos dessa língua realmente penetram em suas línguas maternas. Isso ocorre, sobretudo, quando se trata de palavras relacionadas aos assuntos do esperanto, isto é, à cultura esperantista atual. O autor do referido artigo, então com 19 anos e fazendo o serviço-civil, talvez mal tivesse consciência de sua mistura lingüística.

Permanecem, entretanto, argumentos de que a influência do esperanto sobre as outras línguas continua a ser menos forte do que a influência atual do inglês, e que

---

190. Esse tipo de argumentação encontra-se na brochura de Laszlo Gados, *Brilu aĵu lingvo samrajte!*, Budapeste 2001, [http://home.t-online.de/home/Ulrich.Matthias/bros\\_co.htm](http://home.t-online.de/home/Ulrich.Matthias/bros_co.htm).

191. Ulrich Görtz, *Kotizo für memzorgantoj gesenkt*, GEJ-Gazeto 5/1992, p. 20.

mesmo nos casos em que essa influência também se manifesta, ela é menos danosa do que a do inglês:

- As palavras do esperanto são em geral mais longas do que as do inglês (sobretudo em termos de número de sílabas); por conseguinte, outras línguas não tendem a incorporá-las.

- O esperanto é flexível e com frequência permite muitas maneiras de exprimir algo. Assim, por exemplo, um inglês pode dizer em esperanto “Mi estas 20 jarojn aĝa” (“I am 20 years old”), assim como um francês pode dizer “Mi havas 20 jarojn” (“J’ai 20 ans”). Conseqüentemente há a possibilidade de que os elementos do esperanto não penetrem tão profundamente na estrutura das outras línguas.

- No que concerne à pronúncia e à ortografia, o esperanto está mais próximo da maior parte das línguas européias do que o inglês. Por exemplo, na expressão “il sua love story” (de um tablóide italiano) a forma em esperanto “amafero” se inseriria mais harmoniosamente do que sua equivalente inglesa “love story”. E a já mencionada frase “Kotizo für memzorgantoj gesenkt” soa, todavia, mais agradável aos ouvidos alemães do que “Fee für self-providers gesenkt”.

- Por fim, notemos também que o esperanto não é especialmente ligado a qualquer nação específica; por conseguinte sua influência cultural é menos unidirecional do que no caso da língua inglesa.

## AS VANTAGENS DO ESPERANTO

Segundo estimativa do professor alemão Michael Scherm do ano de 2001, só 5% a 7% dos alemães conseguem exprimir-se bem em inglês.<sup>192</sup> Não muito diferente dos resultados de uma sondagem encomendada por uma agência de propaganda internacional do ano de 1989: Foi pedido a cidadãos europeus traduzir três frases gravadas em inglês para sua respectiva língua materna. A conclusão foi de que “uma real compreensão do inglês [na Europa ocidental]... está notavelmente abaixo das expectativas mais pessimistas”, por estar limitada a cerca de 6% da população.<sup>193</sup>

Quando se pergunta apenas superficialmente sobre a proficiência em línguas o resultado pode ser melhor. A Comissão Européia divulgou em um informe de imprensa de 20-02-2001 a “surpreendente” informação de que segundo sondagem entre 16 mil europeus mais de metade (53%) deles “conhece uma segunda língua”. Que isso não é, todavia tão satisfatório assim é o que mostra o artigo em que naquele mesmo dia a agência de notícias alemã DPA divulgou os resultados:

---

192. *Esperanto kaj instruado* 1/2001, p. 15.

193. Citado de Mark Fettes, *Europe's Babylon: Towards a single european language?* <http://members.it.tripod.de/gmarino/lingua3.htm>; ver também *Esperanto* 5/89, p. 98.

## CONHECIMENTOS INCOMPLETOS DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

*Metade dos cidadãos da UE não domina uma língua estrangeira*

Metade dos cidadãos da UE não domina uma língua estrangeira. Como a Comissária da UE, Viviane Reding, especialista em educação e cultura, informou na segunda-feira durante a abertura do “Ano europeu das línguas” na cidade sueca de Lund, uma nova pesquisa entre 16 mil entrevistados em todos os 15 países mostrou que 47,3% só falam sua língua materna.

Nos anos de 1996/97, na Alemanha, foi feita uma prospecção sobre os conhecimentos lingüísticos dos estudantes universitários, a pedido do Ministério Federal de Educação, Ciência, Pesquisa e Tecnologia. O resultado foi divulgado pela Internet na forma de um detalhado estudo. Eis um trecho:

No capítulo 5 nós já demonstramos que até mesmo os conhecimentos de inglês entre os estudantes não são muito bons. Só 10% dos estudantes possuem bons conhecimentos em mais de uma língua estrangeira, e eles não demonstram grande disposição para mudar essa situação: Somente cerca de 5% dos entrevistados têm grande interesse por cursos de línguas européias menos difundidas.<sup>194</sup>

Também por ocasião do “Ano europeu das línguas 2001” na Alemanha pode-se perceber que o interesse em línguas estrangeiras concentra-se no inglês: Segundo informação da Rádio alemã do oeste – WDR, nesse ano europeu “o interesse deveria ser dirigido às ‘pequenas’ línguas, que durante a invasão por parte das grandes línguas mundiais mal conseguem atrair alguma atenção”.<sup>195</sup> O Ministério da Cultura do estado federal alemão da Vestfália-do-Norte publicou uma lista de eventos comemorativos do ano das línguas. Nessa lista apareciam 256 atividades relacionadas à língua inglesa. Por outro lado, nem um único evento mencionava explicitamente os idiomas finlandês e sueco. Da mesma forma, a língua dinamarquesa não é mencionada. Na verdade entre as atividades encontra-se também “um estágio em uma empresa na Dinamarca, com alojamento em uma família dinamarquesa”, mas acrescenta-se que a língua usada é o inglês.<sup>196</sup>

Mas voltemos à conclusão do já mencionado estudo sobre conhecimentos lingüísticos dos estudantes:

A necessidade de eliminar as deficiências relativas a conhecimentos básicos da língua de comunicação mais comum, o inglês, evidencia, por outro lado, quão longe estamos da imagem idealizada de um europeu poliglota. Esse objetivo da política educacional européia, que objetiva o domínio de “um número cada vez maior de línguas da comunidade”, não apenas parece estar em um futuro distante, mas é também, a final de contas, irrealista, se observarmos, por exemplo, o papel do inglês na avassaladora evolução da Internet.

194. <http://www.his.de/abt3/proj/684/>.

195. <http://www.lernzeit.de/aktuelles/meldung211200.phtml>.

196. [http://www.learn-line.nrw.de/angebote/2001ejs/info/db\\_suche.html](http://www.learn-line.nrw.de/angebote/2001ejs/info/db_suche.html) - stato: 10.02.2001.

Tudo isso mostra que ainda existe bastante necessidade de uma língua neutra e de fácil aprendizado. Analisemos agora as vantagens do esperanto.

Segundo diversos experimentos escolares, mas também segundo a experiência da maior parte de seus falantes, o esperanto é de 3 a 10 vezes mais fácil de se aprender do que línguas nacionais como o inglês e o francês. Por exemplo, Professor Helmar Frank, da Universidade de Paderborn, constatou no início dos anos 70 que os alunos alemães eram capazes de compreenderem-se em esperanto depois de somente 200 horas de curso com a mesma desenvoltura que em inglês após 1500 horas.<sup>197</sup> A facilidade do esperanto deve-se a vários motivos:

1. A regularidade: Em esperanto tudo é escrito como se pronuncia e vice-versa; não existem verbos irregulares nem declinações complicadas; a gramática básica consiste só de 16 regras. Aquilo que é lógico, em esperanto é também permitido e correto.
2. Sistema de formação de palavras: Em esperanto só é preciso aprender relativamente poucas palavras, pois se podem formar palavras derivadas com o auxílio da mudança da terminação e do acréscimo de afixos. Assim, é possível por conta própria construir, por exemplo, de “sana” as palavras “malsana”, “saniøi”, “malsanulo”, “malsanulejo”, etc.
3. A internacionalidade do vocabulário: Existe em esperanto um grande número de palavras que uma considerável parte da população mundial pode compreender mesmo sem aprender, por exemplo: *telefono, muziko, familio, religio, danci, promeni, diskuti, interesa, eleganta, simpla*, etc.

A facilidade tem também uma influência positiva na alegria do aprendizado. E a clareza do esperanto pode eventualmente ajudar a evitar os problemas ligados à má pronúncia do inglês. A respeito dessas dificuldades no tráfego aéreo escreveu o jornal alemão *Südkurier* no final de 1999: “Entre as 37 maiores catástrofes desde 1996 ao menos 13 foram causados por problemas lingüísticos”.<sup>198</sup>

O esperanto também provê uma boa base para o aprendizado de outras línguas. O mesmo é dito com freqüência em relação ao latim, pois também a pessoa que conhece latim aprende outras línguas mais rapidamente. Isso é correto, mas existe uma diferença: Quem aprende latim deve decorar uma grande quantidade de “peso inútil”, por exemplo, as complicadas declinações e conjugações. Isso exige um grande investimento de tempo, mas não é assim tão útil ao aprendizado de outras línguas.

Diferentemente, no esperanto não é necessário decorar muito; seu aprendizado treina principalmente a capacidade de reconhecer tipos de palavras (substantivos, verbos, adjetivos, etc.) e a função dos elementos de frase (sujeito, predicado, objeto, etc.). E é exatamente isso que facilita a aquisição de outras línguas.

---

197. Jerzy Korytkowski, *Internacia lingvo en Eklezio kaj mondo*, p. 121.

198. Keine Sprache für den Himmel, *Südkurier*, 12.11.1999.

Um experimento escolar na Hungria nos anos 60 mostrou que 200 horas de estudo do esperanto permitem uma posterior economia de 250, 300, 400 ou mesmo 500 horas no aprendizado de uma língua nacional, dependendo se a língua estrangeira é o russo, o alemão, o inglês ou o francês.<sup>199</sup> Um resultado semelhante obteve o Professor Helmar Frank com base em um experimento escolar feito a partir de 1975 em Paderborn, Alemanha. Demonstrou-se que 160 horas de ensino de esperanto (“ensino orientado para línguas”) leva a uma economia de tempo de aprendizado de 26% em um posterior estudo do inglês.<sup>200</sup> Também o Professor Frank salienta que o ensino orientado a línguas economiza mais tempo do que o exigido para realizá-lo. A economia de tempo foi notavelmente maior para os alunos menos talentosos.<sup>201</sup>

A política lingüística atual põe em desvantagem principalmente aqueles alunos que têm dificuldade em aprender línguas. Eles na maioria das vezes não conseguem adquirir a capacidade de ler ou falar sequer uma língua estrangeira sem grandes esforços. Escolas alemãs oferecem principalmente as línguas inglesa e francesa, cujo aprendizado é bastante difícil, e os cursos de esperanto, tais como oferecidos por colégios públicos ou grupos locais de esperanto, na maioria das vezes consistem de somente 10 ou 20 horas de ensino. Ensinar esperanto em classes para alunos não tão talentosos seria um passo para a igualdade de direitos; ele possibilitaria aos alunos compreenderem-se satisfatoriamente em pelo menos uma língua “estrangeira” e ao mesmo tempo criaria uma boa base para o aprendizado de outras línguas. Até o momento nem mesmo os esperantistas apresentam com freqüência esse “argumento social” em favor do esperanto, embora um interessante estudo feito nos Estados Unidos alguns anos atrás tenha mostrado como os estudantes de classes mais altas pediam autorização para aprender esperanto quando percebiam quanto os estudantes “menos dotados” estavam beneficiando-se com esse ensino.

Em uma pesquisa bem anterior sobre aprendizado de línguas, o esperanto foi ensinado a diferentes grupos etários separados por coeficiente de inteligência. Os grupos com idades de 20 a 25 anos ganharam o dobro do que foi conseguido pelo grupo entre 9 e 19 anos, embora o grupo mais jovem tivesse tido o dobro da carga horária.<sup>202</sup> Esse resultado pode não ser válido para línguas étnicas, mas é relevante para o planejamento do uso mais amplo do esperanto. Por exigir menos tempo de estudo que o inglês, o aprendizado do esperanto possibilita dedicar mais tempo de ensino a outras línguas e culturas ou eventualmente às ciências sociais.

O argumento de que o uso do esperanto em organizações internacionais poderia ajudar a economizar dinheiro parece à primeira vista ser superficial.

---

199. R. kaj M. Klag em *Esperanto in Baden-Württemberg* 4/87; ver também Helmar Frank, *Thesen zur Deutschen Sprachpolitik*, Paderborn 1973/74, p. 9.

200. Helmar Frank, *Das Paderborner Experiment zum Spachorientierungsunterricht*, em *Das Kommunikations- und Sprachenproblem in der Europäischen Gemeinschaft*, Brussel 1993, p. 106; tradução em esperanto em Reinhard Selten (red.), *La kostoj de la eŭropa lingva (ne-)komunikado*, Roma 1997, p. 75-78.

201. *Ibid.*, p. 107.

202. E.L. Thorndike et al, *Adult Learning*, Nova Iorque 1928.

As diversas instituições da União Européia gastam todo ano cerca de 1,5 bilhão de euros com interpretação e tradução.<sup>203</sup> Quando se pensa na questão sobre se valeria a pena tentar reduzir essa quantia, considera-se também que em países em desenvolvimento muitos projetos bem concebidos nas áreas de medicina, educação, auxílio em catástrofes, etc., não se realizam porque os países ricos não se dispõem a fornecer dinheiro suficiente para eles. Muitas vezes, algumas dezenas de milhares de euros já bastariam para amenizar os sofrimentos de muitas pessoas.<sup>204</sup>

A facilidade e a neutralidade do esperanto poderiam também contribuir para oportunidades iguais não só entre os diversos povos, mas também entre ricos e pobres. Por exemplo, em países em desenvolvimento – mas não apenas nesses – pais ricos enviam seus filhos para escolas e universidades no Reino Unido e nos Estados Unidos, para que eles lá aprendam (entre outras coisas) a falar bem a língua inglesa, o que pode posteriormente ajudar decisivamente a carreira profissional deles. A introdução de uma língua que também africanos e asiáticos pudessem aprender bem o bastante seria um passo rumo à igualdade de direitos.

## PENSAMENTOS MAIS PROFUNDOS

“Se você quer criar a paz, crie justiça”, diz um provérbio baseando-se em Isaías 32,17. Há muitas formas de injustiça que podem conduzir a conflitos, e uma delas é o desrespeito da igualdade de direitos lingüísticos.

A história mostrou que não é possível dominar por muito tempo um povo por meio da língua de outro: O estado desmorona como ocorreu com o governo dos habsburgos, com a União Soviética e a Iugoslávia. A exceção é quando o povo dominado é relativamente fraco – mas nesses casos a língua reprimida pouco a pouco desaparece, o que supostamente está a ocorrer com a língua gaélica escocesa no Reino Unido, a língua sorábica na Alemanha, a cachuba na Polônia, o idioma samês no norte da Escandinávia, além de muitas outras línguas.

Em sua prece ao Pai (João 17) Jesus pede a Deus pela unidade dos que crêem. O esperanto é um instrumento adequado para possibilitar tal unidade. Uma língua comum ajuda a aproximar os homens, e isso vale, sobretudo, para uma língua cuja “idéia interna” é o entendimento e a pacificação dos povos. O esperanto facilita criar um sentimento de ligação, de solidariedade e colaboração além-fronteiras. Em seu estatuto, a IKUE enfatiza que a organização visa a buscar “que todos sejam um” (João 17,21).

Jesus reiteradamente encorajou os discípulos a agirem pela paz (veja, por exemplo, Mateus 5,9: “felizes são os pacificadores” ou em Marcos 9,50: “pacifiquem-

---

203. Hans Erasmus, *La lingva problemoj kaj la kostoj de komunikado*, em Reinhard Selten (red.), *La kostoj de la Europa lingva (ne-)komunikado*, Roma 1997.

204. Alguns exemplos estão em Claude Piron, *O Desafio das Línguas: da má gestão ao bom senso*, p. 17-26, 42-44 e 253-258; Pontes, Campinas 2002. Ver também *The hidden perverse effects of the current system of international communication*, <http://www.esperanto-konstanz.de/text/hidperv.htm>.

se um com o outro”). Sete anos depois da publicação do esperanto, o poeta Leon Tolstoi ressaltou o valor do esperanto nesse aspecto:

Eu diversas vezes vi que pessoas relacionavam-se como inimigas em decorrência de uma barreira mecânica que impedia a compreensão recíproca. Dessa maneira, o aprendizado do esperanto e sua divulgação são sem dúvida obras cristãs, que apressam o advento do Reino de Deus, – empenho que apresenta a principal e única missão da vida humana.<sup>205</sup>

Quando hoje em dia, em eventos de esperanto, por exemplo, jovens alemães e poloneses encontram-se, a língua comum lhes possibilita conhecerem-se e tornarem-se amigos. Eles vencem a desconfiança e o preconceito; injustiças de tempos passados não mais importam na relação entre eles.

Já existe hoje entre os esperantistas uma densa rede de amizades além-fronteiras. Isso dificulta a xenofobia e ajuda a paz. Quem tem muitos amigos em outros países amplia seus horizontes e vê os conflitos ou diferenças entre distintos sistemas políticos também da perspectiva do outro lado. Três exemplos ilustram isso.

No Seminário Internacional da Juventude Esperantista Alemã em Trarbach (cidade alemã próxima a Luxemburgo) na virada dos anos 1988/1989 a jovem russa, Inna Vozlinskaja, fez uma palestra sobre a Perestroika. Quando um ouvinte perguntou-lhe o que ela pensava sobre o esforço dos países bálticos pela independência, ela respondeu aquilo que aparentemente aprendera na escola: “Nós russos ajudamos muito esses países e agora eles querem se separar de nós. Isso é injusto. Se tivermos um amigo a quem ajudamos, e esse depois nos abandona, tampouco gostamos disso”. Um húngaro, em cujo país já havia então uma verdadeira liberdade de opiniões, respondeu a ela: “Eu creio que os estados bálticos não pediram muito essa ajuda”.

Pouco mais de dez anos depois, durante o conflito de Kosovo na primavera de 1999, jovens sérvios enviaram mensagens pela Internet a seus amigos esperantistas no mundo inteiro para despertar a solidariedade deles pelos sofrimentos da população iugoslava. Eles se esforçavam em chamar a atenção dos estrangeiros aos motivos que fizeram a Iugoslávia perseguir “criminosos” albaneses e rejeitar o tratado de Rambouillet. Mas ao mesmo tempo eles desejavam também conhecer as opiniões de seus amigos. Por conta dos relacionamentos pessoais e amistosos todos viam a opinião dos outros com respeito, de modo que não tardou para que a mensagem de um jovem sérvio contivesse também as palavras “Eu me envergonho pelos crimes de meus compatriotas”.

---

205. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 541.





*57º Congresso Universal de Jovens Esperantistas  
em Estrasburgo (França, 2001)*  
(Participantes da China, Japão, Israel, Cazaquistão, Togo e Nigéria)

Em agosto de 2000, aconteceu o 56º Congresso Internacional da Juventude em Hong Kong. Falando da vida religiosa na China, um participante alemão perguntou a uma chinesa se ela considerava o Dalai Lama um homem bom ou mau. “Mau”, respondeu ela sem hesitar nem um segundo, e começou a falar do separatismo dos tibetanos. Porém, em uma conversa amistosa, ela tomou conhecimento do engajamento dele em favor da paz, da liberdade religiosa e dos direitos das minorias. Visto que ela se convenceu de que também os esperantistas de outros países esforçam-se pela paz e pelos direitos humanos, aceitou as novas informações com o coração aberto.

Quanto mais freqüentes são esses intercâmbios internacionais de opiniões, tanto mais profundamente desaparecem os pontos de vista nacionais e a maneira subjetiva e unilateral de ver os conflitos.

Ressaltemos por fim também que a cultura esperantista é caracterizada pela inclinação para a paz. Entre os esperantistas encontram-se pessoas das mais diversas visões de mundo e convicções políticas; contudo, elas em geral preferem aplainar o caminho para a compreensão a resolver os conflitos pela força. Os estudantes que se dedicam com mais profundidade ao esperanto não têm dificuldade em tomar contacto também com o “homaranismo” de Zamenhof, e isso pode ser mais útil para um futuro pacífico da humanidade do que ler a “Guerra dos Gauleses” de César, nas lições de latim.

Se a Igreja decidisse preferir o esperanto em vez do inglês, ela poderia com isso dar um sinal para que a humanidade buscasse em primeiro lugar não o consumo, mas a paz e os valores humanos.



56º Congresso Universal da Juventude Esperantista  
(Hong Kong, 2000)

## CRÍTICAS E RESPOSTAS

Existem muitas objeções contra o esperanto.<sup>206</sup> Algumas delas – por exemplo, a afirmação de que o esperanto é uma língua morta – nós não devemos levar muito a sério. Mas existem também argumentos contra o esperanto que merecem uma discussão mais aprofundada. Nós já tentamos refutar a tese de que o esperanto poderia ameaçar a diversidade cultural. De forma semelhante também merece uma consideração mais séria a tese de que o esperanto é uma “língua eurocêntrica” e que, por conseguinte, não apresenta vantagens suficientes para asiáticos.

É sem dúvida verdadeiro que os asiáticos aprendem o esperanto em geral com facilidade muito menor que aquela que encontram os europeus. Mas se deve considerar que somente pouquíssimos europeus dispõem-se a aprender uma língua asiática, e que não existe uma língua planejada que funcione bem e que tente igualmente incorporar elementos das mais diversas culturas mundiais. Conseqüentemente, para os asiáticos o esperanto é antes de tudo uma alternativa ao inglês ou ao francês, os quais, entretanto, apresentam para eles muitas dificuldades que não existem em mesma medida no esperanto. Pensemos, por exemplo, na dificuldade da ortografia e da pronúncia do inglês e dos inúmeros verbos irregulares do francês. Em esperanto existem somente 12 terminações verbais, em comparação com 2450 no francês. Se a facilidade do esperanto baseia-se em três princípios – a regularidade de sua gramática, o sistema de construção de palavras e a internacionalidade do vocabulário – ao menos as duas primeiras apresentam também importantes vantagens para pessoas cuja língua materna não seja de origem indo-européia.

---

206. Na versão em alemão deste livro encontram-se três páginas de citações concretas de periódicos e livros alemães: Ulrich Matthias, *Esperanto - das neue Latein der Kirche*, Meßkirch 1999, p. 94-96; ver também Claude Piron, *O Desafio das Línguas*, p. 175-210, *op. cit.*

Que também para os asiáticos o esperanto é de aprendizado relativamente fácil, isso já se mencionava em um relatório apresentado na reunião geral da Liga das Nações em Genebra, em setembro de 1922:

Experiências realizadas provam que o esperanto pode ser aprendido com grande facilidade, pois crianças européias e americanas o aprendem em um ano com duas horas por semana e as crianças do extremo-orientem em dois anos com o mesmo número de lições por semana, ao passo que elas precisam de seis anos de estudo com quatro a cinco horas por semana para assimilar uma língua européia.<sup>207</sup>

Essas informações baseiam-se em indicações de professores de esperanto e por isso não necessariamente são totalmente objetivas. Mas elas fazem supor que o esperanto pode verdadeiramente facilitar a compreensão, não somente entre europeus.

Muitos europeus constataram isso em diversos congressos de esperanto na Ásia e na África como, por exemplo, o Congresso Internacional da Juventude em Hong Kong (agosto de 2000). Embora naquele IJK o nível lingüístico médio dos congressistas fosse inferior ao de eventos na Europa, ainda assim lá se encontrava um número bastante grande de participantes do Japão, da Coréia, da China, etc., que dominavam bem a língua e que contaram que para eles o esperanto não só é notavelmente mais fácil que o inglês, mas também mais fácil que outras línguas asiáticas. E o entusiasmo de muitos jovens asiáticos pelo esperanto faz crer que não haveria na Ásia menos disposição do que há na Europa em aceitar essa solução para o problema das línguas.

Os dois argumentos mais importantes que se apresentam hoje em dia contra o esperanto são de que lhe falta cultura, e de que a língua não tem chance de obter uma aprovação geral.

Examinemos o primeiro desses argumentos. A afirmação de que a cultura do esperanto não é tão rica como aquelas das grandes línguas nacionais é justificável, mesmo que existam hoje algumas dezenas de milhares de livros e brochuras em esperanto, prosa e poesia, originais e traduzidas. Pode-se, entretanto, mencionar que essa cultura poderia enriquecer-se rapidamente se o esperanto se tornasse mais popular ou obtivesse mais apoio por parte dos estados nacionais ou de organizações internacionais.<sup>208</sup>

Mas por vezes atribui-se ao esperanto não somente uma falta de abundância, mas também algumas outras características. Isso se expressa com mais clareza na assertiva de que ao esperanto “falta alma”.<sup>209</sup>

Os esperantistas respondem a essa crítica, por exemplo, ao dizerem que “o esperanto evoluiu a partir da herança das línguas européias” ou “carrega em si

---

207. Edmond Privat, *Historio de Esperanto*, vol. II, Genebra 1927, p. 140.

208. É importante notar que o esperanto nada diminui das demais culturas e que – como escreveu Lászlo Gados em seu livro *Brilu ĉiu lingvo samrajte!* – a riqueza da cultura importa primeiramente para as línguas maternas e não para línguas em “uma função intermediária interétnica”.

209. Essa afirmação apareceu em um artigo na revista alemã *EG-Magazin* 10/1987.

a alma das línguas de culturas européias”<sup>210</sup>, mas outras vezes eles enumeram também alguns escritores específicos que deram alma à língua: “‘O espírito da língua’ vive com fôlego pleno e de forma irretocável em seu estilo”<sup>211</sup>, escreveu Kalman Kalocsay sobre o polonês Kazimierz Bein (Kabe), que entre os anos de 1904 e 1911 tornou-se famoso no movimento do esperanto por suas traduções talentosas e pelo primeiro dicionário unilíngüe de esperanto a tornar-se popular.

O filósofo Rudolf Carnap (1891-1970) aprendeu esperanto quando tinha cerca de 14 anos e contou:

Quando eu, alguns anos mais tarde, participei de um congresso internacional de esperanto<sup>212</sup>, pareceu-me quase um milagre quando me dei conta de quão fácil era, para mim, acompanhar os discursos e debates nas grandes reuniões públicas e falar em conversas particulares com estrangeiros de muitos países, ao passo que eu não conseguia dialogar naquelas línguas que eu havia aprendido durante muitos anos na escola. O ápice do congresso foi a apresentação de “Ifigênia” de Goethe em esperanto. Foi para mim uma experiência tocante e edificante ouvir essa peça, penetrada por um espírito de humanidade em um novo meio, que a tornara inteligível a milhares de expectadores de muitos países, de tal modo que eles puderam sentir-se conectados pela alma. [...] Diante dessas experiências não se pode levar muito a sério os argumentos daqueles que afirmam que uma língua auxiliar internacional poderia certamente servir para assuntos comerciais e talvez também para as ciências naturais, mas que ela não seria um instrumento de comunicação conveniente para assuntos pessoais, para discussões sobre ciências sociais e culturais, e muito menos para romances ou teatro. Eu constatei que a maioria dos que afirmam isso não teve qualquer experiência prática dessa língua.<sup>213</sup>

Em 10 de setembro de 1993, o PEN-Clube Internacional aceitou o PEN-Centro de Esperanto como membro com plenos direitos e dessa forma reconheceu o esperanto como uma língua literária. O escritor esperantista mais famoso da atualidade é o escocês William Auld. Desde 1998 ele foi – por iniciativa do PEN-Centro de Esperanto – várias vezes indicado candidato ao prêmio Nobel de literatura.

---

210. A primeira citação é do texto com o qual Rainer Heckhausen anunciava seu Curso de Esperanto no Colégio Público de Stuttgart no outono de 1986, a segunda é de uma brochura de divulgação do ano de 1950. Compare também as palavras seguintes de Umberto Eco (*A busca da língua perfeita*, Edusc, 2001) sobre uma língua auxiliar internacional: “O que faltaria a essa língua seria a herança histórica com toda a riqueza intelectual nela contida. Mas as línguas populares da poesia de trovadores da *Scuola Siciliana*, de *Beowulf* ou do *Canto de Igor* tampouco foram muito mais antigas, e de certa forma elas absorveram a história das línguas anteriores.”

211. *Enciklopedio de Esperanto*, p. 275.

212. Esse foi o Congresso Universal de Esperanto em Dresden em 1908.

213. Rudolf Carnap, *Mein Weg in die Philosophie*, Stuttgart 1993, p. 107-108; edição em inglês: Rudolf Carnap, *Intellectual autobiography*, em Paul Arthur Schilpp (red), *The Philosophy of Rudolf Carnap*, La Salle, Ill./London 1963, p. 1-84.

Eis a opinião dele sobre o esperanto como língua literária:

A maioria das pessoas é capaz de aceitar a idéia de traduções na língua internacional. Mais difícil de aceitar é a nossa opinião de que o esperanto é a língua mais adequada para tradução que existe no mundo. E difícilimo é para muitas pessoas constatar que é possível escrever livros originalmente em esperanto, sobretudo poesia.

Essas pessoas dizem, com razão, que para escrever poesia é necessário viver e se emocionar na própria língua em que se escreve. O que elas não conseguem suportar é que muitíssimas pessoas no mundo fazem exatamente isso: para muitas pessoas o esperanto é uma língua emocional – e que lhes é própria. Essa adoração que outros têm para com sua língua materna muitos esperantistas, por razões diversas, transferem também para a língua internacional. Isso é verdadeiro, por mais que desagrade aos nacionalistas, e disso resulta a existência da literatura original do esperanto.<sup>214</sup>

Examinemos agora o último argumento contra o esperanto – que a língua não tem chance contra o inglês. Essa é uma postura muito pessimista. Existem ainda barreiras lingüísticas bastante altas no mundo, e a idéia de desmontá-las com a ajuda do esperanto continua válida. “Se o mundo dependesse dos pessimistas, as pessoas ainda viveriam nas cavernas”, escreve o esperantista brasileiro Walter Francini em seu livro “*Esperanto sem preconceitos*”.<sup>215</sup> Na introdução desse livro, publicado em 1978, ele escreveu que “é mais fácil derrubar o muro de Berlim do que eliminar os preconceitos da mente de uma só pessoa”.<sup>216</sup> Onze anos depois o muro de Berlim realmente caiu, mas os preconceitos contra o esperanto permaneceram. Francini tem a opinião de que, se um número suficiente de pessoas trabalhasse de modo otimista e incansável para a popularização do esperanto, finalmente “a força dos fatos” poderia fazer a língua vencer. E ele salienta que também o sistema métrico, inicialmente proposto em 1791, foi introduzido pouco a pouco durante vários séculos (e em alguns países, como o Reino Unido e os Estados Unidos, até hoje ainda não o foi). De modo análogo, também o cristianismo só venceu pouco a pouco – e até hoje só em certa medida.<sup>217</sup>

Hoje em dia, até mesmo muitos falantes de línguas européias consideravelmente grandes reconhecem humildemente o domínio da língua inglesa. O ministro alemão de relações exteriores, Joschka Fischer, disse em seu “Discurso sobre a política cultural exterior” em julho de 2000: “Em lugar de concorrer em vão contra a *lingua franca* inglês, é preferível usarmos nossa energia para fortalecer o alemão como segunda língua estrangeira”.<sup>218</sup> Uma resignação ainda maior foi manifestada pela gerente do instituto cultural *Alliance Française* em Bruxelas: “Dado o poder da língua inglesa, difundir a cultura francesa é um trabalho sem sentido”.<sup>219</sup>

214. William Auld, *La fenomeno Esperanto*, Rotterdam 1988.

215. Walter Francini, *Esperanto sem preconceitos*, São Paulo 1978, p. 95.

216. *Ibid.*, p. 33.

217. *Ibid.*, p. 33, 89-105.

218. Joschka Fischer, *Die Zukunft der auswärtigen Kulturpolitik*, Berlim, 04-07-2000 (discurso publicado na rede).

219. Dafydd ap Ierwgus, *Tutmondigo: Labori angle*, Esperanto 11/2000, p. 188.

A despeito desse papel do inglês, o aprendizado do alemão ou do francês ainda pode trazer algum benefício. Da mesma forma também os esperantistas vez por outra salientam que sua língua é útil, mesmo que ela continue a ser somente o instrumento de comunicação de uma minoria. Após uma aprendizagem não muito penosa – e por vezes até prazerosa – abre-se um mundo novo; descobrem-se contactos amistosos em grande quantidade e – de modo quase imperceptível – ajuda-se na compreensão entre os povos.

Enquanto uns acreditam que o esperanto não deve hoje tentar concorrer com o inglês, outros salientam que o futuro dele depende de decisões políticas. Umberto Eco conta que albaneses e tunisianos aprendem o italiano com facilidade simplesmente porque a tecnologia permitiu a eles assistir à televisão italiana. Segundo ele, com facilidade ainda maior seria possível acostumar os diversos povos a uma língua internacional auxiliar. Uma decisão política, acompanhada de uma campanha internacional nos meios de comunicação de massa, poderia então conduzir a uma rápida difusão da língua. Ele acrescenta: “Se ainda não ocorreu tal decisão política e se a realização dela tem se mostrado muito difícil, isso não significa que também no futuro ela não poderá ocorrer”.<sup>220</sup>

O esperanto teria chances reais de popularizar-se caso obtivesse mais apoio. Na Alemanha, o país, os estados da federação, e as cidades e comunidades gastaram no ano de 1998 cerca de 170 bilhões de euros com educação, pesquisa e ciência.<sup>221</sup> Pode-se supor que desse total pelo menos 10 bilhões de euros serviram direta ou indiretamente à difusão da língua inglesa. Se nós compararmos esse valor com os orçamentos das organizações de esperanto – no ano 2000 a Juventude Esperantista Alemã, a Associação Alemã de Esperanto e outras organizações do movimento no país puderam gastar ao todo cerca de 150 mil euros<sup>222</sup> – podemos concluir que na Alemanha a difusão do inglês dispõe de uma quantidade de recursos financeiros cerca de cem mil vezes maior, sobretudo se somarmos a isso as despesas das empresas privadas. O futuro do esperanto depende então de se saber se em algum momento se alterará essa proporção.

À pergunta sobre se o esperanto um dia “vencerá”, nós então não devemos responder que nos basta a utilidade que ele atualmente tem. Talvez a resposta mais madura fosse a seguinte: “Eu não sei se o esperanto um dia receberá aprovação geral, pois não é possível prever o futuro. Mas eu penso que isso é possível e desejável. E por isso eu trabalho para esse fim”.

Esperemos que muitas pessoas concordem agora com a seguinte – e infelizmente um pouco pessimista – opinião de Umberto Eco, mas que a tomem como uma motivação para agir:

Se o processo de unificação europeia for acompanhado pela pressão da multiplicação das línguas, a única solução reside na aceitação irrestrita de uma língua de comunicação europeia.

---

220. Umberto Eco, *A busca da língua perfeita*, cap. 16, *op. cit.*

221. Fischer Weltalmanach 2001, p. 236 – O total indicado provavelmente não inclui diversas despesas indiretas para educação e ciência como por exemplo as aposentadorias de professores. Esses custos adicionais são altíssimos, pois um professor alemão em geral aposenta-se aos 58 anos e passa a receber cerca de dois mil euros por mês.

222. Orçamento da GEJ para 1999/2000: EUR 75.000; da GEA para 2000: EUR 51.000.

Entre todas as objeções a única que permanece válida hoje é aquela que já havia sido enunciada por Fontanelle e que também se encontra na introdução de d'Alembert para a *Encyclopédie*, que é a observação sobre o egoísmo dos governos, que nunca se destacaram pela busca daquilo que seria o melhor para a sociedade humana como um todo. Por mais irrefutável que seja a necessidade de uma língua auxiliar internacional, uma humanidade que não é capaz de chegar a um consenso sobre as mais urgentes providências para salvar o planeta de uma catástrofe ecológica, não parece capaz de tratar de forma indolor as feridas deixadas por Babel.<sup>223</sup>

---

223. Umberto Eco, *A busca da língua perfeita*, cap. 16, *op. cit.*





## PERSPECTIVAS

Na opinião de Monsenhor Josef Grabmaier, padre de Munique, o esperanto é “a maior dádiva que a Igreja Católica poderia dar ao mundo”.<sup>224</sup> À primeira vista essa opinião pode parecer superficial, pois existem no mundo muitos problemas, em meio aos quais o problema lingüístico por certo não é o mais grave.

O Papa, os bispos e padres não raro dirigem aos fiéis – e às vezes também às demais pessoas – propostas, pedidos e ordens que merecem o mais alto respeito. É importante que eles encorajem os homens a abrirem seu coração para Cristo, amarem Deus e o seu próximo.

O esperanto não pode encontrar lugar em meio a esses ideais. Ele pode tão somente ser uma ajuda no caminho para objetivos mais profundos. Contudo, esses encorajamentos para aprender e utilizar o esperanto podem ter um valor especial como lembrança. A proposta de aprender esperanto não é somente algo bem concreto, mas para muitas pessoas também algo totalmente novo.

Nós já tentamos mostrar que o esperanto pode aplinar o caminho para o entendimento e a paz. Em muitas ocasiões as igrejas cristãs esforçaram-se em pacificar povos inimigos. Também durante a guerra no Kosovo, na primavera de 1999, o Papa João Paulo II procurou ajudar por via diplomática e com conclamações que ele repetiu em todas as cerimônias, audiências e mensagens, esforçando-se para que ambos os lados reencontrassem o caminho do amor e da paz.<sup>225</sup> Aquela guerra, todavia, acabou por ser decidida pelas armas.

Nós vemos então que nem todas as ofertas ou dádivas que a Igreja deseja fazer à humanidade são aceitas com corações abertos. Se a Igreja Católica decididamente tomasse iniciativas em favor do esperanto, ela também encontraria uma certa resistência. Entretanto há uma boa chance de que se a Igreja Católica aceitasse o esperanto o mundo faria o mesmo. Acreditando nisso, nós podemos também concordar com as palavras do padre Grabmaier.

Hoje em dia, muitas pessoas não falam esperanto simplesmente porque nunca ouviram a respeito da existência e da vitalidade dessa língua. Outros gostariam de aprendê-la, mas não conseguem encontrar um curso em sua região – mesmo em muitas cidades onde existem pessoas capazes de ensinar esperanto, nem as escolas de línguas nem os Grupos de esperanto oferecem tais cursos, pois o interesse não é grande o bastante. Tudo poderia mudar profundamente se o esperanto recebesse a atenção geral por conta de um evento favorável. Já

---

224. Em seu sermão durante um culto bilíngüe (alemão/esperanto) em Pfaffenhofen, Alemanha, em 25-11-2000.

225. Ver também: Carlo Sarandrea, La Papo pri Kosovo, *Espero Katolika* 3-4/1999, p. 40-43.

há muito tempo os esperantistas esperam por tal evento. Eles sonham, por exemplo, que em algum momento a União Européia analisará com seriedade o esperanto, ou que um dia a Associação Universal de Esperanto ganhará o prêmio Nobel da paz ou que o escritor William Auld receberá o Nobel de literatura, ou que um político famoso ou chefe-de-estado agirá com determinação em favor do esperanto.

Um evento desse tipo poderia ser também a decisão da Igreja Católica de aceitar o esperanto como o novo latim. Não seria preciso (e aparentemente tampouco seria possível) utilizar imediatamente o esperanto nos sínodos episcopais e eventos do gênero, mas poderia ser um passo importante fixar isso como meta para o futuro. Mas ainda assim, se o Papa, os bispos ou instituições eclesiásticas encorajassem publicamente todos os cristãos a aprender o esperanto, isso muito poderia ajudar a tornar o esperanto mais conhecido e popular.

Da mesma forma como com outros inventos como o fax e a Internet, a utilidade do esperanto cresce com cada novo usuário. E ele poderia tornar-se algo indiscutível para toda a humanidade, se o número de seus usuários em determinado momento ultrapassar um certo limiar.

Hoje em dia, muitas pessoas ou não têm qualquer idéia do esperanto ou têm noções erradas a seu respeito. É provável que seja mais por conta disso do que devido a argumentos racionais que o esperanto não tenha ainda uma aceitação geral. Assim também o escritor Umberto Eco durante décadas “zombou do esperanto”, até que durante a preparação de seu livro “A busca da língua perfeita” ele se dedicou mais profundamente à Língua Internacional e – como já mostramos – o apresentou de maneira bastante positiva naquele livro, refutando quase todas as objeções imagináveis.<sup>226</sup>

A Igreja Católica (e também as outras igrejas cristãs) está diante da decisão sobre se deve simplesmente deixar a política lingüística para o mundo leigo ou se deve contribuir com propostas, idéias e solicitações próprias. Se a Igreja deixar por completo a política lingüística para os chefes-de-estado, ministros da cultura e parlamentares nacionais, ela provavelmente a deixará a reboque da economia, isto é, dos grandes consórcios internacionais e outras empresas comerciais. Mas essas empresas não se interessam pela igualdade de direitos lingüísticos; a diversidade de línguas só atrapalha a sua busca pelo lucro. Logo, seria desejável que também a Igreja se engajasse nas discussões sobre políticas lingüísticas.

“Mesmo se eu soubesse que o mundo acabaria amanhã, eu ainda assim plantaria hoje minha macieira”. Esse pensamento é atribuído a Martin Luther King. É paradoxal que muitas pessoas vejam com respeito essas palavras enquanto que, por outro lado, até o presente, quase todas pensem: “Eu só aprenderia o esperanto hoje, se soubesse com certeza que ele vencerá amanhã”.

É gratificante, porém, que existam também pessoas que aprendem não somente aquelas línguas que parecem oferecer a elas as maiores vantagens pessoais, mas também aquela que poderia trazer para a humanidade a maior utilidade. Ao fazermos algo bom, percebemos muitas vezes que assim, no final das contas, ajudamos

---

226. *Esperanto aktuel* 1/1994, p. 4.

também a nós mesmos. Algo parecido ocorre muitas vezes com o esperanto: Para muitos parece que essa língua não chega a ter utilidade na vida cotidiana e na carreira profissional; eles a aprendem somente por um pensamento idealista. Contudo, depois de aprenderem, eles a vivenciam como um enriquecimento positivo de suas vidas, como fonte abundante de contactos profundos e agradáveis em todo o mundo.

Aos esperantistas cristãos resta o lindo sonho para cuja realização a Igreja poderia contribuir com encorajamentos e providências concretas. Mas resta ainda uma linda realidade de comunicação fluente e igualitária em uma atmosfera fraternal – e muitas possibilidades para agir conforme o ensinamento de Jesus Cristo. Terminemos com a citação do Bispo Karel Otcenášek:

Um dos frutos e tarefas mais importantes decorrentes do Concílio Vaticano II é o novo conceito de evangelização – ‘aggiornamento’, diálogo com o mundo. Para esse diálogo nós temos uma nobre ferramenta – a língua supranacional, que não privilegia nem discrimina ninguém. Usemos essa ferramenta para difundir o amor de Deus entre os homens.<sup>227</sup>



Esperantistas na Praça de São Pedro durante as saudações “Urbi et orbi”, Páscoa de 2002

---

227. Do sermão do Bispo Otcenášek durante o 81º Congresso Universal de Esperanto em Praga, ver *Dio Benu* 3/1996, p. 55.



## POSFÁCIO

Do final do século XIX até os dias de hoje o esperanto tem servido para trazer entendimento entre cristãos de diferentes países. Entretanto, a língua, sua proposta, vantagens e usos são ainda desconhecidos da maior parte da população mundial.

O primeiro estudo científico a examinar a barreira da língua na Igreja e as perspectivas do esperanto foi a dissertação do frei capuchinho polonês Jerzy Korytkowski. O original em italiano – *La Chiesa e il problema della lingua ausiliare internazionale* (A Igreja e o problema da língua auxiliar internacional), Roma 1976 – foi traduzido em francês<sup>228</sup> e espanhol<sup>229</sup>; em 1984 uma edição completamente revisada foi publicada em polonês<sup>230</sup>.

Na década de noventa do século XX – em decorrência do colapso dos regimes totalitários e com algum encorajamento do Vaticano – o movimento Cristão Esperantista experimentou um otimismo renovado. Na Alemanha, o Padre Bernhard Eichkorn buscava alguém para escrever um novo livro sobre a Igreja e o esperanto como uma alternativa à sua idéia de traduzir a obra do Frei Korytkowski para o alemão. Foi assim que o livro “*Esperanto – das neue Latein der Kirche*”<sup>231</sup> veio a ser publicado em 1999. A maior parte de seus dez mil exemplares foi vendida nos dois primeiros anos.

Após receber propostas de tradução do livro para outras línguas, o autor escreveu uma versão atualizada e ampliada em esperanto, publicada em 2001 com o título: “*Esperanto – la nova latino de la Eklezio*”<sup>232</sup>. Essa versão em esperanto tem servido de base para traduções em diversas línguas nacionais: inglês, húngaro, italiano, croata, holandês, polonês, eslovaco. Serviu também de base para esta versão em língua portuguesa traduzida por Ismael Mattos Andrade Ávila a partir de uma iniciativa de Francisco de Oliveira Mattos (Liga Brasileira de Esperanto) e Laysester José Flores Miró (Brazila Esperantista Katolika Organizo).

O objetivo deste livro é sanar a falta de uma obra que reúna informações abundantes e novas sobre a história e o presente do Movimento Cristão pelo Esperanto, e de um livro que expresse em palavras os argumentos em favor da língua, sobre cujas vantagens os cristãos esperantistas cada vez mais se conscientizam.

*O autor agradece de coração a Laysester José Flores Miró, Francisco de Oliveira Mattos e Ismael Mattos Andrade Ávila pelo empenho na edição desta obra em língua portuguesa.*

---

228. *Une langue internationale pour le monde et pour l'église*, Lille 1979.

229. *La Iglesia y el problema de la lengua auxiliar internacional*, Barcelona 1980.

230. *Pomocniczy jezyk miedzynarodowy w kosciele i swiecie wspólczesnym*, Poznan 1984. Tanto o original em italiano quanto a revisão em polonês foram traduzidos para o esperanto (Roma 1976 e Varsóvia 1986, op. cit.).

231. Armin Gmeiner Verlag, Messkirch 1999.

232. Flandra Esperanto-Ligo, Antuérpia 2001.



## ANEXO

### *O ESPERANTO E A IGREJA ORTODOXA*

*Adolf Burkhardt*

O primeiro livro sobre o esperanto surgiu no império russo em 1887, em quatro línguas, das quais a primeira foi o russo. Nada mais natural do que os primeiros adeptos da língua terem sido russos, dentre os quais um certo número de cristãos ortodoxos. Em 1895, a revista “La Esperantisto”, que foi o primeiro periódico dos usuários da nova língua, tinha na Rússia três quartos de seus leitores. Contudo não existem informações sobre qualquer tipo de atividade relacionada à Igreja Ortodoxa, de forma que o apoio ao esperanto foi sobretudo feito por iniciativas pessoais, dentre as quais algumas se destacaram.

O russo Ivan Genadievich Shirjaev, cujo pseudônimo era Ivan Malfeliæulo, nasceu em 11 de abril de 1877 em Vereteja, província de Jaroslavl, e morreu em 23 de outubro de 1933. Ele inicialmente foi professor, e a partir de 1904 tornou-se padre ortodoxo do vilarejo de Vologda. Em 1895, Shirjaev aprendeu esperanto e desde então nunca deixou de utilizá-lo. Ele participou dos concursos literários da SFPE (Sociedade Francesa para a Propagação do Esperanto), da “Ondo de Esperanto” (órgão dos esperantistas russos), e dos Jogos Internacionais das Flores (organizados por esperantistas da Catalunha, nos moldes dos concursos de poesia catalães) dentre outros. Ele colaborou com “L’Espérantiste” (órgão de esperantistas franceses), “Lingvo Internacia” (sucessora da revista “La Esperantisto”), “La Ondo de Esperanto” (da Rússia), “Kataluna Esperantisto”, “Literatura Mondo” (de Budapeste) entre outras. Ele escreveu, entre outros, os contos “Sep Rakontoj” (1906), “La ciganino” (1907, impresso em Braille), “Tra la loko ensoraĵita” (1913), “Forta Impreso” (1914), “Peko de Kain” (1933). Deixou importantes traduções manuscritas: Irmãos Caramazov (Dostoiévski), Guerra e Paz (L. Tolstoi), A Liturgia Divina (São João Crisóstomo, “São João Boca de Ouro”; outra versão de S. Prudho surgiu agora no livro ADORU). Até 1930, ele compilou 2092 textos alfabeticamente ordenados com o título “Esperanto-Enciklopedio”. Esse se tornou o cerne da posterior “Enciklopedio de Esperanto”. Em dois imponentes volumes, ela foi editada em 1933 pela *Literatura Mondo* de Budapeste.<sup>233</sup> Depois da morte de Shirjaev, missas em sua memória foram rezadas em esperanto pelo padre K. M.

---

233. Uma reimpressão, em um volume e sem ilustrações, foi lançada pela Hungara Esperanto-Asocio em 1986. Na página de título, Shirjaev é homenageado como “iniciador e redator-chefe”.

Kolobachkin, na igreja de Lomigory, em 6 e 11 de novembro e em primeiro de dezembro.

Outro russo, o siberiano Inocento Serishev, nasceu em 15 de agosto de 1883 em Kudara. De 1907 até 1917 ele trabalhou como padre ortodoxo na Sibéria. Ele se ocupou intensamente na educação do povo. Durante o regime czarista, permaneceu preso sob acusação de crime político. Deixou a União Soviética “por causa do despotismo e da arbitrariedade vermelhos” e foi para o Japão, lá permanecendo por três anos, período em que pesquisou o sistema educacional do país. Posteriormente, fixou residência em Sidney, Austrália. Ele aprendeu o esperanto em 1910 e tornou-se um dos pioneiros na Sibéria. No mesmo ano, com sua irmã Varvara, empreendeu uma viagem por 13 países da Europa por meio do esperanto e em toda parte fez propaganda da língua. Ele lançou um livro de 250 páginas sobre a Sibéria (1914) e dois volumes, cada um com cem páginas, da revista “Oriente” em Harbin.

O bispo ortodoxo russo Gabriele, de Chuguev, teve várias funções importantes dentro do movimento do esperanto. Nascido Mihail Kiperman, em 1891, ele se tornou esperantista em 1909. Em 1912, fez uma viagem por meio do esperanto, e visitou a Alemanha, a França, a Itália e a Áustria. Entre 1910 e 1914, ele trabalhou como secretário do grupo de esperanto de Kiev. Ele foi cônsul da Associação Universal de Esperanto – UEA e organizou o 2º Congresso de Esperanto da Rússia, em 1913.

Outros padres trabalharam individualmente em diversos locais, mas evidentemente sem criar qualquer tipo de organização. Em 1922, János Kozma, em Nyircsászári, Hungria, editou o periódico “Katolika Revuo”, com o subtítulo “sobre assuntos religiosos, culturais e literários.” De janeiro a outubro circularam cinco cadernos. A revista foi erroneamente catalogada como “católica-romana” na biblioteca de Aalen. Constatou-se que se tratava de uma publicação “católica-grega, com rito romano”. Não se tem informação sobre o que ocorreu posteriormente à revista.

Sandgren, em seu “Katalogo de Religia Literaturo”, mencionou o apoio ao esperanto por parte do presidente de Chipre, do Arcebispo Makarios, além de importantes cursos realizados em seminários ortodoxos húngaros e romenos. Citou também a leitura do evangelho em esperanto durante grandes missas pascais na Romênia, nos Estados Unidos e outras partes. Mas seria preciso pesquisar isso mais a fundo para encontrar documentos.

Em 1963, por ocasião do Congresso Universal em Sófia, o padre ortodoxo Dimitar Andreev, membro da KELI, fez um sermão em esperanto na Catedral Aleksandr Nevski. O culto evangélico ocorreu na Igreja Metodista Central, com um sermão do pastor Adolf Burkhardt. A despeito das boas relações pessoais, um evento conjunto era inimaginável e inviável naquela época.

Na Finlândia, de 1970 até 1972, circularam dez números do boletim “Unu Sankta Katolika Apostola Eklezio (ortodoksa kristanismo)” [Uma Santa Igreja Apostólica Católica (cristianismo ortodoxo)]. Ele era redigido e editado por Matti Saveljew. Na Biblioteca Alemã de Esperanto, em Aalen, encontram-se exemplares de todos os números.

No Anuário Esperantista Cristão de 1975, entre 25 membros búlgaros da KELI, 9 eram padres ortodoxos.



Em 1978, no Congresso Universal de Esperanto, realizou-se um culto ecumênico na catedral ortodoxa de Varna. A liturgia foi iniciada em eslavônio, mas o texto do Gênesis 11 foi cantado em esperanto. Seguiu-se um sermão nessa língua. A liturgia da eucaristia somente para católicos romanos foi celebrada pelo então presidente da IKUE, Ceslaw Biedulski. Padres ortodoxos que falavam esperanto participaram das reuniões temáticas da IKUE e da KELI, organizadas de forma a funcionar como um congresso ecumênico.

Em 1988, no âmbito do congresso da KELI em Jyväskylä, o líder da igreja ortodoxa da Finlândia, Arcebispo Johann, fez uma apresentação (em sueco, com uma boa interpretação em esperanto) sobre sua Igreja. Os congressistas participaram maciçamente de um evento noturno na igreja ortodoxa de Jyväskylä, ao final do qual ocorreu uma apresentação musical nos jardins da igreja.

Em 1995, Larisa Kuzmenko editou o boletim “Ortodoksa Heroldo” em sua cidade Nijxnij Tagil. Em 1997, ela participou do Segundo Encontro Ecumênico Europeu em Graz, na Áustria.

Em 1999, em Gliwice, na Polônia, o Congresso Ecumênico saudou o Doutor Bojidar Torov, da Bulgária, presidente da recém fundada Tutmonda Ortodoksa Ligo Esperantista – TOLE (Liga Mundial Ortodoxa Esperantista).



# APÊNDICE

## A. Abreviaturas

DR – Dia Regno (revista da KELI)

EK – Espero Katolika (revista da IKUE)

IKUE – Internacia Katolika Unuiĝo Esperantista (União Católica Esperantista Internacional)

IKUEJ IKUE-Junularo – Juventude da IKUE

JET – Junulara Ekumena Esperanto-Tendaro (Acampamento Ecumênico da Juventude Esperantista)

KELI – Kristana Esperantista Ligo Internacia (Liga Esperantista Cristã Internacional)

KET – Katolika Esperanto-Tendaro (Acampamentos Esperantistas de Católicos)

## B. Endereços

IKUE – Via di Porta Fabbrica 15, I-00165 Roma RM, Itália, [ikue@ikue.org](mailto:ikue@ikue.org)

IKUE-Brasil – <http://www.katolika.cjb.net>

KELI – Els van Dijk-Kuperus, Koningsmantel 4, NL-2403 HZ Alphen a/d Rijn, Holanda, [<javadi@worldonline.nl>](mailto:javadi@worldonline.nl)

## C. Páginas na Internet

IKUE: <http://www.ikue.org>

KELI: <http://www.filipo.citeweb.net>

*Página deste livro na Internet:*

<http://home.t-online.de/home/ulrich.matthias/latina.htm>

Sobre o Esperanto em geral (em cerca de 50 línguas): <http://www.esperanto.net>

Liga Brasileira de Esperanto: [www.esperanto.org.br](http://www.esperanto.org.br)

## **D. Cronologia**

1887 – Em 27 de julho, em Varsóvia, Dr. Ludwig Lejser Zamenhof publicou o primeiro livro didático de esperanto.

1902 – Padre Emile Peltier funda a sociedade “Espero Katolika” e edita a partir do ano seguinte a revista de mesmo nome.

1905 – Por ocasião do primeiro Universala Kongreso de Esperanto, em Boulogne-sur-Mer, reúne-se pela primeira vez um considerável número de católicos esperantistas.

1910 – O primeiro Katolika Esperanto-Kongreso ocorre em Paris. Nesse congresso foi fundada a União Esperantista Católica Internacional (IKUE).

1911 – Em Antuérpia esperantistas protestantes fundam a Kristana Esperantista Ligo Internacia – KELI.

1926 – Em Londres a Sociedade Bíblica Britânica e de outros países edita a Bíblia em esperanto (velho e novo testamentos).

1945-89 – Apesar das enormes dificuldades, esperantistas católicos realizam inúmeras atividades também na Europa oriental.

1968 – Em Limburg (Alemanha), acontece o primeiro Congresso Ecumênico de Esperanto.

1977 – A Rádio do Vaticano começa a emitir regularmente em esperanto, de início uma vez por semana, a partir de 1981 duas vezes e depois de outubro de 1998 três vezes.

Na Tchecoslováquia a polícia prende os organizadores do Acampamento Católico de Esperanto; pouco depois a seção tcheca da IKUE é forçada a fechar as portas.

1990 – Em novembro o Vaticano aprova os textos da missa em esperanto.

1991 – Nos Dias Mundiais da Juventude, em Czestochowa, o Papa João Paulo II saúda os participantes também em esperanto.

Depois de uma interrupção forçada de 14 anos a seção tcheca da IKUE recomeça a organizar os Acampamentos Católicos Esperantistas.

No final de novembro o bispo auxiliar romeno György Jakubinyi, atualmente arcebispo de Alba Iulia, defende abertamente a introdução do esperanto como língua eclesiástica.

1992 – Com um decreto do Conselho Papal para Leigos o Vaticano reconhece oficialmente a IKUE como uma organização internacional de fiéis.

1994 – O Papa João Paulo II começa a pronunciar suas saudações de páscoa e de natal todos os anos também em esperanto.

1995 – Em Roma, surge o “Livro da missa e das leituras para as festas dominicais” em esperanto.

1996 – Durante o Acampamento Católico de Esperanto em Sebranice (República Tcheca) é fundada a IKUEJ, a seção da IKUE para a juventude.

1997 – Em Unterkirnach, na Floresta Negra (sul da Alemanha), acontece o primeiro JET “Junulara Ekumena Esperanto-Tendaro” (Acampamento Ecumênico de Esperanto para a Juventude).

Durante a audiência geral na Praça de São Pedro o Papa João Paulo II saúda em esperanto os participantes do 50º Congresso da IKUE.

1998 – Em Taizé ocorrem, dentro do 2º Acampamento Ecumênico de Esperanto para a Juventude, debates e conversas bíblicas em esperanto.

2001 – Na Alemanha, é editado o livro de cantos e preces “ADORU”, com 1.400 páginas.

2002 – Em 14 de outubro, por ocasião do 25º aniversário das transmissões em esperanto da Rádio do Vaticano, e em resposta a uma carta enviada pelo presidente de honra da União Católica Esperantista Internacional – IKUE, padre Duilio Magnani, o Secretário de Estado Papal, Cardeal Angelo Sodano, transmitiu a bênção de João Paulo II aos ouvintes das transmissões em esperanto da Rádio do Vaticano.

## E. A Estrutura do Esperanto

**Pronúncia** - O alfabeto do Esperanto tem 28 letras:

a, b, c, æ, d, e, f, g, ø, h, ĵ, i, j, ¼, k, l, m, n, o, p, r, s, ŝ, t, u, ý, v, z

a, e, i, o, u são pronunciadas como nas palavras c-a-sa, m-e-sa, i-lha, b-o-ca, u-va.

c ts – como na palavra pi-*zz*-a

æ tch – como em tchê

g g – sempre como g em gato ou gu em guia

ø dj – como o -j inglês em John

ĵ gutural como o -j espanhol em mujer

j i – em ditongo, como em cai, sei

(oj: oi – como em boi)

¼ j – como em já, justo

r sempre como em para, arado

s s – como em sala, sopa

ŝ ch – como em chuva, ficha

ý u – como em mau

**A sílaba** (vogal) tônica é sempre a penúltima: *hotelo*, *kontinento*, *familio*

### Terminações

As seguintes terminações (desinências) caracterizam partes da frase:

-o	substantivo	sukceso – sucesso, êxito
-i	verbo (infinitivo)	sukcesi – ter sucesso, ter êxito
-a	adjetivo	sukcesa – bem sucedido, exitoso

**No plural** um -j é acrescentado aos substantivos e aos adjetivos a eles relacionados:

granda domo – uma casa grande

grandaj domoj – casas grandes

**Advérbios** têm a terminação -e:

Marta estas bela. – Marta é bonita.

Marta kantas bele. – Marta canta bonito.

O objeto direto de um verbo é marcado com um -n (desinência acusativa):

Li estas bona amiko. – Ele é um bom amigo.

Li havas bonan amikon. – Ele tem um bom amigo.

### Os artigos

Os artigos definidos (a, o, as, os) são “la”. Os artigos indefinidos (uma, um, umas, uns) não se traduzem:

la tablo – a mesa      tablo – uma mesa  
la tabloj – as mesas      tabloj – umas mesas

### **Pronomes pessoais**

#### **Os pronomes pessoais são:**

mi – eu  
vi – você, vocês  
li – ele  
ŭi – ela  
øi – ela, ele (para animais e coisas)  
ni – nós  
ili – elas, eles

**Os pronomes possessivos** são formados pelo acréscimo da desinência adjetiva –a ao pronome correspondente:

mia – minha, meu  
via – sua, seu  
lia – dele, ...

### **Tempos e modos verbais**

As seis terminações verbais são:

-as      presente  
-is      pretérito  
-os      futuro  
-i      infinitivo  
-u      imperativo  
-us      condicional (futuro do pretérito)

**Não há verbos irregulares**, e as terminações não variam com o sujeito:  
mi estas – eu sou, vi estas – você é, li estas – ele é, ...

### **Os numerais**

Os numerais básicos são:

1 unu	7 sep
2 du	8 ok
3 tri	9 naý
4 kvar	10 dek
5 kvin	100 cent
6 ses	1.000 mil

Dezenas, centenas e milhares são formados pela simples junção dos numerais:  
2.374 dumil tricent sepdek kvar

Números ordinais são formados com a desinência -a:  
unua – primeiro/a, dua – segundo/a, tria – terceiro/a, ...

### **Perguntas**

Perguntas do tipo sim/não são formadas com “æu”:

Æu vi komprenas min? – Você me entende?

(jes = sim, ne = não)

### **Comparação**

Os adjetivos comparativos são formados com “pli” (mais).

Os superlativos com “plej” (o mais):

granda – grande

pli granda ol – maior que

plej granda – o maior

### **Formação das palavras**

Em esperanto existe um sistema de afixos que permite construir muitas palavras, de maneira que não é necessário aprendê-las uma a uma. Eis alguns exemplos:

#### *Prefixos*

mal- antônimo: bona - bom, malbona - mau

re- novamente, de volta: vidi - ver, revidi - rever; veni – vir, reveni – voltar.

#### *Sufixos*

-ar coletivos: arbo - árvore, arbaro - floresta

-ebl possibilidade: vidi - ver, videbla - visível

-eg aumentativo: varma - quente, varmega - quentíssimo

-ej lugar: lerni - aprender, lernejo - escola

-et diminutivo: libro - livro, libreto - livrinho

-ig tornar: plena - cheio, plenigi - encher

-il instrumento: razi - barbear, razilo - navalha

-in feminino: reø - rei, reøino - rainha

-ul pessoa: sankta - santo, sanktulo - um santo



## **F. PRECES**

### **Prego de la Sinjoro/Patronia (Pai Nosso)**

Venu via regno, fariøu via volo, kiel en la æielo, tiel ankaý sur la tero. Nian panon æiutagan donu al ni hodiaý, kaj pardonu al ni niajn þuldojn, kiel ankaý ni pardonas al niaj þuldantoj. Kaj ne konduku nin en tenton, sed liberigu nin de la malbono. Æear via estas la regno kaj la potenco kaj la gloro eterne. Amen.

### **Saluton Maria (Ave Maria)**

Saluton Maria, gracoplana, la Sinjoro estas kun vi. Benata vi estas inter la virinoj, kaj benata estas la frukto de via sino, Jesuo. Sankta Maria, Dipatrino, preøu por ni pekuloj, nun kaj en la horo de nia morto. Amen.



## O AUTOR

*Ulrich Matthias, nascido em 1966 em Bad Pyrmont, Alemanha, estudou matemática em Heidelberg, onde se doutorou em 1994.*

*Ele trabalha como matemático de seguros em Wiesbaden.*

*Aprendeu esperanto em 1986. Desde então participa – além do movimento em geral – também de muitos eventos católicos e ecumênicos de Esperanto.*

*Desde 1992, dirige a área de relações públicas da seção alemã da União Católica Esperantista Internacional – IKUE.*



Ulrich Matthias e Nan Matthias-Wang



## **ENDEREÇOS ÚTEIS**

ASSOCIAÇÃO UNIVERSAL DE ESPERANTO

[www.uea.org](http://www.uea.org)

LIGA BRASILEIRA DE ESPERANTO

[www.esperanto.org.br](http://www.esperanto.org.br)

JUVENTUDE MUNDIAL ESPERANTISTA

[www.esperanto.org/internacia/TEJO](http://www.esperanto.org/internacia/TEJO)

JUVENTUDE ESPERANTISTA DO BRASIL

[www.geocities.com/Athens/Delphi/2742](http://www.geocities.com/Athens/Delphi/2742)

CENTRO CULTURAL DO ESPERANTO (CAMPINAS)

[www.esperanto.cc](http://www.esperanto.cc)

[www.aleph.com.br/kce/reto.htm](http://www.aleph.com.br/kce/reto.htm)

## **LISTAS DE DISCUSSÃO**

ESPERANTO-BR

[www.itabiragnet.com.br/esperantobr](http://www.itabiragnet.com.br/esperantobr)

EKI (INICIANTES)

[www.esperanto.org.br/eki](http://www.esperanto.org.br/eki)

VEKI

[www.esperanto.org.br/veki](http://www.esperanto.org.br/veki)

## **CURSOS**

CURSO MULTIMÍDIA

[www.cursodeesperanto.com.br](http://www.cursodeesperanto.com.br)

CURSO NA INTERNET

[hera.nied.unicamp.br/~teleduc/pagina\\_inicial/cursos\\_all.msql?tipo\\_curso=A](http://hera.nied.unicamp.br/~teleduc/pagina_inicial/cursos_all.msql?tipo_curso=A)